

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

SAULO KUSTER

**LAZER NOTURNO E JUVENTUDES: UMA ETNOGRAFIA
NA RUA DA LAMA-ES**

VITÓRIA

2021

SAULO KUSTER

**LAZER NOTURNO E JUVENTUDES: UMA ETNOGRAFIA NA RUA
DA LAMA-ES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Liana Abrão Romera

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Capellini Rigoni

VITÓRIA

2021

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

K971 kuster, saulo, 1996-
Lazer noturno e juventudes: : Uma etnografia na Rua da Lama-ES / saulo kuster. - 2021.
149 f. : il.

Orientadora: Liana Romera.

Coorientadora: Ana Rigoni.

Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos.

1. Lazer Noturno. 2. Juventudes. 3. Etnografia. I. Romera, Liana. II. Rigoni, Ana. III. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. IV. Título.

CDU: 796

SAULO KUSTER

LAZER NOTURNO E JUVENTUDES: UMA ETNOGRAFIA NA RUA DA LAMAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dra. Liana Abrão Romera
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof. Dra. Ana Carolina Capellini Rigoni
Universidade Federal do Espírito Santo
Coorientadora

Prof. Dr. Mauro Myskiw
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Ivan Marcelo Gomes
Universidade Federal do Espírito Santo

Ao meu pai, Osmar Kuster (em memória), que por pouco não fruiu deste momento.
Aos jovens participantes desta pesquisa, sujeitos fundamentais na construção dos
espaços de lazer noturno.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Martha, minha mãe, e ao “seu” Osmar, meu pai (em memória), por sempre me incentivarem nos estudos.

Às minhas irmãs, Magda, Bárbara e Sueli, e meu cunhado, Jackson, pelo carinho e compreensão nas minhas ausências.

À Tainara, pelo companheirismo e paciência ilimitada.

À Liana, pela orientação precisa e amorosa nos momentos mais delicados. A Carol, por ser uma coorientadora tão atenta e compreensiva. Sem esta equilibrada forma de orientação, não conseguiria coisa alguma.

Ao professor Jocimar Daolio, por aceitar, tão gentilmente, participar da qualificação desta dissertação, fazendo críticas e sugestões sempre pertinentes. O compartilhamento de sua longa experiência me motivou e me auxiliou.

Ao Hugo Soares, por acompanhar a pesquisa escrita e seus bastidores desde o início. As inúmeras sugestões de leituras, as boas conversas na UFES ou no bar Cochicho da Penha, certamente foram fundamentais na escrita deste trabalho e na minha formação pessoal.

Agradeço ao professor Mauro Myskiw, que me permitiu fazer parte da disciplina Esporte e Lazer em Etnografias, no ano de 2020, e aceitou, generosamente, participar da banca de defesa deste trabalho. Ao Ivan Marcelo Gomes, agradeço a disponibilidade de participar da banca de defesa, e também, por, durante a disciplina de Ciência e Método, na ocasião do cumprimento dos créditos obrigatórios do mestrado, me apresentar belissimamente a discussão entre a ciência e a literatura.

Aos membros do grupo de estudos Andaluz, pelo apoio nas discussões de textos do campo de estudos do lazer.

Aos frequentadores da Rua da Lama, que me acolheram no interior dos grupos de amigos. Em especial, ao Juliano, que me mostrou Ruas da Lama que jamais conheceria sozinho.

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsa durante boa parte do meu mestrado.

RESUMO

O estudo questiona como se constituem os trajetos de lazer noturno dos frequentadores da Rua da Lama. A metodologia utilizada foi a etnografia, tendo como principal referência o conceito de “descrição densa”, do antropólogo Clifford Geertz, e, como instrumentos de pesquisa, observações, anotações, conversas informais e entrevistas semiestruturadas. Para isso, vivenciei presencialmente as formas de lazer e seus trajetos nos eventos, no interior dos bares, nas calçadas e na rua, no ano de 2019. Durante o ano de 2020 e parte de 2021, tempo de ocorrência da pandemia de COVID-19, a pesquisa foi passada, num primeiro momento, ao ambiente virtual, onde investiguei o lazer dos interlocutores anteriormente contactados. Posteriormente, passei a me reinserir presencialmente no campo de pesquisa, mesclando estratégias virtuais e presenciais. Os resultados desta pesquisa apontam que a Rua da Lama é um ambiente complexo, que resguarda formas de lazer muito diferentes em suas noites. Isso faz com que o lazer noturno no local seja, para alguns, sinônimo de caos, enquanto, para outros, uma forma de democratização do ambiente. Os trajetos durante as noites têm como finalidade central a busca pela continuidade da diversão iniciada num primeiro espaço de lazer, sendo constituído/mobilizado por aspectos ligados à compatibilidade de gostos musicais e de público, além de estar relacionado ao poder aquisitivo. A Rua da Lama é apropriada por seus frequentadores como um ambiente *central de lazer*, e como um local de realização de *esquentas* e *saideira*. Durante o período de isolamento social, percebi nos interlocutores dificuldade em gerir o próprio tempo. Essa situação criou o *embaralhamento* entre o tempo de trabalho e o tempo que, outrora, era utilizado para o lazer. Na ocasião de retomada presencial do lazer noturno na Rua da Lama, notei características do momento de “normalidade” e reminiscências do período pandêmico. Isso faz com que, em alguns casos, inexista o trajeto de lazer noturno, ou, quando ocorre, seja um trajeto de lazer noturno derivado, que ao invés de ligar-se às boates (como é tradicional), conecta-se às *sociais* e as festas noturnas clandestinas.

Palavras-chave: Lazer Noturno; Juventudes; Etnografia.

ABSTRACT

The study questions how the regular visitor's nighttime leisure routes of Rua da Lama constituted. The methodology used was ethnography, taking as main reference the concept of "dense description" of anthropologist Clifford Geertz, and as research instruments; observations, notes, informal conversations and semi-structured interviews. For this, I experienced the forms of leisure and its routes in the events, in the bars, in the sidewalks and on the street, in 2019. During the year 2020 and part of 2021, the moment of COVID-19 pandemic, the research was transferred, at first, to the virtual environment, where I investigated the interlocutor's leisure previously contacted. Later, I started to reinsert myself in the research field, mixing virtual and in-person protocols. The results of this inquiry, shows that Rua da Lama is a complex environment, which protects several forms of leisure in its nights. This makes nighttime leisure in the place, for some people, synonymous with chaos, while for others, it is a form of democratization of the surroundings. The evening routes takes as its main purpose, the search for continuity of fun started in a first leisure space, being constituted/mobilized by aspects related to the compatibility of musical tastes and audience, in addition to being related to purchasing power. Its visitors appropriates Rua da Lama as a central place for leisure and as a place to carry out warm-ups and nightcaps. During the period of social isolation, I could perceived the interlocutors' difficulty in managing their own time. This situation created some confusion between work time and time that was formerly used for leisure. At the time that people started to come back to Rua da Lama evening, I noticed characteristics of the moment of "normality" and reminiscences of the pandemic period. This means that, in some cases, the nocturnal leisure route does not exist, or, when it occurs, it is a derived night leisure route, which instead of connecting to nightclubs (as it is traditional), connects to social and the clandestine night parties.

Keywords: Night Leisure; Youths; Ethnography.

LISTA DE SIGLAS

EART – Ensino-Aprendizagem Remoto Temporário e Emergencial

EF – Educação Física

MPES – Ministério Público do Espírito Santo

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1: Mapa dos espaços de bares na Rua da Lama. Avenida Anísio Fernandes Coelho e adjacências, no ano de 2019. _____ | 33 |
| Figura 2: Rua da Lama no início das atividades. _____ | 40 |
| Figura 3: Noite de atividade do som de fogueira. _____ | 42 |
| Figura 4: Noite de atividade do som de fogueira. _____ | 47 |
| Figura 5: Fachada do Shots Bar. _____ | 53 |
| Figura 6: Folders de festas na Rua da Lama. _____ | 74 |
| Figura 7: Folder da festa Bar e Builder na Rua da Lama. _____ | 74 |
| Figura 8: Latões de lixos usados como espaço de armazenamento de bebida. ____ | 77 |
| Figura 9: Aglomeração de jovens na Rua da Lama na noite de 20/02/ 2021. ____ | 109 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| UMA BREVE APRESENTAÇÃO..... | 11 |
| INTRODUÇÃO | 15 |
| 1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 22 |
| 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO | 31 |
| 2 DO SOM DE FOGUEIRA E O SHOTS BAR | 35 |
| 2.1 CASOS DE DROGAS ILÍCITAS | 58 |
| 3 SOBRE A SEXTA-FEIRA E O SÁBADO NA RUA DA LAMA: OUTRA FORMA DE VER O CAMPO | 65 |
| 4 ROCKS NA LAMA..... | 72 |
| 5 O LAZER NA RUA DA LAMA: <i>ESQUENTA, ESPAÇO CENTRAL</i> E A SAIDEIRA | 81 |
| 6 VIVÊNCIAS DE LAZER DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS NO “CALOR DA HORA” | 87 |
| 6.1 A QUESTÃO DO <i>EMBARALHAMENTO</i> DO TEMPO DE TRABALHO E TEMPO DE LAZER NOTURNO | 98 |
| 7 O RETORNO PRESENCIAL À RUA DA LAMA | 102 |
| 7.1 NOTAS SOBRE OS “NOVOS” TRAJETOS DE LAZER | 104 |
| 7.2 DEMOCRACIA E VIOLÊNCIA: DUAS FACES DA MESMA RUA..... | 110 |
| 7.3 SOBRE AS FIGURAS CARIMBADAS | 118 |
| 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 122 |
| 9 REFERÊNCIAS..... | 128 |
| APÊNDICE | 140 |
| APENDICE 1 – Roteiro de entrevista semiestruturada | 140 |
| ANEXOS | 141 |
| ANEXO 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido | 141 |
| ANEXO 2 – Parecer Consubstanciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – UFES | 145 |
| ANEXO 3 – Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos..... | 148 |

UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Graduei-me Bacharel e Licenciado em Educação Física (EF) no ano de 2018 e, durante meu período de formação, percebi que boa parte dos meus professores e colegas de curso viam o corpo humano somente no seu aspecto biológico, desconsiderando ou apequenando a dimensão do viver em sociedade. Hoje, fazendo um exame rigoroso dessa etapa acadêmica, tendo a atribuir tal situação à perspectiva formativa que a universidade encampava, que era voltada, em grande medida, ao que designavam como “mercado”: academias de musculação, clubes esportivos e atividades fins. Esse posicionamento me incomodava não pela sua interface com o dito “mercado” propriamente, mas pela redução do corpo à esfera biofisiológica. Embora não tivesse subsídios teórico-metodológicos para contestar esse modelo, conseguia intuir que existiam outros caminhos científicos que melhor me auxiliariam na compreensão e explicação do ser humano integral.

Esse tipo de formação pragmática privilegiava poucas questões que concerniam reflexões relacionadas ao campo de conhecimento do lazer, minha principal temática neste trabalho. Contudo, a partir de (pequenas) exposições a autores clássicos do lazer internacional, como Joffre Dumazedier e, no âmbito nacional, Nelson Carvalho Marcellino, pude notar alguns caminhos de pesquisa distintos dos conteúdos tradicionais¹ da EF. O impacto causado pela leitura desses autores me fez tomar consciência de que existem outras formas de realizar investigação científica no campo da Educação Física.

Um trabalho que serviu como uma espécie de divisor de águas na minha vida acadêmica foi *A erva do diabo, os ensinamentos de Don Juan* (nome dado à publicação em língua portuguesa)², pois consegui enxergar ali um tipo de descrição e análise da vida humana envolvente e distinto de tudo que havia tido contato até

¹ Assim como um grande número de pessoas, via como os conteúdos que caracterizavam a EF os esportes, danças, lutas e atividades desta natureza.

² O título dessa publicação acabou por gerar um desvio em relação ao sentido original da obra, que deveria se chamar *Os Ensinamentos de Don Juan: O Caminho Yaqui do Conhecimento*.

então. Esse trabalho foi escrito por Carlos Castañeda que, grosso modo, relata seus encontros com Don Juan Matus, um indígena que passou a ser uma espécie de mestre no “caminho do conhecimento”, vencendo as barreiras do medo através de experiências com uma planta alucinógena.

Castañeda tinha o objetivo de realizar seu estudo de mestrado sobre a cultura da América Central, mas as tramas que foram relatadas em texto ultrapassam (e muito) os limites mais padronizados dos estudos acadêmicos, dando à obra um tom envolvente e revelador. Trago-lhes a passagem que mais impactou quando li sua obra e, por conseguinte, mudou a maneira como eu enxergo a elaboração/escrita de uma pesquisa científica.

A erva-do-diabo tem quatro cabeças: a raiz, a haste e as folhas, as flores, e as sementes. Cada qual é diferente, e quem a tornar sua aliada tem de aprender a respeito delas nessa ordem. A cabeça mais importante está nas raízes. O poder da erva-do-diabo é conquistado por meio de suas raízes. A haste e as folhas são a cabeça que cura as moléstias; usada direito, essa cabeça é uma dádiva para a humanidade. A terceira cabeça fica nas flores e é usada para tornar as pessoas malucas ou para fazê-las obedientes, ou para matá-las. O homem que tem a erva por aliada nunca absorve as flores, nem mesmo a haste e as folhas, a não ser no caso de ele mesmo estar doente; mas as raízes e as sementes são sempre absorvidas; especialmente as sementes, que são a quarta cabeça da erva-do-diabo e a mais poderosa das quatro (CASTAÑEDA, 2009. P.82)

Atualmente, tenho clareza que a inquietação e encantamento pelos trabalhos dessa natureza não tem ancoragem no reverberar das possíveis publicações ou no prestígio decorrente disso, mas na possibilidade existente na etnografia de interpretar os fenômenos mais “exóticos” ou “comuns” das sociedades a partir de teorias pré-existentes e vivência de campo.

Com o encantamento quase que imediato com textos antropológicos, procurei professores que tivessem condição de me orientar em algum estudo que fizesse articulação entre os temas que eu julgava pertencer à Educação Física e aqueles que eram “coisa” de antropólogo. Essa busca, que partia de uma concepção disciplinar ingênua, fez com que eu tivesse mais clareza das formas de produção de conhecimento dos campos, pois realizei uma iniciação científica e a monografia de conclusão de curso buscando compreender como acontecia a sociabilidade entre os jogadores de bocha através de uma etnografia.

No último período da graduação, comecei a fazer parte do grupo de estudos ANDALUZ³, do qual sou integrante atualmente. Durante as reuniões, percebi que os integrantes estudavam aspectos que relacionam diferentes vivências do lazer da juventude e uso de substâncias lícitas e ilícitas na sociedade atual. Embora meu primeiro contato com a produção científica tivesse um objetivo e uma lógica distinta daquela estabelecida no grupo de estudos, vi que era possível articular meus interesses no âmbito antropológico aos do grupo –que foram incorporados em grande medida por mim, por meio de uma pesquisa etnográfica sobre o lazer noturno.

Faço esta pequena explicação dos caminhos (tortuosos) que me fizeram chegar até a elaboração desta dissertação, no intuito de marcar alguns pontos de inflexão acadêmicos que culminaram na investigação científica na Rua da Lama. Cabe ainda, em caráter de apresentação, dizer que a Rua da Lama, ou somente “a Lama” (para os iniciados), fica localizada no Bairro Jardim da Penha, mais precisamente em uma parte da Avenida Anísio Fernandes Coelho – Vitória ES. Penso que não cabe aqui fazer grandes explanações a respeito de suas lógicas e ambiguidades, quero somente chamar atenção para meu primeiro olhar para o campo e destacar que a vivência empírica acabou fazendo com que minhas análises, em alguns aspectos, tenham sido transformadas parcialmente, ou de maneira integral, a partir da vivência extensa de campo.

A Rua da Lama não era um ambiente que conhecia até me aproximar do grupo de estudos. Tive meu primeiro contato com o lugar como a maior parte das pessoas: fui beber algo, que no contexto do local significa, majoritariamente, consumir bebidas alcoólicas. Minha primeira impressão do lugar foi de absoluta afeição, fiquei impactado com o número de pessoas frequentando, mas não só. Me encantou ver como o ambiente abarcava pessoas tão diversas e descontraídas, como os bares

³ O Andaluz é um grupo fundado pela doutora Liana Abrão Romera, no âmbito da Universidade Federal do Espírito Santo, e tem por objetivo principal conhecer e estudar as diferentes manifestações de vivência do lazer da juventude e as possíveis relações que se estabelecem entre vivência do tempo livre e uso de substâncias lícitas e ilícitas na sociedade atual.

têm formas tão diferentes entre si, e como as noites eram sempre agitadas. Em suma: fiquei impactado com a pluralidade do local. Foram basicamente esses aspectos e impressões iniciais que motivaram e deram início a esta pesquisa.

INTRODUÇÃO

Pesquisas produzidas nas últimas décadas demonstram que a vivência do tempo de lazer na sociedade contemporânea pode ser influenciada por diferentes fatores. Por conta das características do trabalho atual, marcado pela exigência da produtividade, modifica-se a relação que se estabelece no tempo de lazer. Segundo Magnani (2005), o lazer noturno, mais ou menos no formato que entendemos atualmente, surgiu no final do século XIX, e, desde então, vem sofrendo diversas transformações, sendo balizado pelo consumo. As atividades de lazer noturno talvez sejam exemplos sobre o modo como o uso do tempo disponível está atrelado ao hiperconsumo e hedonismo, características presentes na sociedade atual, que se apoiam na incessante busca de novas sensações (LIPOVETSKY, 2007).

O lazer moderno não pode ser entendido apenas como uma forma espontânea de prazer gratuita, mas, em muitos casos, também como consumo, potencializando atividades econômicas dentro do mercado de serviços (SOUZA, 2006). É nesse cenário complexo do lazer noturno que os bares ganham projeção e capilaridade, pois são frequentados por diversos perfis de pessoas buscando diversão e comensalidade (BARRAL, 2006). Se os bares espalhados por uma cidade já são pontos fortes para a prática de lazer noturno, o que dizer, então, de uma rua que reúne diversos bares e que, principalmente à noite, se torna um cenário tipicamente boêmio? Esse é o caso do campo de estudo escolhido para a realização desta pesquisa.

A Rua da Lama, objeto de estudo desta pesquisa, fica localizada na cidade de Vitória – ES, e é considerada pelo poder público como um dos redutos boêmios mais importantes da cidade, sendo citada no *síte* da prefeitura e nos encartes turísticos que são distribuídos em pontos estratégicos. Trata-se de um objeto de pesquisa socioespacial que é construído há décadas como local de lazer noturno pela população capixaba e, portanto, é bastante vinculado à boemia local.

Historicamente, a Rua da Lama tem sido um local muito frequentado por trabalhadores e estudantes universitários jovens, como analisado no trabalho de Gripp (2015). Para Oliveira (2018), que também notou a preponderância dessa

fração de frequentadores, a Rua da Lama é um dos mais importantes espaços para o lazer dos moradores de Jardim da Penha, pois congrega diferentes opções de divertimento e reúne um público plural. As informações sobre a Rua da Lama exploradas em Gripp (2015) e Oliveira (2018) corroboraram para considerar o espaço como um lócus de pesquisa fértil. Os estudos realizados por Gripp (2015) e Oliveira (2018) mostram, também, que apesar da Rua da Lama ser um ambiente pouco estudado, ele é amplamente difundido como local de diversão jovem.

Com base na produção científica das Ciências Humanas sobre as cidades e seus enredos, percebi que antes de delimitar com mais precisão meu objeto e problema de pesquisa, seria necessária uma primeira imersão no campo. **Desse modo, dei início a uma pré-observação da Rua da Lama em dias e horários bastante distintos, na parte inicial do ano de 2019. Isso fez com que eu exercitasse o movimento de inserção etnográfica que caracteriza esta pesquisa**, me permitindo elaborar algumas reflexões e definir os rumos deste estudo.

A partir da organização das informações coletadas durante esse período de pré-campo, observei uma série de características que compõem a Rua da Lama em sua totalidade. A começar pelo fato dela estar localizada em frente a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e, por isso, reunir muitos de seus estudantes, professores e funcionários, que aproveitam os diversos bares do local para a prática do *happy hour*⁴ ou, simplesmente, tomar café e comer alguma coisa no fim de suas jornadas de trabalho e estudo.

Além dos bares, que compõem o cenário da Lama no fim de tarde e durante a noite, existem algumas lanchonetes, restaurantes e comércios de diferentes naturezas, que lhe dão outra “cara” durante o dia, pois estão ligados, marcadamente, às atividades que compõem os compromissos da vida cotidiana. Dentre esses comércios, destacam-se copiadoras/ xerox, lojas de roupas,

⁴ Esta expressão traduzida do inglês de maneira literal é a “hora feliz”. No Brasil ela se tornou sinônimo de um pequeno encontro de amigos, logo depois do horário de trabalho, para beber alguma coisa e relaxar. O *happy hour* é uma prática que não tende a se prolongar, uma vez que é realizado em dias de semana.

papelarias, farmácia, sebo de livros, escola de idiomas, entre outros. Portanto, sob certo aspecto, existem “duas” Ruas da Lama, se pensarmos na mudança da natureza dos comércios que encontrados nela. Uma diurna e, outra, noturna.

Dos comércios mais recorrentes na Rua da Lama os bares se apresentam em maior quantidade. O tempo de vida desses estabelecimentos é condicionado pela lucratividade da atividade, assim como comércios de outra natureza. Por isso, a Rua da Lama já abrigou inúmeros bares desde seu início, como foi retratado no documentário elaborado pela cineasta capixaba Ursula Dart, ao apresentar o crescimento de Vitória a partir das mudanças físicas e de comportamento no ambiente. O documentário “Uma volta na Lama” é baseado em registros pessoais noturnos da Rua da Lama na década de 1980, e ilustra com riqueza de detalhes os comércios daquele período (que em sua maioria já não existem mais) e o divertimento naqueles espaços⁵.

Percebi também, durante a realização do pré-campo, que a Rua da Lama não se transforma em um ambiente atrelado fundamentalmente ao lazer como um “passe de mágica”, mas ganha esse contorno a partir do momento em que os jovens estão liberados de seus compromissos sociais, como trabalho, estudo, culto religioso e outros. Nesse sentido, a Rua da Lama é concebida como ambiente boêmio e de diversão, a partir do tempo disponível de seus frequentadores.

Cada uma das noites de lazer na Rua da Lama reúne grupos de pessoas com perfis diferentes e dinâmicas próprias. Existe a noite dos interessados em assistir jogos de futebol, a noite dos que querem curtir certo tipo de música, a noite mobilizada principalmente pelos jovens universitários que organizam comemorações nos bares, calçadas ou na rua, entre outras tantas possibilidades construídas socialmente. Em suma, cada noite de lazer congrega diversos desses grupos de divertimento.

⁵ O lançamento ocorreu na abertura da VI Mostra Produção Independente, no Cine Metrópolis/UFES. Fonte: <https://secult.es.gov.br/x-mostra-producao-independente-tem-inicio-nes>, acesso em 10 nov 2019.

Essas são algumas faces noturnas da Rua da Lama, bastante difundidas entre os frequentadores, mas não são as únicas maneiras de vivenciar o lazer noturno no local. Isso significa que não se trata, nesta pesquisa, de traçar uma imagem da noite como algo cristalizado, mas de interpretar as distinções, sensões e acordos informais estabelecidos na Rua da Lama. Tal esforço se dá através da etnografia urbana.

Além dos numerosos bares, o ambiente conta com três estabelecimentos que são destinados a venda de alimentos (como principal atividade econômica) e cerveja. Seus horários de abertura acompanham a maior parte dos bares, mas suas atividades se encerram antes. Embora eles também vendam bebidas alcoólicas, por motivos ainda não compreendidos, acabam não sendo escolhidos pelos frequentadores para assumir a função de “bar”. Funcionam, na prática, como lanchonetes em que as bebidas são um produto auxiliar, de pouca expressão no cômputo geral de vendas.

A Rua da Lama também é palco de diversos tipos de músicas, sejam elas ao vivo ou não. A grande maioria dos estabelecimentos tem nas músicas de rock, MPB e sertanejo um agente aglutinador de pessoas com gostos similares. O som e, mais precisamente, o gênero musical, parece ser um elemento que acaba influenciando nas escolhas dos bares, embora não seja o único aspecto a ser considerado. É possível que amigos frequentem um bar mesmo que o tipo de música desagrade a alguns deles, mas é menos provável que o mesmo aconteça caso seja consenso entre todos que a trilha sonora seja desagradável, sobretudo nos casos de música ao vivo.

Esse panorama sobre o ordenamento básico dos espaços da Rua da Lama e sua diferenciação entre o dia e a noite, apresentado na busca de desenhar um quadro básico de funcionamento do espaço, diz respeito a uma dimensão “estática”. Como se a noite de lazer na Rua da Lama fosse o local onde os jovens tivessem comportamentos mais ou menos fixos. Percebi, ao longo do tempo, o justo oposto. Na mesma noite existe uma multiplicidade de “Ruas da Lama”, que desempenham papéis diferentes para cada grupo. A rua representa coisas diferentes para os grupos dos adolescentes (que consomem sem entrar em bares, isto é, na rua ou

calçada); para os adultos que assistem jogos de futebol (nas calçadas); para os jovens que ficam dentro e fora dos bares. Há que mencionar, também, aqueles que ocupam a rua não como local de diversão: as pessoas que vivem em situação de rua; as que vendem mercadorias no local; que pedem dinheiro, entre outras tantas ações que dão esse caráter “transitório” ao espaço.

Durante o pré-campo, a informação que antropologicamente ganhou maior relevância foi o fato de notar que a noite na Rua da Lama é repleta de movimentos no momento de lazer. Além da multiplicidade de grupos presentes, ocorrem, recorrentemente, entre os frequentadores da Rua da Lama, que os encontros de lazer dos jovens começam em um determinado bar e termine em outro. A maior parte das vezes, esse movimento de saída de um bar e entrada em outro se dá entre os bares que pertencem ao complexo informal de lazer noturno da Rua da Lama. Essas características da diversão jovem são imprescindíveis para compreender a dinâmica presente no ambiente.

Do ponto de vista estritamente acadêmico, seria menos complexo, pensando na exequibilidade da pesquisa, criar algumas métricas para pensar os bares a partir das pessoas já no espaço: vendo a pessoa e sua relação dentro do local, sem levar em conta seus trânsitos. Contudo, é o desafio de pensar o movimento (que se converte em trajetos de lazer) dos frequentadores no campo de pesquisa, que podem ser analisados como elementos diversos da cultura noturna dos jovens, como analisa Meira (2009), ao estudar os circuitos de lazer noturno em Londrina – PR.

Interpretar os fenômenos sociais em trânsito fez com que eu me deparasse com os motivos que levam às mudanças de espaços de lazer no interior da Rua da Lama, resvalando em suas preferências, suas objeções, discordâncias e acordos. Essas características presentes no local escolhido, principalmente essa prática de mobilidade entre os locais e espaços, definiram a problemática do estudo que questiona, justamente, sobre como se constituem os trajetos de lazer dos frequentadores da Rua da Lama durante a noite.

Diante disso, o desafio empírico da pesquisa versou sobre o entendimento da constituição dos trajetos de lazer, que foram tratados até este momento como

movimentação, levando em conta que eles são constituídos de maneiras distintas, estando relacionados a uma gama de preferências e oportunidades de lazer. Desse modo, operei a partir do conceito de trajeto exposto por Magnani, quando fala que:

As pessoas circulam entre eles (lugares), fazem suas escolhas entre as várias alternativas - este ou aquele, este e aquele e depois aquele outro - de acordo com determinada lógica; mesmo quando se dirigem a seu pedaço habitual, no interior de determinada mancha seguem caminhos que não são aleatórios. Estamos falando de trajetos. (MAGNANI, 2000, p. 21).

Esse conceito compõe um grande número de terminologias fundadas pelo autor para compreender as dinâmicas nas cidades, já que são reflexões elaborados por e para uma antropologia urbana, praticada por Magnani e outros pesquisadores brasileiros. A estruturação teórico-metodológica do trabalho foi influenciada por esse modo de fazer pesquisa, tendo em vista que a Rua da Lama se constitui como um ambiente essencialmente urbano, complexo e plural, no que concerne às formas de lazer.

Dessa maneira, por seus bares e espaços promoverem possibilidades de encontro entre os pares e, inclusive, pessoas até então desconhecidas, os jovens frequentadores são produtos e produtores de culturas também diversas. Essa cultura jovem só me pareceu possível de ser compreendida densamente a partir de uma interpretação etnográfica. Portanto, a vivência extensa de campo utilizando esta metodologia deu subsídios significativos para captar e analisar as questões de cunho individual e coletivo presentes na Rua da Lama.

No primeiro capítulo, apresento o campo de estudo bem como seus estabelecimentos e horários de funcionamento, além de uma contextualização socioespacial de sua localização. No segundo capítulo, elaboro uma reflexão sobre o lazer noturno na Rua da Lama através de dois estabelecimentos comerciais, o Som de Fogueira, um evento local, e o Shots Bar. Busquei compreender como se constituem os trajetos de lazer nas noites de terça-feira e quais os aspectos que mobilizavam esses trajetos. No segundo momento, ainda no primeiro capítulo, apresento algumas reflexões sobre o uso de drogas ilícitas nas noites de terça-feira. No segundo capítulo apresento uma breve reflexão sobre outras formas de vivenciar

a Rua da Lama, fora do quadro do lazer: mostro o *pedágio*, o caso das pessoas em situação de rua e os vendedores ambulantes. No terceiro capítulo, descrevo como se organiza o divertimento noturno de determinado coletivo urbano formado por jovens universitários e qual o papel do consumo de bebidas alcoólicas nesse evento de lazer.

No quinto capítulo, trato o *esquenta*, *espaço central* de lazer e a *saideira*, como categorias que surgiram empiricamente e mostraram como a Rua da Lama é apropriada de diferentes formas no momento de lazer noturno. No sexto capítulo, por conta da pandemia de COVID-19, passo a realizar a pesquisa de modo virtual e apresento questões de caráter introdutório sobre o lazer e a Rua da Lama nesse período. Num segundo momento, ainda nesse capítulo, trato mais especificamente das características do lazer noturno durante a quarentena. O sétimo capítulo trata da recolocação do lazer noturno na Rua da Lama, após a reabertura dos estabelecimentos. Aponto alguns novos trajetos de lazer que foram notados após a saída parcial da quarentena, problematizo a face democrática e violenta da Rua da Lama, além de discutir a existência das *figuras carimbadas* do local. O último tópico é dedicado às considerações finais. Nele, retomo pontos centrais das análises realizadas ao longo de toda a pesquisa e que podem provocar novas questões teóricas e desdobramentos sobre o tema do lazer noturno no contexto urbano.

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os dados apresentados neste trabalho são frutos da pesquisa etnográfica realizada na Rua a Lama⁶. Com intuito de ser transparente com os participantes, estabeleci alguns modos de abordagem durante seus momentos de lazer na Rua da Lama. Embora haja especificidades na maneira que abordo determinados indivíduos, afinal, pessoas diferentes fazem com que a abordagem também seja diferenciada, mantive o padrão de apresentação no momento do primeiro contato direto.

Também é necessário destacar que pela situação colocada pela COVID- 19 no ano de 2020 e 2021, fiquei menos tempo inserido em campo⁷, modificando substancialmente a dinâmica da pesquisa. No período anterior à pandemia, foi possível inserir-me na Rua da Lama durante quase todas as noites em um período de nove meses, oportunidade na qual passei a perceber regularidades na frequência de algumas pessoas nos bares e eventos do local, dentre outras especificidades. Nesse momento, me identificava como sendo um estudante da pós-graduação de Educação Física, que estava estudando os trajetos de lazer noturno dos frequentadores da Rua da Lama. Caso minha presença não fosse rechaçada (o que aconteceu poucas vezes), estabelecia diálogos: inicialmente sobre a preferência de bares, a frequência e os motivos que os levam até ali. A partir do grau de reciprocidade, eu fazia uma avaliação da possibilidade de pedir permissão para aprofundar o contato e o diálogo.

Utilizando essas estratégias de aproximação/ contato, falei com incontáveis pessoas no campo de pesquisa: ambulantes, garçons, donos de bar, frequentadores, policiais, pessoas em situação de rua, que contribuíram de diferentes maneiras para realização das análises contidas na pesquisa. Contudo,

⁶ Número do CAAE: 17570419.0.0000.5542.

⁷ Não é o objetivo transplantar todo o esforço analítico para esta parte do texto, pois trabalhei os desdobramentos desse fenômeno na sessão “vivências de lazer durante a pandemia, algumas considerações possíveis”.

optei por registrar nominalmente em caderno de campo aquelas com as quais fiz contatos mais prolongados. Os dados apresentados dizem respeito, portanto, às observações, conversas informais (não norteadas por perguntas prévias) e entrevistas realizadas com dez interlocutores.

Os encontros para as entrevistas foram agendados com antecedência, sendo realizados no interior da Universidade Federal do Espírito Santo ou no apartamento do pesquisador, a depender da preferência do entrevistado. Cada entrevista tinha a duração média de dez minutos e tinha o áudio captado para servir de material que, posteriormente, poderia ser utilizado diretamente na pesquisa, através da interpretação dos fenômenos mencionados.

Num segundo momento, com o fechamento dos estabelecimentos da Rua da Lama por aproximadamente nove meses, ocasionado pelas medidas de restrição de abertura de bares e outros empreendimentos, adotei outra postura no “novo campo”. Passei a estudar o lazer durante a quarentena de maneira *online*. Partindo dos contatos realizados em campo presencialmente, criei uma rede de pesquisa constituída de jovens que, se mostrando curiosos com o novo formato de pesquisa, permitiram que parte da pesquisa fosse realizada virtualmente. Mesmo sob essa nova roupagem, mantive o movimento de expor as condições, limites e possíveis riscos que a pesquisa apresenta.

Esse esforço de análise se insere, como mencionado, através da etnografia. Essa metodologia não se resume a um conjunto instrumental de “coleta” de dados, mas é uma relação de produção de conhecimento mais complexa. Ela ganhou, nesta pesquisa, momentos de incursão presencial na Rua da Lama, e outros em que a investigação se deu mediada pelos aparelhos tecnológicos. É nessa perspectiva que é válida a reflexão de Magnani (2019, p. 6), quando afirma que a etnografia “[...] não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa”.

Os frutos teóricos advindos desta dissertação não são resultados somente de uma pesquisa com “método etnográfico”, mas também de uma teoria vivida (PEIRANO, 2008). A etnografia, portanto, não pode se restringir a um método “unicamente”, pois, em seu gene, ela é a própria epistemologia do conhecimento

antropológico, sua formulação é teórico-etnográfica. Por esse motivo, cada ambiente de pesquisa, sob suas circunstâncias concretas, é interpretado de maneira única.

Os estudos etnográficos tiveram seu início objetivando estudar o que era entendido como sociedades de “pequenas escalas”, fundamentalmente constituídas por populações com hábitos “exóticos”. O princípio de pesquisa, nessa visão, passaria, necessariamente, pela contraposição à cultura do antropólogo. Por esse motivo, o investigador “usualmente evoca culturas distantes, no tempo e no espaço, com seus personagens exóticos, comportamentos estranhos e ritos desconhecidos” (MAGNANI; TORRES, 1996, p. 2).

Diferentemente do que pensavam alguns antigos antropólogos, para os quais imperava a percepção que a diminuição das sociedades de “pequena escala” significaria a ruína dessa área de conhecimento, o que ocorreu foi a ampliação das possibilidades de estudo, agora em um cenário das chamadas sociedades contemporâneas (FELDMAN-BIANCO, 2010). Atualmente, não se tem dúvida que os estudos etnográficos podem ser realizados em outros espaços, como nesta pesquisa, na cidade. O deslocamento de investigação das sociedades de “pequena escala” para o ambiente citadino configura-se como uma alteração de lócus, que pressupõe uma série de especificidades teóricas e empíricas, mas que mantem os princípios fundamentais da pesquisa etnográfica. Em ambos os casos, é preciso que o pesquisador vá até o campo, se aproxime, conviva e se relacione com os interlocutores. Isso faz com que o ambiente, sendo conhecido pelo antropólogo previamente ou não, seja problematizado e investigado em suas especificidades.

Na segunda etapa da pesquisa, seu caráter virtual gerou outros desafios, potencialidades e, conseqüentemente, análises. Já no final da década de 1990 começam a surgir trabalhos etnográficos que estudam práticas sociais na internet e o significado destas para os participantes, sendo chamadas de etnografia virtual, *webnografia* ou *ciberantropologia* (MERCADO, 2012). Nesse tipo de pesquisa, para Angrosino (2009), a interação e mediação que se estabelece no espaço virtual carece de um conjunto de competências distintas daquelas realizadas numa pesquisa presencial, pois a comunicação *online* é pautada na palavra escrita e/ou imagens.

Não é o caso de assumir a etnografia virtual como metodologia, mas usar estratégias virtuais para alargar e dar ainda mais complexidade às tramas da etnografia urbana na Rua da Lama. Nessa etapa da pesquisa, passei a fazer as reflexões e elaboração de um diário de campo estritamente virtual por meio do *smartphone*. As estratégias de pesquisa foram modificadas, mas mantiveram-se em todos os momentos a perspectiva de um trabalho “dentro” da realidade pesquisada, adaptando às condições impostas pelas circunstâncias históricas.

Portanto, quando estudado no contexto urbano, ou até mesmo virtual, a perspectiva “de perto e de dentro” se faz necessária, uma vez que é “capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques que, para efeito de contraste, *qualifico* como de fora e de longe.” (MAGNANI, 2002, p. 17, grifo nosso). Através desse olhar, o pesquisador tem condição de identificar alguns padrões, regularidades e comportamentos dos pesquisados, tomando os cuidados para não cair na “tentação da aldeia”, entendida como a tentativa de reproduzir, em ambientes diversificados e heterogêneos, como a Rua da Lama, as mesmas condições da aldeia – contextos limitados por pequenos grupos – (MAGNANI; TORRES, 1996).

Saliento, também, que as categorias antropológicas apresentadas por Magnani são adotadas apenas como fio condutor da pesquisa, não sendo algo rígido ou imutável. A partir das categorias propostas pelo autor, surgiram dúvidas, recategorizações e novas informações que foram interpretadas. Esse movimento de construção e reconstrução de tipologias se mostrou importante, pois a etnografia é uma forma de pesquisa cujos frutos estão estreitamente condicionados às opções teóricas do autor. Diria Mariza Peirano (1995, p. 16), “antropologia talvez seja, entre as ciências sociais, paradoxalmente, a mais artesanal e mais ambiciosa”, pois trata-se, em última instância, de uma construção científica sólida, porém, parcial.

No caso do lócus desta pesquisa, caminho no sentido analítico de enxergá-lo como um território urbano, ocupado por grupos que lhe atribuem significados simbólicos diversos. Por isso, a Rua da Lama é compreendida como um espaço de lazer no qual há interação não somente como mero cenário “dado”, mas, sim, como

produto da prática social acumulada desses agentes e como algo que incide na determinação de suas práticas de sociabilidade.

A Rua da Lama é mais do que um conjunto de elementos físicos que forma uma espécie de palco em que os atores desempenham determinados papéis pré-estabelecidos. O campo de estudo é, antes de tudo, dinâmico e promotor de práticas sociais. Cabe ao pesquisador que se dedica a investigar práticas sociais na cidade, interpretar/descrever o arranjo simbólico presente naquele espaço (MAGNANI; TORRES,1996). Para Feldman-Bianco (2010) um estudo urbano dessa natureza, partindo do princípio de uma “teoria da ação”, deve se incumbir de uma análise microscópica dos interstícios sociais e relações interpessoais. Isso pode ser traduzido como a combinação de estudo de estrutura e dos processos sociais do campo, tendo em vista o comportamento concreto dos indivíduos, suas interações e estratégias.

Sendo assim, utilizando algumas reflexões da chamada *escola de Manchester*, responsáveis pela “teoria da ação”⁸, penso a Rua da Lama não como algo desvinculado de um cenário maior, mas como espaço de interstícios sociais. Para isso, dialoguei com autores das ciências humanas, que, a partir de categorizações antropológicas, auxiliaram na construção hermenêutica das análises. Dentre as mais recorrentes, destaco Magnani, para quem as categorias são esforços para obter

[...] um ponto de vista que permita articular dois elementos presentes nessa dinâmica: os comportamentos (recuperando os aspectos da mobilidade, dos modismos etc., enfatizados nos estudos sobre esse segmento) e os espaços, as instituições e os equipamentos urbanos que, ao contrário, apresentam um maior (e mais diferenciado) grau de permanência na paisagem (MAGNANI, 2005 p 177).

Dessa maneira, vejo necessário apresentar as noções das categorias de Magnani utilizadas no corpo do trabalho. É verdade que algumas expus articulando os elementos empíricos, mas apresento-as no arcabouço metodológico como uma

⁸ Uma escola (grupo de intelectuais) britânica que buscava explicar as situações de troca nas sociedades tradicionais e os mecanismos de articulação nas sociedades complexas. Vários textos dessa escola se consolidaram como clássicos da antropologia urbana.

maneira de enxergar as conexões existentes entre elas, sempre tendo em vista que suas aplicações estão dentro de um contexto teórico da antropologia urbana brasileira.

Dos conceitos mais utilizados, destaco a *mancha*, que são “lugares que funcionam como ponto de referência para um número mais diversificado de frequentadores” (MAGNANI, 1992, p.196). Para isso, o local requer uma base física ampla, onde seja possível a frequência de pessoas de diferentes locais da cidade, que não necessariamente se conhecem, mas compartilham símbolos semelhantes, como o gosto pela noite, bares e músicas, por exemplo (MAGNANI; TORRES, 1996).

Também é característica dessa categoria a existência de comércios de diferentes matrizes. Mas o que caracteriza fundamentalmente a *mancha* como tal é a existência do ponto físico e público, onde existe a frequência de pessoas diversas. Desse modo, embora exista no interior da *mancha* empreendimentos privados e diversos, ela é o espaço público no qual os estabelecimentos são possibilidades de uso (MAGNANI; TORRES, 1996).

Outra categoria central na pesquisa, que ajudou a operacionalizar as análises no campo é o *trajeto*⁹. As pessoas:

Circulam entre eles (lugares), fazem suas escolhas entre as várias alternativas - este ou aquele, este e aquele e depois aquele outro - de acordo com determinada lógica; mesmo quando se dirigem a seu pedaço habitual, no interior de determinada *mancha* seguem caminhos que não são aleatórios. Estamos falando de trajetos. (MAGNANI; TORRES 1996, p. 21, grifo nosso).

Por esse motivo, “a ideia de trajeto permite pensar tanto na possibilidade de escolhas no interior das *manchas* como a abertura dessas *manchas* e *pedaços* em direção a outros pontos no espaço urbano” (MAGNANI, 2006, p.23). Os trajetos no

⁹ É importante dizer que o trajeto de lazer, na concepção empregada neste trabalho, dá-se a partir das recorrências empíricas socioespaciais. Isto é, a análise/investigação de um trajeto de lazer e não outro justifica-se por meio da possibilidade de apreensão recorrente do mesmo.

campo de pesquisa são ilimitados e, talvez por isso, são difíceis de ser traduzidos. Em última instância, são resultados das possibilidades de divertimento ofertadas na mancha de lazer, numa relação individual e de grupo. Por não ser uma terminologia cristalizada, existe a possibilidade do trajeto, em algum momento, ultrapassar o espaço da mancha, constituindo uma espécie de trajeto exterior.

No caso do conceito *pedaço*, este é utilizado para designar “um componente afirmativo referido ao estabelecimento e reforço de laços de sociabilidade, desde o núcleo familiar até o círculo mais amplo que envolve amigos, colegas, ‘chegados’” (MAGNANI, 2006, p.14). Assim, essa categoria “[...] torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, com o nome de “pedaço”” (MAGNANI, 2006, p.21, grifo nosso). Esse conceito se diferencia fundamentalmente de mancha, na medida que sua ligação está mais vinculada a aspectos familiares e/ou de moradias.

Não *basta* passar por esse lugar ou mesmo frequentá-lo com alguma regularidade para ser do pedaço; é preciso estar situado e ser reconhecido como tal (MAGNANI, 2002, p. 21, grifo do autor). Gangues, bandos, turmas, galeras exibem – nas roupas, nas falas, na postura corporal, nas preferências musicais – o pedaço a que pertencem. Neste caso, já não se trata de espaço marcado pela moradia, pela vizinhança, mas o ‘efeito pedaço’ continua: venham de onde vierem, o que buscam é um ponto de aglutinação para a construção e o fortalecimento de laços. (MAGNANI, 2002, p. 22).

A partir disso, é possível que os jovens criem espaços frequentados por pessoas com essas características, formando uma sociabilidade mais estável e densa, como se eles estivessem em “casa”. A última categoria que acredito ser imprescindível tratar no campo metodológico, diz respeito ao *circuito*. Essa é a mais ampla das categorias apresentadas, pois é relacionada a certa prática existente entre os equipamentos de lazer, mesmo que não tenham relação de continuidade territorial. Em outras palavras, o *circuito* de lazer pode compreender dois ou mais espaços sem contiguidade territorial, mas suas práticas de lazer são reconhecidas e apreciadas por seus frequentadores assíduos.

No caso do circuito, ainda que seja constituído por equipamentos físicos (lojas, clubes), inclui também acesso e frequência a espaços virtuais como chats, grupos de discussão e fóruns na internet, ademais de eventos e celebrações. Como já foi assinalado, o que distingue circuito de mancha é o

fato de o primeiro não apresentar fronteiras físicas que delimitam seu âmbito de sociabilidade (MAGNANI, 2005, p. 201).

Esse conjunto de categorias antropológicas são operacionalizadas e confrontadas com a realidade concreta de campo. Portanto, durante o período de vivência empírica, selecionei frequentadores do local para acompanhá-los mais de perto à noite e, em alguns casos, entrevistá-los. Me vali exaustivamente das técnicas de trabalho etnográfico que Cardoso de Oliveira (1998) expõe em sua pesquisa. São elas o “olhar, ouvir e escrever”, compreendidas como faculdades constituintes do entendimento sociocultural, que permitem transformar os sentidos em significados (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998).

É possível dizer que as faculdades constituintes de olhar e ouvir se materializam na pesquisa no diário ou caderno do antropólogo. Assim ocorreu comigo: as percepções, nomes, conversas, sensações, medos, angustias, incongruências e conclusões provisórias foram materializadas em anotações, sem muita sistematização. Isso se dá pois, frequentemente, o pesquisador não tem condições de julgar o que é essencial no momento em que está em campo, e acaba escrevendo informações e posteriormente são modificadas (FELDMAN-BIANCO, 2010). O *(velho e bom) caderno de campo*, texto escrito por Magnani em 1997, narra a urgência do registro escrito a partir de experiências de antropólogos renomados, como Darcy Ribeiro e Bronislaw Malinowski, e como esse é um trabalho exaustivo. Para o autor, esse exercício é indispensável para o pesquisador, seja ele experiente ou aprendiz. Assim, para Magnani (1997 p. 2) o caderno de campo “*deve ser usado como depositário de notas, impressões, observações, primeiras teorizações, mapas, esboços, desabafos, entrevistas e garatujas de informantes*” (grifo nosso).

Nesta pesquisa, somei a potência do caderno de campo (material) ao uso de um diário de campo eletrônico. As explicações que aparecem em Mercado (2012) e Brazão (2007) sobre o diário de campo eletrônico ou virtual não se distinguem muito daquelas apresentadas por Magnani (1997) sobre o material. Em termos práticos, o diário de campo eletrônico se mostrou uma estratégia de pesquisa que possibilitou novas experiências de registro. Com o auxílio do *smartphone*, pude tirar fotografias

com maior descrição do que se estivesse com uma câmera convencional e fazer gravações de áudio de passagens complexas.

Para além dos diários, utilizei, como apontado no início da sessão, as entrevistas que foram feitas por meio de perguntas semiestruturadas, com o intuito de enriquecer as interpretações de campo. Contudo, a maior parte das análises da pesquisa advém de conversas informais, observação de diálogos entre os interlocutores e outros meios que não necessariamente a entrevista semiestruturada.

Não se trata de ignorar o recurso verbal na pesquisa, mas de compreender que muitas ações no ambiente dos bares transcendem a verbalização: são processos implícitos que estão na prática das pessoas, mas não são ditas. Esses “não ditos” (PINA CABRAL, 2008) estão presentes de maneira sutil (ou não) nas vivências do lazer noturno, e não são apreendidos nas entrevistas. Um exemplo dessa questão na literatura antropológica pode ser a célebre passagem de Geertz (1989) sobre os sentidos que podem ter uma piscadela (um ato não verbal). Em seu texto, é possível notar como a mesma ação pode ter múltiplos significados, variando desde um tique nervoso, falsas piscadas, até imitações. Esses elementos também são símbolos da cultura “não ditos”, que compõem o modo de manter-se nos locais públicos (GOFFMAN, 2010), que podem ser centrais para compreender determinadas práticas culturais estudadas.

Outro cuidado que é necessário para compreender antropologicamente o ambiente citadino, materializa-se em um esforço de estranhar o próximo e se familiarizar com o exótico, a fim de conseguir interpretar os conflitos e subjetividades provenientes do campo (DA MATTA, 1978). Nessa busca de elucidações, a pesquisa de campo deve ser orientada por questões conceituais aprendidas no estudo das teorias sociais, sem, no entanto, enrijecer os conceitos teóricos na perspectiva de forçar sua relação com os dados de campo.

É preciso ir a campo munido de todo conhecimento teórico possível, com estruturas de pesquisa bem organizadas e fincadas em parâmetros bibliográficos, pois, assim, existe maior possibilidade de conseguir realizar um trabalho com desdobramentos interpretativos férteis, e, ainda, não correr o risco de olhar “tudo” e

não conseguir compreender “nada”. Por outro lado, é importante que o pesquisador esteja aberto às informações que o campo de pesquisa irá oferecer, e que, diante disso, os conceitos teóricos e as premissas interpretativas sejam repensadas, dando à pesquisa um contorno flexível.

No campo da interpretação, destaco assumir a perspectiva de uma *descrição densa* da cultura, tal qual proposta por Geertz (1989) para apreender a realidade. Trata-se mais do que assumir o autor como marco teórico: busco operar etnograficamente a partir desse tipo de descrição, que se insere na perspectiva antropológica que se convencionou chamar de hermenêutica. Essa perspectiva de pesquisa parte do princípio de que a cultura se constitui como uma teia de significados, sendo a etnografia um esforço que gira em torno da apreensão subjetiva do significado (GEERTZ, 1989).

Desse modo, a pesquisa não se restringe à simples descrição de atividades e aspectos culturais, uma vez que envolve os processos analíticos e interpretativos. No caso dos textos antropológicos, como este, para o autor:

[..] são interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente um “nativo” faz a interpretação de primeira mão: é a sua cultura) Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são “algo construído”, “algo modelado” – o sentido original de fictício – não que sejam falsas, não fatuais ou apenas experimentos do pensamento (GEERTZ, 1989, p. 11).

Sendo assim, Geertz (1989) possibilita pensar o campo a partir dos sujeitos da pesquisa – sem cair em uma ilusão de uma descrição de “primeira mão” –. Isso se dá por meio de ações, não-faladas ou faladas, que ajudam a traduzir os significados estabelecidos na comunidade.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO

Interessa, neste momento, o elemento descritivo da Rua da Lama. Vejo de maneira bastante nítida que em termos socioantropológicos uma explanação dessas não é meramente descritiva, pois já carrega consigo – mesmo que implicitamente – elementos teóricos. Para o antropólogo Clifford Geertz, que muito escreveu sobre o

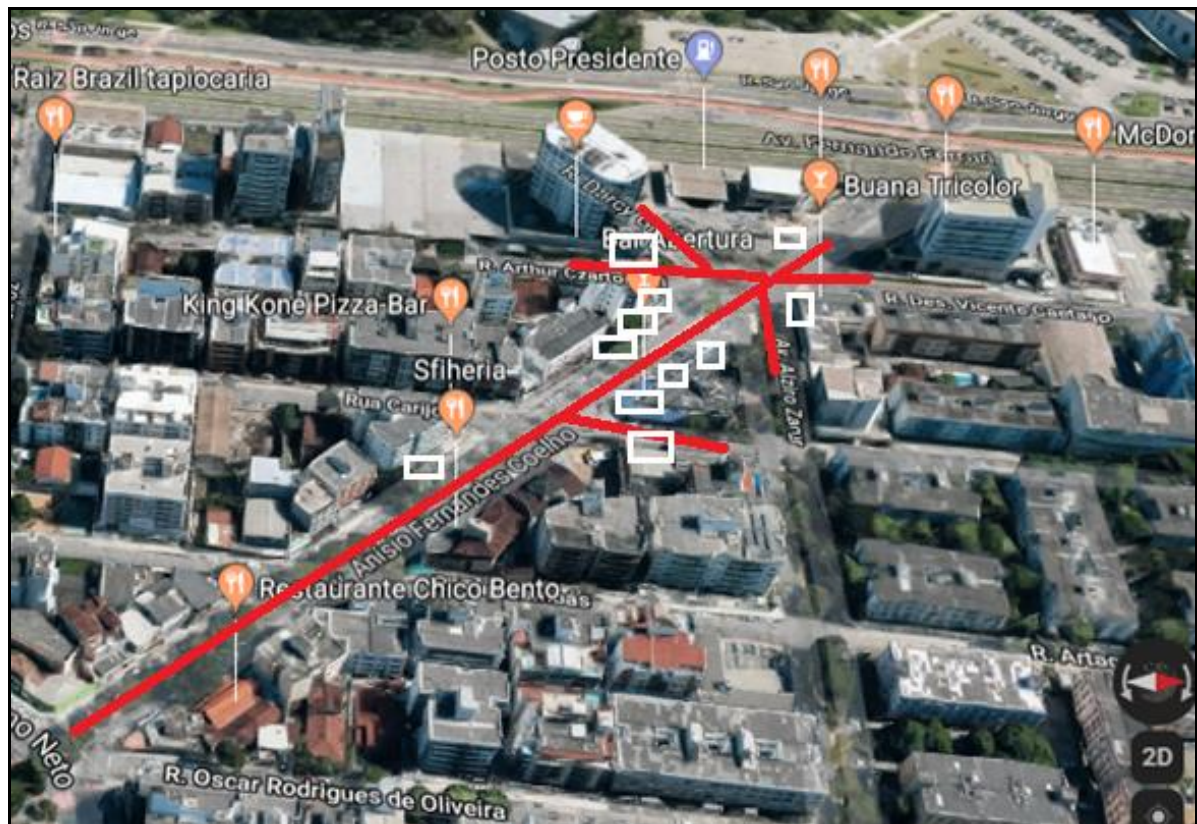
método etnográfico, as análises carregam consigo uma história, e é a visão de mundo e o conhecimento teórico que permitem o olhar etnográfico, fazendo, por exemplo, com que o pesquisador observe alguns fenômenos e não outros. Desse modo, descarta-se a possibilidade de um olhar neutro para o campo. Dada essa condição, me esforço em fazer uma descrição que ilustre os contornos do campo, para que o leitor tenha um panorama geral do ambiente em que desenvolvo a pesquisa.

A Rua da Lama fica localizada na avenida Anísio Fernandes Coelho, no bairro Jardim da Penha¹⁰, Vitória – ES. Vale lembrar que a Rua da Lama é uma fração dessa avenida, mas simbolicamente não se restringe unicamente a ela, pois ganha contornos laterais. Apesar da sua maior extensão estar contida nessa avenida, é comum que comércios de ruas próximas também sejam considerados como pertencentes à Rua da Lama, na linguagem cotidiana de seus frequentadores.

Desse modo, existe uma expansão da noção de “lama” para as ruas laterais à Avenida Anísio Fernandes Coelho, tanto no que tange os espaços de sociabilidade quanto às organizações de comércio em geral. Esse local ultrapassa os limites de “rua”, ao menos no sentido de sua extensão geográfica. Sua designação acaba passando por uma espécie de crivo coletivo, que converge em uma Rua da Lama que não existe oficialmente, mas é legitimada e (re)conhecida assim.

¹⁰ O bairro Jardim da Penha é um dos mais populosos de Vitória, com aproximadamente 30.671 habitantes, segundo o censo realizado pelo IBGE no ano de 2010. Esse mesmo levantamento traz a informação de que Jardim da Penha tem o segundo maior número de domicílios do Município, ficando atrás apenas de Jardim Camburi, bairro próximo.

Figura 1: Mapa dos espaços de bares na Rua da Lama. Avenida Anísio Fernandes Coelho e adjacências, no ano de 2019.



Fonte: Google Maps, 2019.

A figura 1 ilustra o lócus de pesquisa em questão. A linha destacada em vermelho refere-se a parte da Avenida Anísio Fernandes Coelho que compreende o espaço designado como Rua da Lama. O local conta com 11 (onze) bares¹¹ e suas localizações aproximadas estão demarcadas na cor branca, são eles: Birita Casa de Cocktail; Sofá da Hebe; Buana Tricolor; Shots Bar; Simpsons na Lama; Caldeirão Bar, Link Bar; Cochicho da Penha; Bar Abertura; Big Beer Liquor Store e Cleópatra Gaytro Bar.

¹¹ No decorrer da pesquisa houve o fechamento e abertura de outros bares, aparentemente em decorrência dos problemas financeiros acarretados pela pandemia de COVID-19. Contudo, as análises presentes do trabalho foram elaboradas a partir deste formato de bares.

Como já indicado, o lócus de pesquisa contempla diferentes formas de comércios e, para facilitar a pesquisa, classifco-os em dois grandes grupos: os comércios diurnos e os noturnos. Esse primeiro grande grupo contempla uma heterogeneidade de serviços, sendo reservado ao segundo grupo, majoritariamente, os bares e algumas lanchonetes.

Os comércios diurnos da Rua da Lama (com exceção dos restaurantes) funcionam entre 8:00 e 18:00 horas. O grande número de pessoas que está envolvido com esse tipo de atividade (vendedores, proprietários e consumidores, fundamentalmente), via de regra, sai da Rua da Lama imediatamente após o horário comercial. Com o fim dessa jornada, o fluxo de pessoas no ambiente gira em torno dos bares, e aumenta exponencialmente (pelo menos até o início da pandemia). Tal dinâmica tem um lastro histórico, uma vez que aparece dinâmica similar a essa descrita nas investigações de Oliveira (2018) e Gripp (2015) desde a década de 1970 e 1980¹².

Portanto, tendo em vista a vivência de campo e os textos teóricos supracitados, é possível dizer que a Rua da Lama é um espaço que foi construído socialmente e, há pelo menos quatro décadas, tem sido utilizada sistematicamente como ambiente de lazer noturno para uma fração da juventude capixaba. Diante disso, no próximo capítulo, faço um debate a respeito de um trajeto de lazer atual da Rua da Lama e questões que circundam o divertimento noturno nesse ambiente.

¹² As autoras tiveram objetivos diferentes em seus estudos, mas em ambos os casos, a partir de uma reocupação história, notaram dinâmica similar a mencionada.

2. DO SOM DE FOGUEIRA E O SHOTS BAR

Neste capítulo, trato especificamente das relações de lazer mobilizadas e estabelecidas a partir do Som de Fogueira, uma atividade musical realizada durante anos na Rua da Lama. Esse evento teve início no ano de 2014, sendo idealizado pelo empresário Diogo Cypriano, com o objetivo de agitar as noites de terças-feiras, através de músicas tocadas por artistas capixabas¹³. Esse projeto iniciou de maneira simples, pois não dispunha de nenhum tipo de incentivo financeiro público ou mesmo financiamento privado. Nesse momento, tratava-se de reunir amigos músicos na calçada do bar Birita e cantar canções *cover* e autorais.

A escolha da realização em frente ao Birita não é aleatória. Pois esse empreendimento pertence ao Diogo Cypriano, que, percebendo a adesão paulatina de jovens universitários, resolveu colocar uma mini arquibancada metálica de três degraus na rua. Embora sem investimento financeiro direto¹⁴ na organização e estruturação, esse formato de evento passou a ganhar muitos adeptos ao longo das edições, se tornando popular entre os jovens da capital que buscam diversão. Tamanho foi o prestígio, que em seu auge, segundo cálculo de seus organizadores, o evento chegou a comportar milhares de participantes no CarnaFogueira¹⁵ e comemorações de aniversário¹⁶.

Mesmo fora de episódios excepcionais, como carnaval ou comemorações de aniversário, mantem-se, nesse momento histórico, um elevado número de frequentadores que se encontram ao largo das calçadas e do canteiro central que divide as pistas. Esse acontecimento se dá na região mais repleta de bares da Rua da Lama, ao lado do Link Bar e Caldeirão Bar, e localizado frontalmente ao

¹³ Ver: <https://www.gazetaonline.com.br/entretenimento/cultura/2017/08/sucesso-na-rua-da-lama-som-de-fogueira-lanca-primeiro-ep-1014092015.html>

¹⁴ Refiro-me a gastos direto com custeio de músicos, aluguel de estruturas ou materiais semelhantes. Diego só tinha gasto, neste momento, com a eletricidade ligar os instrumentos elétricos.

¹⁵ Atividade que se configurou como uma espécie de edição especial do Som de Fogueira, em período carnavalesco.

¹⁶ Ver: <https://www.seculodiario.com.br/cultura/som-de-fogueira-completa-quatro-anos-de-resistencia-cultural>.

Cochicho da Penha e Simpsons na Lama. A região privilegiada propicia opções de divertimento diferentes (em termos de sociabilidade e formas de organização), e próximos em termos socioespaciais já que os bares, nesse ambiente, formam uma espécie de complexo de lazer informal.

Esse evento, ao longo dos meses e anos, cresceu e aprofundou as contradições com as normas de som e horário de funcionamento do local. Quando o evento se encontrava consolidado, com um número grande de participantes assíduos, parte da rua foi fechada com cones, desviando o trânsito para as vias laterais, com o intuito de expandir ainda mais a possibilidade de divertimento. Nessa etapa, de acordo com diálogos estabelecidos no campo, os shows iniciam às 19:00 horas e têm o término estimado para meia noite, embora, corriqueiramente, se estendam.

A extensão temporal das atividades de lazer, que foi acompanhada de outras violações das regras que deliberam sobre a altura do volume do som e o horário para ligá-lo, não impediu a incorporação do evento no calendário municipal. Isso se deu em Junho de 2018¹⁷, quando a câmara de vereadores do Município de Vitória aprovou o projeto de lei 50/23 2018, que regulamentou o evento, sob a justificativa que ele se converteu em um ponto de encontro tradicional de jovens e um espaço com potencial para promoção da cultura na capital do estado.

Com o apoio da prefeitura para a realização da atividade, o isolamento da rua é realizado com cavaletes que, enfileirados, não permitem a passagem de motoristas ou motocicletas. A estrutura de palco, após 2018, passa a sofrer mudanças com o apoio municipal. O mini palanque existente foi substituído por uma estrutura mais elaborada, com armação metálica que forma um palco de aproximadamente 36 metros quadrados, com 4 metros de altura, além de uma cobertura feita de material plástico para a proteção contra a chuva. Esse espaço é montado com perspicácia por dois funcionários da prefeitura e permite que os cantores fiquem aproximadamente a 1 metro de altura de seus espectadores durante os shows, sem

¹⁷ Veja a notícia no link: <https://www.agazeta.com.br/es/gv/mp-quer-fim-de-festa-na-rua-da-lama-devido-a-interdicao-de-rua-e-barulho-1019>.

que exista qualquer episódio de invasão do palco ou coisa similar. Esse apoio cedido pela prefeitura ao Som de Fogueira culmina em cobranças a respeito do funcionamento da atividade. O horário de término que inicialmente se dava à meia noite, foi antecipado para 22:00 horas, com possibilidade de punição quando houver estrapolação do tempo estabelecido. Ademais, aumentou a presença de policiais e intensificou-se a divulgação (sobretudo via redes sociais) dos shows, que, nesse momento, passou a contar com artistas prestigiados do estado.

Ocorre, portanto, um movimento por parte do município de acolhimento de uma demanda local por diversão que teve início com uma ideia de um empresário, e se espalhou, ganhando certa autonomia¹⁸. Em contrapartida, a prefeitura, por meio dos acordos travados, passou a interferir mais na forma com que é organizado o evento. Além da legislação geral, o Som de Fogueira obedece às normativas impostas pelo projeto de lei 50/23 2018.

Esse projeto gerou a gravação de dois EPs inéditos. No ano de 2017¹⁹, foi gravado o primeiro EP²⁰, com cinco faixas inéditas. Em 2019, foi gravado o segundo, dessa vez realizado por meio do *crowdfunding*, “vaquinha” ou financiamento coletivo (como pode ser chamado). Essa forma de financiamento consiste, basicamente, na obtenção de dinheiro para iniciativas de interesses coletivos por meio de doações que, geralmente, são feitas por pessoas físicas interessadas na proposta.

Esse tipo de financiamento é realizado exclusivamente via *internet*, e, caso os recursos doados não atinjam o valor estipulado pelo organizador, o projeto não é financiado e o dinheiro retorna para seus doadores. No caso dos valores mais altos, ou quando é adotado outro critério de distribuição, como sorteios, algumas pessoas que contribuíram ganham prêmios. No caso do Som de Fogueira, optou-se pelo

¹⁸ Os jovens frequentadores passaram, ao longo do processo, a serem agentes ativos na escolha das bandas, repertório e dinâmica de apresentação, descentralizando o poder de decisões.

¹⁹ Ver <https://www.gazetaonline.com.br/entretenimento/cultura/2017/08/sucesso-na-rua-da-lama-som-de-fogueira-lanca-primeiro-ep-1014092015.html>

²⁰ É uma maneira de fazer gravação musical que difere do álbum convencional por seu tamanho reduzido, nesta modalidade é gravado entre 4 e 7 faixas.

segundo critério, distribuindo camisetas e copos personalizados com a estampa “quem faltava chegou”, grande lema de gravação do EP.

O pré-lançamento do segundo EP, intitulado de “Quem Faltava Chegou”, aconteceu na noite de 01/10/2019 na Rua da Lama, contando com apresentações da Banda Casaca e Victor Bessiere. O EP tem 5 faixas 1- “Se liga na Bliz”; 2- “Me abraça”; 3- “Se fizesse sol”; 4- “Fernanda”; 5- “Quem faltava Chegou”²¹. Embora esse pré-lançamento tenha sido muito divulgado nas mídias digitais do Som de Fogueira e em alguns jornais locais, não houve grandes mudanças na dinâmica das apresentações e organizações internas.

É importante frisar que, embora o evento tenha grande visibilidade e prestígio entre determinados públicos frequentadores da Rua da Lama, sua realização não é aceita pela comunidade de Jardim da Penha de maneira unânime. Alguns comerciantes e lideranças comunitárias reclamam de sujeira e barulho excessivo causado pelo evento, que seria advindo do contingente de jovens no local. A Coordenação geral da associação de moradores de Jardim da Penha relata, em notícia de jornal local, não ser contra a realização do evento, mas afirma que seus habitantes “precisam de uma Lama organizada”. Para isso, um caminho possível seria acabar com o Som de Fogueira. Tal afirmação contraditória parece ter sua origem na relação tensa entre uma parte dos moradores com as atividades de rua no local, que são muito anteriores à criação do Som de Fogueira.

O jornal G1²² informa que o aumento dessas atividades teve início no ano de 2013, com a proibição de festas dentro da Universidade Federal do Espírito Santo, o que teria causado a migração dessas atividades para a Rua da Lama. No ano de 2016, intensificou-se o número de carros de som na Rua da Lama, criando desconforto por conta do volume do som e do horário das atividades, que, nas falas dos moradores locais, naquele momento, chegavam facilmente até as 03:00 horas²³ da manhã.

²¹ <http://eshoje.com.br/som-de-fogueira-prepara-o-lancamento-do-seu-segundo-ep-autoral/>

²² Jornal de circulação nacional, e que cobre fatos acontecidos no Espírito Santo.

²³ Veja o link da notícia: <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2016/02/moradores-denunciam-som-alto-na-rua-da-lama-em-vitoria-1013929785.html>

Uma parcela de moradores entende que as atividades ligadas ao som automotivo representam o caos²⁴ na Rua da Lama, sendo responsável pela sujeira deixada nas vias públicas e o uso de drogas ilícitas no interior do bairro. Por conta das denúncias realizadas por moradores, houve um aumento ainda maior da fiscalização e aplicação de multas aos donos de carro de som que insistiam em ligá-los. Provavelmente, devido a essas medidas de endurecimento da fiscalização, não presenciei no campo tensões dessa natureza, ainda que episódios antigos fossem recorrentemente mencionados.

Embora essa prática tenha sido extinta, a criação e, principalmente, a ampliação da visibilidade do Som de Fogueira se tornou o novo alvo de discussões. Mesmo com a diminuição do tempo do evento, a associação de moradores de Jardim da Penha permanece insatisfeita, pois mantém a visão da perturbação da ordem pública. O fato que deu força e visibilidade a essa insatisfação diz respeito principalmente ao fechamento da via pública durante a atividade, que seria o agente causador de diversos transtornos para os motoristas.

Por conta disso, em reunião realizada no mês de outubro de 2019, o município estabeleceu a ilegalidade do projeto de Lei número 50/23 2018 que incorporava o Som de Fogueira ao calendário oficial do Município. Isso foi amparado na argumentação no Ministério Público do Estado do Espírito Santo (MPES), que, por meio da promotoria de justiça civil, recebeu denúncias de reclamações oriundas do evento²⁵.

O ministério ainda argumentou que o fechamento da rua para fins privados é considerado crime pela legislação vigente, e as medidas de controle de som tinham como objetivo garantir o sossego da população²⁶. Esse posicionamento desagradou frequentadores do evento, organizadores e alguns bares que se beneficiavam com o grande número de pessoas. Eles questionaram quais seriam as opções culturais para o público jovem da capital, já que enxergavam no projeto uma possibilidade democrática

²⁴ Veja o link da notícia: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2018/09/23/diversao-ou-caos-vitoria-vive-conflitos-por-causa-do-som-alto-na-rua-da-lama.ghtml>.

²⁵ Veja o link da notícia: <http://eshoje.com.br/prefeitura-de-vitoria-e-notificada-sobre-evento-na-rua-da-lama/>

²⁶ Veja o link da notícia: <https://movimentoonline.com.br/home/2019/08/30/mpes-instaura-inquerito-para-apurar-irregularidades-no-projeto-som-de-fogueira-na-rua-da-lama/>.

de participação e uma maneira de fortalecer o direito à cidade. O desdobramento dessa percepção do MPES culminou no término do evento no ano de 2019²⁷.

Após o encerramento desse evento, ocorreram algumas tentativas de mobilização do público para retomada das atividades, feitas principalmente pelos frequentadores mais antigos por meio das redes sociais. Esse acontecimento demonstra que esses jovens têm consciência dos seus interesses, e que a extinção de atividades culturais estreita ainda mais o universo de possibilidades musicais na capital do estado. Demonstra, também, como os frequentadores, que participaram semanalmente do evento, criaram um sentimento de pertencimento. Contudo, esse fenômeno possibilita um olhar novo sobre o campo que, pela dinamicidade das relações sociais, foi sendo (re)criado ao longo das noites.

Figura 2: Rua da Lama no início das atividades.



Fonte: Chico Guedes, 2018.

²⁷ Sua realização de despedida foi no dia 26/12/2019, repleto de pedidos de continuidade por parte dos presentes.

A figura 2 ilustra a Rua da Lama em uma de terça-feira, antes da realização de uma edição do Som de Fogueira. Como pode ser notado, os bares já estão abertos, no entanto, poucos frequentadores estão presentes. Passei a perceber que o Som de Fogueira imprime uma profunda mudança na dinâmica local a partir de seu início. Para compreender como esse evento toma grandes proporções, em um local que horas antes estava razoavelmente pacato, passei a me inserir na Rua da Lama antes mesmo do início da montagem das estruturas de palco (por volta de 17h30min), a fim de notar as nuances existentes entre o dia/tarde e noite no ambiente.

A mudança que se acentua inicialmente é a alternância da matriz dos comércios (diurno e noturno). Uma economia voltada principalmente (mas não só) à venda de produtos utilitários, passa a estar vinculada fundamentalmente à economia do lazer noturno. No bojo desse acontecimento, percebo a chegada de uma grande quantidade de público jovem na Rua da Lama, vindos de diferentes locais: da universidade, do trabalho ou moradores do local que saem de suas casas para aproveitar a noite.

Com o ingresso na noite e o aumento do número de jovens circulando pelo local – característica essa, inclusive, frisada pelo poder público –, a Rua da Lama vai constituindo sua face boêmia. Essa observação realizada em campo vai ao encontro do argumento de Magnani (2005), quando discute os *círculos dos jovens urbanos*, já que, para ele, os locais de lazer noturnos rapidamente assumem a identidade social vinculada aos seus frequentadores jovens e ao tipo de comércio que funciona ali. Portanto, as noites na Rua da Lama vão sendo construídas e legitimadas ao longo de décadas como espaço-tempo boêmio, marcado pelo fluxo de pessoas e a possibilidade de encontros.

Esses processos intensificam-se nos momentos do Som de Fogueira, onde a “resistência cultural²⁸” possibilita o sentimento de pertencimento em relação a atividade. Talvez, por esse motivo, pude observar numerosos exemplos que

²⁸ Terminologia abstrata que designava, grosso modo, a participação dos jovens no processo de elaboração dos eventos.

forneem uma identidade social ao evento em quest3o, principalmente ante outras atividades que acontecem no local.

Figura 3: Noite de atividade do som de fogueira.



Fonte: AFTER- Adriano Krause, 2019.

A figura 3 ilustra uma t3pica noite de ter7a-feira com Som de Fogueira, quando existia parceria estabelecida entre a Prefeitura Municipal de Vit3ria e Diogo, seu idealizador. A fotografia 3 representativa, pois ilustra com riqueza de detalhes como as ruas, cal7adas e o canteiro central s3o tomados pela presen7a de jovens em seu momento de divers3o. Esse fen3meno seria imposs3vel horas antes do evento. O aumento do n3mero de pessoas no ambiente faz com que a apropria73o do espa7o seja distinta, possibilitando a viv3ncia em espa7os da rua que, originalmente, s3o destinados ao tr3nsito de carros e motos. Assim, modifica-se substancialmente a din4mica espacial da Rua da Lama.

Além de flexibilização das normas sociais de apropriação do espaço durante a noite, pude observar que, no caso do Som de Fogueira, o estilo musical influencia menos do que eu supunha inicialmente. No início, eu pensava que o gênero musical funcionava como o agente agregador entre os jovens, como se sua frequência estivesse, inevitavelmente, ligada ao tipo de música tocada. Contudo, pude notar via observação direta e diálogo informal, que mais do que o tipo de música executada durante as apresentações, o que mais importa é a presença dos amigos e a possibilidade de partilhar experiências na noite, que podem ou não ser embaladas por músicas que lhes agradam.

Essas percepções sobre a mudança que o lazer noturno produz na Rua da Lama são frutos de um tipo de observação realizada sistematicamente. Permaneci sentado no bar Cochicho da Penha (localizado frontalmente ao evento) anotando as características dos grupos presentes, como, por exemplo, o tipo físico, idade, tipo de roupas, e o modo como se comportam em público. Com esse exercício pude apreender a complexa relação que se constrói no momento de lazer noturno.

Esse posicionamento, que buscava notar recorrências do campo, ao invés de se converterem em uma tipologia dos grupos de frequentadores, como foi minha primeira tentativa, mostraram a fragilidade de criar paralelos exatos entre os indivíduos. Quaisquer categorias que fossem elaboradas nesse sentido seriam inadequadas. A partir da ausência dessa categorização, notei, ao longo de meses de reflexão, que a tônica existente entre os grupos frequentadores do Som de Fogueira é, justamente, que a frequência se dá através de companhias, seja de grupos de amigos com maior número de pessoas, trios ou duplas.

Essa percepção, que pode soar pueril, resguarda, em sua prática, elementos férteis para pesquisa antropológica, pois a juventude em seu momento de lazer, como aparece na investigação de Magnani (2005), representa um período vivenciado, em grande medida, pelos grupos ou “tribos”. Portanto, a partir dessas percepções, passei a investigar e buscar me inserir nessas “tribos”, para fazer uso de uma das terminologias locais. Percebi, empiricamente, que é mais fácil ser admitido como pesquisador em um grupo de amigos já formado do que me aproximando de pessoas sem companhia.

Quando fiz tentativas para contatar-me com pessoas que estavam sem companhia no Som de Fogueira, percebi maneiras semelhantes de retrucar minha presença. As mulheres, via de regra, se sentem amedrontadas com a minha abordagem, mesmo me identificado de antemão como sendo um estudante. Me parece que isso se deva, fundamentalmente, à violência contra as mulheres que acontece no estado do Espírito Santo (assim como em todo o Brasil). Ao me verem abordando-as sozinhas, enxergam uma ameaça potencial ou alguma modalidade de importunação, e, por consequência, isso acaba inviabilizando trocas de ideias sobre o campo de pesquisa.

No caso de homens, embora o desconforto seja menos evidente, poucas foram as interlocuções estabelecidas de forma individual. Além do mais, são poucos os jovens que assistem o evento sem nenhuma companhia. Com alguns deles, estabeleci contatos de caráter esporádico e marcados, em grande medida, pela impessoalidade.

Portanto, a constituição de grupos foi, durante todo o trabalho, uma forma de compreender o lazer na Rua da Lama. A partir de aproximações exitosas e sistemáticas com grupos de amigos no Som de Fogueira, indaguei Sérgio, um deles, sobre o motivo de sempre estarem em pequenos grupos.

A gente tá sempre entre amigos, às vezes um ou outro não pode, mas sempre tô com os moleques. Ir pro rolê sozinho é *bad* demais. Tipo, posso até sair sozinho de casa, porque sei que alguém da galera estará aqui, mas prefiro combinar com alguém antes para não correr o risco, né?! Não quero correr o risco de ficar pagando de doido sozinho. Se você reparar, não tem muita gente que fica sozinha assistindo show, só um ou outro. O bom do Som de Fogueira é que dá pra juntar a galerinha e tomar umas, aproveito esses momentos (SERGIO, FREQUENTADOR, 2019).

Ao abordar Sérgio, identifiquei-me como sendo estudante de pós-graduação da UFES. Ao informar-lhe que o tema de minha pesquisa é o lazer dos frequentadores da Rua da Lama, Sérgio e seu grupo deram algumas gargalhadas e brincaram que sentiam certa “inveja” do meu trabalho. Segundo eles, esse comportamento se deve ao fato de eu estar trabalhando em algo que me possibilita fazer um trabalho acadêmico e, ao mesmo tempo, “encher a cara” de álcool todas as noites. Essa observação feita por esses jovens, e repetida pela imensa maioria daqueles com os

quais fiz contato durante a pesquisa, remete a uma compreensão da noite e especificamente do lazer noturno na Rua a Lama, como um tempo fortemente vinculado ao consumo de bebida e a diversão.

Expliquei que, embora fosse uma pesquisa em um campo pouco convencional, ela obedecia aos aspectos éticos que são necessários a qualquer trabalho que lide com seres humanos. Mesmo com essa explicação, que imaginei que geraria alguma curiosidade maior, não fui indagado sobre os meandros de minha pesquisa, como procederia com os dados ou sobre algum tipo de risco de exposição. Parece-me que a curiosidade deles está atrelada à dinâmica empírica da pesquisa, pois nenhum outro elemento lhes interessava de maneira particular.

Mesmo com esse primeiro contato, que julguei promissor, houve certa desconfiança, que, segundo eles, advinha da minha aparente “pouca idade para estar no mestrado”. Expliquei de maneira breve minha trajetória até o mestrado, e concluímos que trilhamos um caminho muito similar ao deixarmos uma cidade do interior para cursar a universidade. Essa conversa e esse reconhecimento entre nós parece ter facilitado nossa interação. Se, em alguns momentos da pesquisa, o fato de eu ter “pouca idade” me atrapalhou, isso foi fundamental no que diz respeito a aproximação com os grupos e pessoas, já que reconhecer a relação de alteridade permitiu a aproximação sem a sensação aparente de desconforto.

Me vali da resposta de Sergio e queixei-me da “*Bad*”, que, naquele contexto, seria um desconforto, sensação negativa de isolamento, fruto da falta de companhia durante minhas incursões de pesquisa na Rua da Lama. Vi, naquele momento, que poderia ousar uma aproximação ainda maior, foi quando perguntei ao grupo (mas com ênfase no interlocutor) se poderia me juntar a eles durante o show e tive o pedido prontamente aceito. A partir desse momento, passei a procurá-los às terças-feiras, mais ou menos no mesmo lugar sem combinar previamente.

Nesse momento, passo a observar que o círculo de amizade de Sérgio não é numeroso²⁹, não costuma ultrapassar três (3) ou quatro (4) jovens, de idade entre 18

²⁹ Esta média de integrantes dos grupos também se repete no caso das jovens.

e 25 anos. Trata-se de pessoas de maioria branca, estudantes universitários, e moradores do bairro Jardim da Penha. Seus interesses musicais estão alinhados com a maior parte de frequentadores, a julgar pelas vestimentas, principalmente camisetas com estampas de banda de *Reggae*. De modo geral, observa-se nos shows músicas clássicas da MPB, *Reggae* e algumas músicas do presente no cancionário do pop rock nacional.

Dentre os jovens presentes, eles fazem parte dos mais entusiasmados. Ficam próximos do palco no momento do show, local de concentração das pessoas que expressam maior efervescência. Dançam e cantam algumas músicas em voz alta, ações que vão se intensificando ao longo da apresentação, embaladas, muitas vezes, pelo consumo de bebidas alcoólicas. Costa e Castillo (2010), ao realizar um estudo etnográfico da realidade Venezuelana, também notaram o consumo de álcool entre os jovens, sobretudo durante as noites. Para os autores, a ingestão dessas substâncias está intimamente ligada ao sentido de alegria e diversão que estão sendo internalizados no momento do lazer, fazendo com que exista associação direta entre os fenômenos.

Esse comportamento de extravasamento, ilustrado na frente do palco no momento das músicas, seria interpretado como “estranho” ou atípico se realizado distante do palco. Pude notar que os comportamentos são aceitos (ou não) dentro de um conjunto de condicionantes, que passam por aspectos como a legislação e os acordos tácitos que vão sendo estabelecidos no interior dos espaços. Essas características fazem com que, no exemplo em questão, uma dança performatizada com muita euforia fosse normalizada se realizada em frente ao palco, e fosse condenada de maneira velada, se igualmente reproduzida fora da aglomeração de pessoas.

Figura 4: Noite de atividade do som de fogueira.



Fonte: AFTER- Adriano Krause (2019).

A figura 4 ilustra parcialmente a organização das pessoas nos momentos de show. Ocorre no Som de Fogueira um movimento oposto ao que se nota em shows de alcance nacional, pois o maior contingente de pessoas se coloca propositalmente mais distante do palco. Enquanto um menor número de pessoas, via de regra, visivelmente mais eufórico com as bandas, se coloca próximas aos cantores.

No fundo da imagem, na parte à extrema direita do palco, é possível observar o grande número de pessoas. O principal motivo para isso diz respeito à compra de bebidas alcoólicas e produtos de tabacaria³⁰ que são consumidos ali mesmo. No auge da noite, a procura por esses produtos é tanta que chega a gerar pequenas filas para a compra. Embora não seja perceptível na imagem em questão, a compra e consumo imediato no local não é única forma de ingestão de bebidas alcólicas, já

³⁰ Diferentes marcas de cigarro, isqueiros, algumas marcas de cerveja e ceda usadas para confecção de cigarros caseiros e maconha.

que uma estratégia exitosa de redução de custos que algumas pessoas utilizam são os *coolers* com bebidas compradas antecipadamente³¹.

Nessa altura da investigação, estava entusiasmado com a possibilidade de me aproximar do grupo de amigos de Sérgio, mas, na semana seguinte de nossa primeira conversa, uma chuva minou o evento, ou pelo menos o quantitativo de pessoas. Imaginei que por conta do distanciamento temporal dos encontros, a conversa que havia tido na semana anterior não fosse lembrada. Contudo, após essa semana de chuvas, o evento voltou a acontecer normalmente, e, dessa maneira, o grupo de jovens voltou a integrar o espaço e, assim, além de me reconhecerem visualmente, voltaram a me integrar.

Nesse segundo encontro com o grupo, havia mais um integrante, para o qual me apresentei e contei sobre minhas intenções. Para minha surpresa, ele já sabia quem eu era e o que eu fazia ali, fato que me fez perceber que os jovens haviam conversado sobre minha abordagem depois do primeiro encontro. Embora não tenha notado diferenças de tratamento ou na maneira com que eles agiam, minha presença “estranha” incidiu, mesmo que subjetivamente, sobre seus comportamentos.

Como originalmente eu não fazia parte do grupo e fui introduzido de maneira abrupta ao círculo de amigos, meu grau de intimidade com eles era substancialmente inferior à dos membros “originais”. Com isso, as formas com que se relacionaram, mesmo tergiversando, sofreram reorganizações. Esse aspecto nega, *a priori*, qualquer dimensão de neutralidade do antropólogo no ambiente citadino, e fez com que meu exercício investigativo buscasse diminuir a distância de linguagem e comportamento entre mim e os membros “originais”. Por isso, busquei, na medida do que era possível, compreender e utilizar as gírias faladas pelos grupos

³¹Portanto, o ambiente resguarda concomitantemente pelo menos dois tipos de consumos de bebidas alcoólicas distintas: um que não implica em nenhum grande planejamento para a ingestão, que é a compra em bares. E outro, operacionalizado através da existência do *cooler*, que impeli os jovens a planejar-se com o gelo, o *cooler* propriamente dito e as bebidas alcoólicas.

e me aproximar de seus gostos musicais e de consumo, sempre na esperança de criar mais laços de sociabilidade.

Pude perceber que minha presença no campo como pesquisador constituiu um paradoxo já tratado por Geertz (1989), pois assumo o papel de observador e de narrador de uma cultura que conheci sob um conjunto de circunstâncias mediadas pelas regras da pós-graduação. Desse modo, minhas expectativas e, sob certos aspectos, também vivências, são circunscritas a esses princípios burocráticos vinculados ao ambiente universitário. Tomando isso com clareza, a minha autoridade na pesquisa decorre, principalmente, da minha fala e escritos, que atestam o que vi e vivi, auxiliados por recursos audiovisuais como as fotos e gravações.

Tendo em vista os limites que toda pesquisa impõe e respeitando certa hierarquia dos membros “originais” do grupo, busquei dialogar de maneira não invasiva, para evitar possíveis constrangimentos que poderiam dificultar encontros futuros. No intervalo das apresentações musicais, os jovens me perguntavam sobre alguns artistas e bandas que me atraíam. Provavelmente, foram motivados pela observação da camisa de um cantor brasileiro que eu usava. Nesse momento, percebi que, apesar de não termos tantos interesses musicais em comum, a conversa serviu como fio condutor para diálogos sobre a Rua da Lama e para eu perceber que eles se sentiam confortáveis comigo.

Esse fato corriqueiro serviu para notar que, implicitamente, os jovens do grupo agiam também como pesquisadores comigo, pois acabam interpretando minhas posturas no campo, meus diálogos e interesses. Do mesmo modo que me interessavam suas informações e percepções do campo, minhas características pessoais são avaliadas por eles, no plano identificável, como no episódio da camisa. Mas também o faziam de maneira mais subjetiva, como nas relações interpessoais, pois penso que lhes interessava saber se eu poderia representar algum tipo ameaça (uma espécie de delator ou julgador), ou uma boa companhia para aproveitar a noite de lazer.

Tendo em vista esse processo de incorporação ao grupo, indaguei se eles concordavam com o responsável pelo Som de Fogueira que, minutos antes,

acabava de falar o *slogan* do evento em seu microfone: “(...) a Rua da Lama é a rua mais democrática de Vitória; o Som de Fogueira vem para reafirmar isso, quando traz vários cantores capixabas com seu som; viva a cultura”. Nesse momento, o grupo dividiu suas opiniões. Uma parte dos amigos considerou que o centro de Vitória é mais democrático porque é frequentado, nas palavras deles, por pessoas mais “raiz”, enquanto outra parte apontou para uma multiplicidade de perfis de pessoas no ambiente da Rua da Lama como característica da democratização do ambiente.

Na concepção dos locais, um frequentador raiz é aquele que encarna a boemia, que, na verdade, é um estilo de vida relacionado à diversão noturna frequente, atividades musicais e, geralmente, bebidas alcoólicas. Para meus interlocutores, raiz é uma espécie de categoria de disputa e legitimidade, isso significava, sobretudo, não ser “nutella”, seu significante contrário. Esse tipo de processo funciona como uma forma de acusação, que carrega significados que são considerados negativos no ambiente da boemia, como não aguentar consumir elevadas quantidades de álcool, retornar cedo do rolê, ser “careta” e dar excessiva importância as regras públicas e dos bares.

Para os frequentadores, o conceito de democrático é algo difuso que, a partir do enunciado do Som de Fogueira, é interpretado principalmente no sentido econômico: associado ao tipo de bebida e seu valor. É daí que parece ter sido desenvolvida a categoria “raiz” e “nutella”, oriundas de aspectos socioeconômicos e do comportamento “legitimamente” boêmio que se desenvolveu na capital do estado.

Ser “raiz” pode significar não respeitar algumas regras estabelecidas pelos bares, conseqüentemente pode acabar se convertendo em incômodo aos vizinhos da Rua da Lama e ao poder público. Por isso, às vezes, o lazer de alguns incomoda profundamente outros, como o caso do Som de Fogueira. Contudo, no mesmo evento, foi possível notar um movimento de mobilização social e política, que pode mostrar ao poder público a importância e urgência de atividades de lazer noturno na cidade.

A concepção de “rua democrática” é empregada também no sentido de ser um espaço que agrupa pessoas dos mais diversos bairros e classes sociais. Existe

também uma leitura do fenômeno ligada à tolerância e, principalmente, a participação de públicos distintos, fato facilmente averiguável nas falas dos frequentadores. Contudo, tendo em vista os aspectos relacionados à gentrificação do local e seus reflexos, é possível dizer que existem muitos empecilhos para os mais pobres e aqueles que moram em locais distantes fazerem parte da boemia da Rua da Lama.

Essa discussão de democratização do ambiente insere-se no contexto de ruptura entre o dia (rotina) e a noite (diversão) vivenciada na Rua da Lama. Tal aspecto aparece materializado no transbordamento, durante a noite, de símbolos de diversão, diversidade e prazer. Dessa maneira, “[...] a noite se produz em oposição à vida cotidiana e as tarefas diárias [...]” (BLÁZQUEZ; TILOCA, 2018. p. 199), possibilitando a criação de vivências de lazer muito próprias desse turno, às vezes, tidas como democráticas.

Esse *status* de ruptura com a rotina diária, marcada pelo trabalho e estudo (atividades “sérias”), é o que, fundamentalmente, motiva a autonomia e a independência no compartilhamento de momentos de diversão (BERTHET *et al.*, 2016; MARGULIS, 1997; RODRÍGUEZ SUÁREZ, AGULLÓ TOMÁS, 2003; BARRAL, 2006; BLÁZQUEZ; TILOCA, 2018). Por isso, o lazer noturno na cidade age como um tempo-espaço de possibilidades, que pode estar atrelado, no senso comum, ao perigo: a metrópole como o lugar da violência e do caos, mas, também, em uma leitura acadêmica voltada para o lazer, como um lugar de prática de autonomia e satisfação.

Blázquez e Tiloca (2018), em seu texto intitulado “Sobre saídas e derivas: *Anthropological Groove* e ‘a noite’ como espaço etnográfico”, buscaram compreender qual o sentido da noite para os jovens argentinos, pois sentiam falta de esforços teóricos das ciências humanas para compreender os fenômenos que não fossem diurnos. Para eles, esse tempo-espaço configura-se como algo disruptivo e em constante disputa política, apontando que em outros países da latino-américa isso também se manifesta.

Para meus interlocutores, em consonância com os teóricos supracitados, a noite significa, simbolicamente, uma espécie de passagem de estágio. Embora

tradicionalmente os ânimos jovens se atraíam mais pelos dias que antecedem o fim de semana para ingressar na noite, a terça-feira se mostra também um momento para aproveitar o ambiente noturno. A boemia, que caracteriza fundamentalmente o fim de semana, pode ser vivenciada, ao menos em partes, na terça-feira do Som de Fogueira.

Para além das questões até então percebidas e analisadas, me interessa especificamente os trajetos de lazer das pessoas que participavam do Som de Fogueira. Por isso, acompanhei o evento desde o início até após o término formal da atividade, na busca de um amplo entendimento do lazer. Me questionava se havia trajetos de lazer noturno ali após o Som de Fogueira, ou se os jovens iam para suas casas. E, se caso existissem, quais eram os destinos adotados por essas pessoas.

Ao dar mais atenção a esses aspectos, percebi que a maior parte dos frequentadores do Som de Fogueira permanecia na Rua da Lama após a finalização formal do evento. Logo após o término do show, ocorre uma série de deslocamentos no interior da própria Rua da Lama. Alguns frequentadores ficam nas calçadas e no canteiro central conversando e se divertindo, enquanto outros adentram as lanchonetes e, principalmente, os bares. Menor é o número daqueles que partem diretamente para os pontos de ônibus ou para os prédios em que moram.

Os bares mantêm mais ou menos o mesmo padrão de som³² e também de venda de bebidas e comidas. No entanto, o Shots Bar, especificamente nessa noite, se diferencia de todos os outros bares, pois conta com música ao vivo (forró), que começa aproximadamente às 20:00 e termina à meia noite. Essa condição abriu caminho para que esse bar fosse o principal destino dos frequentadores do Som de Fogueira, uma vez que após o show (que nesse momento encerra pontualmente às 22:00) os jovens possam estender seu lazer com outra atividade musical.

³² Utilizando *CDs* e *Pen Drives* para reproduzir músicas.

Figura 5: Fachada do Shots Bar.



Fonte: Google Maps, 2021.

A figura 5 mostra a fachada do Shots Bar, um estabelecimento que funciona como anexo ao posto de gasolina existente na parte final da Rua da Lama (entre a rua da Lama propriamente dita e a UFES). Esse, conta com um espaço interno, onde são servidos os pedidos, com mesas e cadeiras para acomodação dos clientes e uma parte “externa”, denominada por seus frequentadores como “puxadinho” ou “varanda”, com uma mesa de sinuca e pequenas mesas de madeira.

Quando perguntados a respeito do motivo que leva os jovens a procurarem mais de um equipamento de lazer em uma mesma noite, surgem, recorrentemente, respostas do tipo “ainda estamos bem, queremos mais”, “estamos animados”, “ainda estamos no pique”, “lá está o fervo³³”. Nesse caso, o tempo cronológico do primeiro acontecimento não é capaz de satisfazer o desejo de todos os presentes, que seguem animados em busca de uma continuidade, seja da dança, da audição

³³ É o modo que utilizam para falar que o local está com muitas pessoas que os agradem.

musical ou do encontro. O trajeto passa, portanto, pela continuidade das experiências positivas de lazer anteriormente vivenciadas.

A proximidade entre o bar Birita (sede do Som de Fogueira) e o Shots Bar facilita consideravelmente a mobilização dos que estão ali presentes para a mudança de ambiente. Essa característica geográfica (de proximidade) é fundamental na constituição dos trajetos, pois permite, sem grandes esforços, o ingresso no novo espaço. Além de evitar gastos com transporte para se locomover para o novo ambiente, parece somar-se a isso o fato de que no Shots Bar não é cobrado valor de entrada e nem haver consumação obrigatória.

O forró do Shots bar começa em horário conflitante com o Som de Fogueira e, talvez por isso, no início envolva poucos participantes. Mais tarde, incorpora-se ao seu público “exclusivo”, os provenientes do término do Som de Fogueira. Assim, o Shots Bar começa a aumentar vertiginosamente o número de frequentadores já bem mais tarde. Pensando que a terça-feira, em circunstâncias normais, não é uma das noites mais frequentadas da semana, é possível supor que o Shots Bar fica aberto até mais tarde durante a noite de terça-feira, justamente porque abarca esse público. A extensão da atividade musical converte-se em uma ação economicamente atrativa para os proprietários do bar.

Esse fenômeno que se fez presente quando analisei o contexto do Som de Fogueira, também se manifestou, em diferentes graus (e com especificidades), na Rua da Lama como um todo. Quando já acompanhava o grupo de Sérgio há vários meses, reparei que uma questão sempre gerava discussões: o que fariam após o término do Som de Fogueira. Essa questão, certa vez, dividiu o grupo (composto por Sérgio, eu e outros dois amigos dele), e se converteu em uma pequena tensão.

Na ocasião, elencamos algumas opções de boates fora da Rua da Lama, mas havíamos esbarrado em alguns empecilhos, já que não dispúnhamos da quantia cobrada na entrada da boate. Ademais, também não tínhamos dinheiro para pagar o transporte até bares ou festas distantes. Estávamos, como definiu Sérgio, “duros³⁴”.

³⁴ Expressão utilizada para mostrar que não tínhamos de dinheiro.

Por isso, restringimos nosso horizonte de possibilidades a Rua da Lama, já que nesse mesmo local ainda nos restava uma gama considerável de opções de bares.

Em debate interno, dois integrantes do grupo disseram que certos bares “não faziam seu tipo” ou por serem demasiadamente caros, ou por terem um “tipo” que não os agradam. O emprego dessa palavra tem um sentido genérico, mas diz respeito, principalmente, à estética, e às pessoas que frequentam. Quando indagados por mim sobre o motivo do desagrado, responderam que não gostam de locais caros e onde as pessoas usam roupas muito formais. Eles preferem um ambiente “povão”, pois é possível ficar mais à vontade entre os seus.

Essa opinião do grupo de Sergio eu pude escutar, em outras palavras, dos frequentadores do Sofá da Hebe, que relatam gostar do ambiente por ser “de jovens universitários de classe baixa”, em sua análise. Esses relatos coadunam com a reflexão presente em Berthet *et al.* (2016), quando fala sobre a influência direta das condições socioeconômicas no lazer noturno, já que sua classe social, para os autores, é um elemento central no tipo de atividade escolhida. Essa característica não é algo necessariamente bom, pois a cultura noturna pressupõe algumas escolhas e restrições, e a falta de poder aquisitivo pode ocasionar exclusão proveniente do não enquadramento em determinado *status* social (MARGULIS, 1997).

Essa discordância do grupo com relação ao ambiente ganhou mais objetividade quando se discutiu se iríamos a um “botequim” ou “boteco”. Sugeri que fossemos ao Shots Bar, visto que este é o trajeto que mais reunia pessoas, mas fui interpelado pelo Marcelo (um dos amigos), que me disse que o espaço não pode ser entendido como boteco: “Não dá para ir lá; não é boteco, se for beber é mais caro. Boteco é mais barato, temos que caçar outro. Não gosto muito do bar, acho muito *gourmet*. Se forem, vou junto, mas nem vou beber” (MARCELO, ENTREVISTADO, 2019).

Por decisão coletiva, fomos ao Shots Bar mesmo assim. Esse movimento possibilitou algumas reflexões: a primeira, que Marcelo decidiu ir ao ambiente mesmo não sendo de sua preferência, abdicando de sua posição em nome da harmonia e diversão do grupo. A segunda, que embora não tenha sido totalmente

exposta na transcrição, diz respeito a uma tipologia dos bares, divididos entre “botecos” e “bares”. Sua percepção é convergente com as análises elaboradas por Silva (2011), ao diferenciar o bar do botequim, traçando duas características fundamentais ao segundo, que diz respeito fundamentalmente ao aspecto financeiro (baixo preço das mercadorias) e aparecia pouco ornamentada. Portanto, fica explícito que a característica financeira, apesar de não ser determinante, influencia na escolha do ambiente e ajuda a estruturar o trajeto de lazer noturno do grupo.

Parto do princípio que o lazer noturno na Rua da Lama é permeado pela dimensão do consumo. Esse dado é visto *in loco* e, também, analisado no trabalho de Barbosa (2008), ao defender que a compra/consumo implica na construção de significado por parte dos indivíduos, e conforma muitas faces do lazer. Desse modo, a identidade e o estilo de vida não são atos individuais e arbitrários, mas construções dinâmicas que sofrem modificações de acordo com a visão de mundo e a possibilidade financeira da qual o indivíduo dispõe. Em suma, na Rua da Lama é possível dizer que existem motivos e possibilidades de consumos culturais e de classe, e motivos que são pragmáticos.

A temática do consumo é complexa e envolve uma discussão teórica que compreende os significados da relação de consumo com determinados grupos. O consumo em seu espectro mais amplo permeia o lazer dos frequentadores do Som de Fogueira e outros acontecimentos da Rua da Lama, na forma das bebidas alcoólicas, das comidas e formas de diversão que pressupõe pagamento. Os trabalhos que tematizam o consumo têm diferentes matrizes teóricas, mas, no caso da antropologia, o trabalho de Beltoni (2019), ao mencionar o consumo na capital capixaba, mostra a fluida relação entre os lugares de consumo/lazer e como isso ajuda a produzir gostos e subjetividades em seus interlocutores. Por isso, não se pode ter dúvidas que os trajetos de lazer da Rua da Lama estão imbricadas com o consumo.

Tendo isso em vista, Bertoli (2019) mostra que a “[...] escolha de qual festa participar tem uma lógica complexa, estabelecida pelas diversas maneiras que os nativos a observaram” (BELTOLI, 2019, p.111). Por isso, é possível dizer, tendo em vista os aspectos empíricos e embasado no estudo de Reckziegel (2009) sobre os

aspectos de satisfação e preferência dos usuários de lazer noturno, que a construção do trajeto de lazer que parte do Som de Fogueira até o Shots Bar se constitui levando em conta os gostos particulares e a influência dos pares no momento de diversão (aspectos subjetivos), a quantidade de dinheiro disponível, a qualidade do evento e a distância, principalmente.

Esse panorama apresentado, o qual envolve o poder de compra e o gosto pessoal – que é colocado em discussão pelo grupo no momento de escolha do local –, é mais uma das categorias de mobilidade do trajeto. Contudo, esse trajeto tratado tem, ainda, mais um aspecto que lhe confere complexidade, pois notei que grupos de jovens passaram a se divertir, sobretudo, após o término do Som de Fogueira, na entrada e saída do posto de gasolina (espaço ao lado do bar).

Num primeiro momento, essa forma de lazer parece ser a mesma que ocorria no interior do bar, mas, com o passar do tempo, notei que se trata de sociabilidades com especificidades relevantes. Estar fora do bar, mas ao seu lado, permite que os jovens tenham formas de organização próprias, que fogem das regras estabelecidas no interior desses estabelecimentos. Essa condição permite que esses jovens se aglutinem em busca de seus pares e estendam sua diversão até aproximadamente 2:00 horas da manhã, ou seja, depois que o bar está fechado.

A permanência dos jovens no espaço parece refletir a ânsia de continuidade de diversão. Por isso, minha presença no campo de estudo se prolonga, na busca de compreender os mecanismos que fazem com que esses frequentadores permaneçam na rua mesmo após o fechamento de todos os bares. Nessa empreitada, pude perceber que a melhor explicação para esse fenômeno havia sido dada por três jovens, que, por conta das circunstâncias investigativas, não pude aprofundar os diálogos, mas que diziam que “nós fazemos nosso rolê, independente do lugar e da hora”.

O que também parece influenciar na permanência dos jovens nessas circunstâncias é a possibilidade de compras de bebidas na loja de conveniência do posto de gasolina (aberta 24 horas), embora isso não tenha sido falado por nenhum dos jovens. Com o fechamento dos bares, essa loja se converte em uma espécie de bar informal, pois todos os jovens que bebem, compram lá. Desse modo, embora

não seja possível afirmar de maneira categórica, parece que esse fenômeno da permanência do público nesse espaço tem relação com o prolongamento do encontro com os amigos e o consumo de bebidas alcoólicas.

O que cabe fundamentalmente mostrar é que, embora o tipo de sociabilidade vivenciada nas proximidades do Shots Bar resguarde especificidades, como dito, não se configura um novo trajeto de lazer. Uma parte dos frequentadores é submetida a regras mais convencionais, que são guiadas pelo regimento do Shots Bar. E outra que é regida por acordos e sansões (informais), no momento em que esse estabelecimento se fecha. O lazer, nesse sentido, sofre mudança na sua forma de acordo com as regras (explícitas ou não) que são compartilhadas socialmente.

O som de Fogueira e o Shots Bar, com suas formas particulares de sociabilidades, fazem parte do mesmo trajeto, pois são conectados por uma continuidade simbólica, que permite alterações na maneira de se comportar, sem haver uma ruptura da forma de lazer.

Portanto, baseado na investigação de campo e na leitura referente à temática, notei que o principal trajeto de lazer que envolve a noite de terça-feira na Rua da Lama diz respeito a saída dos frequentadores do Som de Fogueira em direção ao Shots Bar. Os principais elementos mobilizadores desse trajeto são: a proximidade entre os locais, que podem ser percorridos a pé, em poucos passos; a tomada de decisão por parte dos amigos, que é feita de maneira coletiva e atravessada por aspectos subjetivos, como o gênero musical presente, a possibilidade de encontro com outros grupos de jovens e continuar se divertindo, e, por último, a quantidade de dinheiro disponível para o lazer e o valor das bebidas no local.

2.1 CASOS DE DROGAS ILÍCITAS

Como acontece em ruas tipicamente boêmias, na Rua da Lama o consumo de bebidas alcólicas é algo corriqueiro. Seus frequentadores associam diretamente o lazer e o consumo de bebidas alcoólicas. Para além do consumo de álcool, a Rua da Lama, principalmente nos dias do Som de Fogueira, é palco do consumo de algumas drogas ilícitas. Ao longo de minha inserção no campo de pesquisa, notei a

presença recorrente de grupos jovens fazendo uso de drogas (principalmente maconha), e passei a compreender esse fenômeno como sendo promotor de uma forma de sociabilidade.

A literatura sobre o uso de drogas (lícitas ou não), nos tempos e espaços de lazer, não é muito vasta e deve ser mais amplamente discutida no Brasil. Nesta pesquisa, a reflexão é direcionada especificamente ao caso do Som de Fogueira. A escolha por tratá-lo aqui tem relação com a elevada recorrência do fenômeno nessa noite.

O discurso sobre o uso de drogas ilícitas, foi, durante as últimas décadas, tratado, quase que exclusivamente, por pesquisadores da área da saúde, com a preponderância da medicina. Somente mais recentemente, é possível notar um aumento no número de pesquisas vinculadas às ciências humanas, que têm como objeto, a partir de diferentes vertentes e opções metodológicas, a compreensão sobre o uso de drogas ilícitas na sociedade urbana contemporânea. É nesse quadro que as produções de Becker (2008) e Bergeron (2012) se constituíram como textos clássicos, pois lançam luz para aspectos culturais que envolvem o uso/consumo de drogas ilícitas e alargaram as possibilidades de interpretação.

Para Bergeron (2012), foi o uso de substâncias psicoativas de maneira intensiva que acabou repercutindo na classificação e, conseqüentemente, regulação e proibição das drogas pela classe médica. Contudo, a divisão entre o que é considerado uma droga lícita ou ilícita, para o autor, foi direcionada por interesses econômicos que reverberaram em outras esferas sociais.

Becker, um dos pioneiros nos estudos socioculturais sobre drogas e autor de *Outsiders*, desenvolveu uma de suas grandes contribuições à *sociologia do desvio*, pensando o uso de drogas nos EUA. As ideias desse autor são férteis para nossa pesquisa, pois, em última instância, refletem sobre o uso de drogas ilícitas em seu aspecto atitudinal. A partir do trabalho de campo, analisando o comportamento *outsider* e dos usuários de maconha, o autor demonstra os mecanismos de repetição e aprendizado que envolvem o uso da maconha. Becker também descreveu o conhecimento envolvido no consumo de drogas em espaços públicos e privados e suas nuances.

Muito influenciado teoricamente por Becker (2008), assim como boa parte dos autores citados nesta parte do trabalho, Santos (2017), em sua tese sobre o uso de drogas ilícitas em espaços públicos, afirma que a utilização da maconha (além do álcool) é algo recorrente entre os jovens no contexto urbano de lazer. Para o autor, mesmo aqueles que não fazem uso, já viram ou souberam de alguém que consome drogas ilícitas, a despeito das políticas de proibição que têm vigorado no Brasil. Essa visão também é compartilhada por Macrae e Simões (2000), ao realizarem um trabalho etnográfico sobre o consumo de maconha entre as camadas médias urbanas.

Quando observado especificamente o contexto da Rua da Lama, poucas são as informações atuais sobre o uso de maconha e outras drogas. Resumem-se, basicamente, às notícias jornalísticas que mostram, através de falas de moradores, que ocorre uso de substâncias proibidas nos entornos dos bares. Na literatura acadêmica, pude notar que a Rua da Lama, já nas décadas de 1970 e 1980, era palco de usos de drogas, como Gripp (2015) mostrou em sua dissertação. Nos dias atuais, o que pude perceber é que os usos se mantêm, embora não tenha subsídios para afirmar se houve aumento ou diminuição no consumo em relação ao período destacado. O que foi possível observar a partir da vivência de campo é que a Rua da Lama oferece, nos dias atuais, relativa tranquilidade para o uso de maconha por parte dos frequentadores.

Embora em todas as noites seja possível observar ou sentir o cheiro de maconha no local, percebi que às terças-feiras é mais comum ver jovens consumindo a droga, sem se esconder ou tentar disfarçar. Nos outros dias, eles fazem o uso da substância de forma mais reservada, nas ruas laterais ou na faixa de grama que divide a Rua da Lama em seus dois sentidos. Nesse caso, o Som de Fogueira, por conta de suas características e de seu público, parece flexibilizar a dinâmica do uso de maconha.

Os *baseados*, terminologia utilizada para designar o cigarro de maconha, são, na maior parte das vezes, preparados ali mesmo. O consumo começa com uma pessoa disposta a preparar o baseado, que obrigatoriamente deve ser alguém competente em confeccioná-lo. O uso da maconha raras vezes fica restrito a uma só

peessoa, e é corriqueiro que o cigarro passe nas mãos de todos dentro do círculo de amigos e, por vezes, extrapole este círculo inicial, formando novas sociabilidades. Para Santos (2017), tal comportamento só é possível porque existe um conjunto de iniciativas, como a tradição de uso dessas substâncias no local, tolerância dos pares em relação ao uso e ausência de repressão policial (SANTOS, 2017).

Essa postura estabelecida faz com que o uso de maconha durante o evento seja naturalizado, na opinião de alguns interlocutores da pesquisa, como de Sérgio e seus amigos. Santos (2017) se vale da categoria “*legalize*” para analisar esse uso naturalizado de drogas em espaços públicos. Esse termo diz respeito a espaços públicos de lazer onde ocorre o uso de maconha e outras drogas. Para o autor, uma boa maneira de pensar nos espaços *legalize* é como sendo territórios em que:

O consumo [de drogas ilícitas] é relativamente livre de controles formais, e em alguns locais privilegiados da cidade, sem qualquer tipo de transtorno ou repressão direta. Assim, também podemos pensar nos circuitos *legalize* como territórios não-marginais ou até mesmo manchas e circuitos urbanos de alto padrão econômico e em perfeitas condições de saúde e segurança. Desta forma, os usuários de drogas denominam estes locais como “*legalize*”, que geralmente são espaços públicos de lazer e entretenimento frequentados por pessoas socialmente integradas, tanto de classe média alta, quanto das classes menos privilegiadas (SANTOS, 2017. P 13)

Ao longo da pesquisa de campo, ficou evidente que, nos dias do Som de Fogueira, a Rua da Lama se torna mais “*legalize*” do que nos outros dias. Embora não se possa fazer uma relação direta entre o uso de maconha com o tipo de evento em questão, Santos (2017), em sua pesquisa, percebeu “muitos eventos de música *reggae* e de ritmos e estilos alternativos *como sendo* propícios para o consumo público e explícito de drogas como maconha e cocaína no local” (SANTOS, 2017. p 122, grifo nosso). Ainda que esse possa ser um aspecto importante, entendo que, no caso da Rua da Lama, o consumo despreocupado de maconha em dias de Som de Fogueira tem relação com a própria flexibilização das regras do local nos dias do evento.

Tal flexibilização, que torna a Rua da Lama *legalize* nos dias do Som de Fogueira, tem relação direta com a postura das forças repressoras (polícia), que costumam estar presentes na Rua da Lama em outros dias da semana. Embora o policiamento na noite do evento seja algo sistemático, sua atuação é branda para

com os usuários. Nunca presenciei em campo qualquer revista ou abordagem policial relacionada ao uso de drogas.

Passei a prestar uma atenção especial aos círculos de amigos que fumavam maconha no ambiente, e, por isso, busquei me aproximar. Nesse momento tive maior acesso as falas que foram fundamentais para interpretar o fenômeno, pois, com a proximidade dos “maconheiros³⁵” (terminologia nativa), vivenciei uma experiência de sociabilidade com características especiais. Frases como “alguém bola aí”; “me dá o beck”; “passa aí o beck” compõem o ritual de uso e diversão. Sem grandes riscos, os círculos de amigos compartilham a maconha durante suas conversas, e oferecem uma “bola” (trago) aos colegas presentes.

Questionei a um dos grupos de amigos, dos quais me aproximei, como eles fumam ali na rua sem medo de serem repreendidos por algum policial que eventualmente estivesse olhando. A resposta foi:

Olha, a gente não vai sair daqui e ir lá fumar na cara da polícia, né? Mas hoje é liberado, várias pessoas fumam aqui, acha que vão pegar todos? Não. Você sabe que venho aqui para fumar com os meus amigos. Se ficarmos aqui no meio da galera eles (policiais) não vem, podem sentir o cheiro, mas não vem. Tipo, nos outros dias se eu fumar, evito ficar em lugares fáceis, porque talvez venham mandar apagar ou alguma coisa assim. Como hoje (terça-feira) tem muita gente aqui fica mais fácil, eles ficam sem graça de encher o saco. Mas tipo, tô falando à noite, de dia a coisa (uso) não rola. (EDUARDO, FREQUENTADOR, 2019)

Observando suas atitudes, percebi que são bastante coerentes com o discurso, pois, embora não tenham “medo” de repressão policial, o grupo organiza o círculo de uso para que a prática não seja facilmente visualizada. Imagino que a naturalização do uso da maconha não seja compartilhada por todas as pessoas frequentadoras daquele local, mas a ambiência faz com que não haja atitudes repressivas com os usuários. Nunca vi alguém interpelar um grupo que não fosse para pedir uma “bola”, seda para fazer um baseado ou isqueiro.

³⁵ A terminologia, proferida no interior do grupo de amigos, não contém qualquer sentido pejorativo. Algumas vezes os próprios usuários se intitulam como sendo “maconheiros”.

Embora nesse diálogo transcrito o interlocutor não tenha desenvolvido toda sua visão sobre o uso de maconha na Rua da Lama, durante nossas conversas, ficou explícito que ninguém do círculo, embora frequente o espaço para pagamentos de boletos e atividades diárias, fuma maconha ali durante o dia. À noite, assim, o evento-local se configuram como tempo-espaço propícios de substâncias ilícitas.

Nessas noites, a droga ilícita mais comum é, sem dúvidas, a maconha. Ainda assim, observei pessoas usando cocaína durante o Som de Fogueira. Percebi que o uso é feito em uma parte mais reservada da rua, isto é, distante das fachadas dos bares e espaços em que existe mais iluminação. Essa condição faz com que exista muita diferença dos espaços da Rua da Lama utilizados para o consumo da maconha e da cocaína, embora sejam produtos igualmente ilícitos.

Essas análises do campo me remeteram a Alcântara (2009), ao narrar o uso de drogas em um salão repleto de jovens advindos, em sua maioria, da Universidade. A autora notou que as substâncias mais recorrentes eram as bebidas alcoólicas e cigarros, seguido do uso de maconha, enquanto os usuários de cocaína tinham que recorrer aos banheiros como local de uso. Velho (1998) já notava que algumas drogas tinham a capacidade de produzir sociabilidades distintas, chegando a comentar que algumas criariam sociabilidades e outras não. O autor, naquele momento, apontava que a cocaína não teria um perfil socializador, principalmente por seu elevado preço comercial, fato que se modificou nas décadas subsequentes com a popularização da substância.

Fernandez (2007), ao estudar os rituais de consumo e a carreira dos “cheiradores” de São Paulo, mostrou que a cocaína chegou a ser uma das drogas ilícitas mais usadas durante alguns anos da década de 1990, e deu destaque para a complexidade que envolve a dinâmica do uso da droga. O que parece ocorrer, com base em minhas observações na Rua da Lama, mas também apoiado nos estudos de Velho (1998), Alcântara (2009), Fernandez (2007) e Santos (2017), são sociabilidades com características diferentes no uso de maconha e cocaína em locais públicos.

Para além dos efeitos que a maconha e a cocaína impõem ao corpo, que são bastante distintos, as diferenças de sociabilidade e grau de “liberdade” de uso estão

imbricadas, fundamentalmente, com a relação das outras pessoas para com os usuários. Isso pode ser definido pelo grau de tolerância, repressão policial e uma “aceitação” tácita dos frequentadores do local.

Ao olhar toda a população que frequenta a Rua da Lama, percebe-se que são poucos os frequentadores que fazem uso de cocaína e/ou maconha durante seu momento de lazer. Também é observável que a forma de sociabilidade dos jovens consumidores de drogas ilícitas apresenta particularidades, principalmente na relação ambígua e contraditória que há na figura da polícia e na reprovação dos outros frequentadores da Rua da Lama.

3. SOBRE A SEXTA-FEIRA E O SÁBADO NA RUA DA LAMA: OUTRA FORMA DE VER O CAMPO

Neste tópico, faço um debate que abarca fenômenos que aparecem recorrentemente durante noites de sexta-feira e sábado na Rua da Lama, embora não figure comumente nos noticiários locais. Refiro-me à presença o dos *pedágios* (formas de arrecadação de dinheiro realizada entre os jovens estudantes universitários), às pessoas em situação de rua e aos vendedores ambulantes. Debate-se, portanto, outras formas de se apropriar da Rua da Lama que não são relacionadas ao lazer, mas que se fazem presentes e precisam ser problematizadas atualmente. A opção de analisar os dois momentos de maneira conjunta se deve às características convergentes do lazer nesses dias, bem como a proeminência de formas de vivenciar a Rua da Lama fora do lazer.

Desde meus primeiros contatos com o campo de pesquisa, analisando as noites de sexta-feira e sábado, vi especificidades no que concerne aos frequentadores do espaço. Notei a presença de recém ingressantes dos cursos superiores da Universidade Federal do Espírito Santo e da Universidade Vila Velha (chamados de calouros) nas calçadas e ruas. Em todos os inícios de semestre, a Rua da Lama se torna palco do “famoso” trote universitário. Por isso, nas sextas e sábados que marcam o início dos semestres letivos, o que mais chama a atenção são os jovens calouros, perto dos bares, caminhando de um lado pro outro na Rua da Lama, cobertos de tinta e pedindo dinheiro. Pude perceber essas mesmas características em três processos de ingresso de estudantes da graduação da UFES, respectivamente 2019/1, 2019/2 e 2020/1, quando acompanhei (extraoficialmente no primeiro caso) tomando nota e dialogando com os ingressantes no campo de pesquisa.

Tal prática funciona como um momento de passagem único, que ganha novos personagens a cada processo seletivo, e é uma atividade típica da Rua da Lama. Embora os trotes tenham início no interior das Universidades, eles terminam na Rua da Lama, pois ela se configura como um local mais propício para arrecadação de dinheiro, que é parte importante do ritual.

Estudiosos que se dedicaram ao tema dos trotes universitários, como Zuin (2002) e Marin, Araújo e Espin Neto (2008) problematizam aspectos da violência contida em muitos desses rituais de passagem. Para eles o trote é uma atividade ambígua, pois é muito comum (e desejada por muitos), mas contém elementos negativos. A violência nesses trotes pode ser de ordem física e/ou psíquica e, muitas vezes, acaba sendo justificada como uma ação necessária durante o processo de integração entre os calouros e os veteranos. Por isso, ao longo dos anos de graduação, muitos alunos vão internalizando e naturalizando processos de violências como maneira de pertencimento.

Dentro dessa tradição se encontra o ritual do *pedágio*, terminologia local utilizada para designar o ato de pedir dinheiro em semáforos. O pedágio tem a finalidade de arrecadar dinheiro para a realização das festas universitárias e opera como uma forma de interação entre veteranos e calouros. É precisamente sobre o funcionamento do pedágio que dou maior ênfase neste momento, pois é outra forma de vivenciar o campo majoritariamente utilizado para o lazer noturno.

A legislação proíbe de maneira categórica o trote vexatório na UFES, conforme a Resolução nº 13/2003-CUn *Art. 4º*:

Fica proibida na Universidade Federal do Espírito Santo toda e qualquer ação de trote. Parágrafo único. A participação em ações desta natureza implicará na abertura de processo administrativo disciplinar e na aplicação das sanções previstas no Regimento Geral desta Universidade, sem prejuízo daquelas estabelecidas na Legislação Penal e Civil³⁶. (UFES, 2003).

Contudo, vi que a etapa de arrecadação de dinheiro ocorre sem nenhuma interpelação institucional no interior do campus de Goiabeiras³⁷, sinais de trânsito e na Rua da Lama. Os universitários e o corpo técnico da universidade parecem conviver sem grandes problemas com esse tipo de integração, pois, de acordo com

³⁶ Veja todas as informações no link: <http://www.ceunes.ufes.br/conteudo/diga-nao-ao-trote>

³⁷ A Universidade conta com mais três campos acadêmicos, além de Goiabeiras: Maruípe, Alegre e São Matheus.

o proprietário do bar Sofá da Hebe, isso ocorre há décadas e nunca houve nenhum movimento no sentido de cerceá-los.

A vivência no campo de pesquisa me permitiu ver os estudantes chegando na Rua da Lama com o corpo impregnado de farinha de trigo, algumas vezes de ovos e, principalmente, pintados com tinta guache. Com os corpos marcados por essa visível distinção em relação aos frequentadores locais, seguem pedindo dinheiro a qualquer pessoa que cruze seu caminho. Boa parte das pessoas presentes na Rua da Lama parecem acostumadas com a prática. Alguns colaboram com algum dinheiro (geralmente moedas) e outros alertam imediatamente que não têm possibilidade de contribuir.

O ato gera, entre os calouros, o que Zuin (2002, p 9) chama de uma “prazerosa integração sadomasoquista”, pois a imensa maioria dos jovens que se submete a essa situação, o faz para arrecadar dinheiro que se converterá nas chamadas *festas de integração*. Essa integração (trote) é anunciada pelos veteranos como sendo algo opcional, mas boa parte dos calouros parece participar estritamente pelo desejo de se sentirem integrados, e não pela prática em si. A recusa do trote pode se converter em um tipo de exclusão posterior, já que a não participação é compreendida pelos veteranos como uma conduta inadequada ou pouco receptiva. Por isso, em última instância, o trote auxilia na hierarquização dos estudantes, em que os veteranos dispõem de mais prestígio e conhecimento sobre o mundo universitário (e tudo que o orbita), e, os calouros, menos.

O *pedágio* na Rua da Lama não é uma atividade exclusiva da sexta-feira, mas é justamente nela que o número de calouros aumenta exponencialmente, por conta da maior circulação de pessoas. Essa situação é explicada no relato de Jonas (20 anos), calouro da UFES:

Eles [os veteranos] marcam o dia para o trote, acho que muitos são na sexta-feira, porque tem vários cursos aqui, aí rola a pintura e depois vamos pedir dinheiro. Pedimos dentro da UFES, nos sinais de trânsito da Fernando Ferrari [avenida que fica localizada em frente a universidade] e chegamos aqui na Lama, a galera já sabe que precisamos ganhar dinheiro, aí a gente junta a grana que eles [os veteranos] falam. (JONAS, ENTREVISTADO, 2019).

É importante destacar que, mesmo sendo algo esporádico e, ao menos em tese, proibido pela universidade, o trote e o pedágio fazem parte da “cultura” do ingresso de novos estudantes. Praticamente todos os seus frequentadores já assimilaram e naturalizaram essa prática, ainda que não aprovelem ou tenham participado diretamente. Esses estudantes são, em última instância, especialmente nas noites de sexta-feira, mas não só, transeuntes e, mesmo não consumindo³⁸, fazem a composição do quadro de frequentadores do ambiente. Tais aspectos garantem ao espaço os contornos que, historicamente, lhe foram atribuídos.

Além dos calouros, outros frequentadores da Rua da Lama, que costumam ser parte constituinte do ambiente, são os vendedores ambulantes. Ainda que a maioria de nossos interlocutores utilizem a Rua da Lama somente como espaço de lazer, inúmeros são os trabalhadores que tiram do local sua subsistência através da venda de balas, chicletes, amendoins, brigadeiros e artesanatos como, pulseiras, brincos e anéis. Ou seja, um mesmo local cria formas diametralmente opostas de vivenciá-lo.

É possível encontrar no trabalho de Domingues, Gripp e Fantinel (2017), menção aos vendedores ambulantes na Rua da Lama. As autoras tiveram o objetivo de compreender processos de construção e reconstrução cotidianas no bar Sofá da Hebe. Mesmo assim, conseguiram captar, ao menos parcialmente, o mecanismo de abordagem dos vendedores ambulantes. Elas notaram que a presença desses trabalhadores é vista por alguns donos de estabelecimentos comerciais como um problema, pois muitas pessoas sentem-se incomodadas ou intimidadas com a presença incisiva de ambulantes. Em contrapartida, viram que em certos bares ocorre uma relação de complementariedade, quando os trabalhadores vendem produtos que o bar não oferece. Nesses casos, demonstram “uma aceitação e tolerância, configurando uma troca de favor” (DOMINGUES; GRIPP; FANTINEL, 2017. p 232).

³⁸ A frase que pode criar uma sensação de que é condição indispensável para estar na Rua da Lama o consumo, quando na verdade, é um recurso para enfatizar uma condição recorrente de campo. Isto é, o consumo na Rua da Lama não é condição *sine qua non* para todos os frequentadores, mas prática recorrente atualmente e que já lhe foi atribuída historicamente.

É possível dizer que os ambulantes, quando não são bem aceitos, são tolerados por boa parte dos frequentadores e donos dos estabelecimentos, haja vista que sua circulação se restringe aos espaços de calçada. Contudo, essa tolerância apresentada em Domingues, Gripp e Fantinel (2017) diminui quando se trata das pessoas em situação de rua que estão pedindo algum dinheiro. Essas pessoas também fazem parte dos não consumidores, mas, diferentemente dos ambulantes, são vistos com olhos exclusivamente negativos.

Uma das possíveis explicações para tal rejeição pode ser a falta de estrutura que impede práticas de higiene regulares, deixando essas pessoas em condições ainda mais vulneráveis. De acordo com Frangella (2004), fazendo uma análise a partir de Goffman (1978), embora não seja o único, as características do plano corporal se constituem como um dos aspectos que fazem com que a população em situação de rua seja estigmatizada. Esse grupo de pessoas que se encontra nas noites da Rua da Lama são privados de todos os direitos e, ainda, são muito estigmatizados.

A noção de estigma aqui empregada baseia-se em Goffman (1978), em seu texto *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, no qual ele utiliza a definição (grega) de sinais corporais que marcam negativamente o indivíduo. Ao longo do tempo, o sentido do termo foi alargado, sendo utilizado também para atributos não físicos. Frangella (2004), em seu trabalho etnográfico sobre os corpos errantes das pessoas em situação de rua em São Paulo, acresce que “características como desonestidade, fracasso individual e má vontade passaram a se somar ao perfil desse estigma, ampliando identificações negativas a respeito do habitante de rua” (FRANGELLA, 2004. p 163).

Esse cenário de invisibilidade pode, ainda, ter alguns outros contornos. No caso da Rua da Lama, a presença e aproximação das pessoas na busca de dinheiro e/ou alimento costuma irritar profundamente boa parte dos frequentadores dos bares. Mesmo que durante o período de pesquisa eu nunca tenha sido abordado de maneira intimidadora, nem ter presenciado cena que se assemelhe a isso, vi inúmeros episódios em que tais sujeitos, ao se aproximarem, foram rechaçados duramente pelos frequentadores e também pelos garçons de alguns estabelecimentos.

Um dos episódios que me marcou foi quando, sentado em um dos bares, prestava atenção no diálogo de um grupo composto por 3 homens e 3 mulheres, com idades aproximadamente entre 40 e 50 anos³⁹. Depois da aproximação de um jovem que vendia amendoins torrados nas mesas, registrei em meu caderno de campo a fala de um deles que estava sentado próximo a mim. Ele fazia a seguinte queixa:

Pô, não dá! Gosto de vir aqui no cochicho [nome do bar], mas você senta em qualquer bar e não tem sossego, porque os caras do amendoim [vendedores] fazem quase fila de tantos que tem, tem vendedor de bala, brigadeiro e sei lá o que mais. Agora, pior que isso são esses mendigos, não dá. Os caras ficam rodando aqui pedindo dinheiro, enchendo o saco, eu não dou dinheiro, e acho que deveriam dar um jeito de não deixar eles pedirem aqui, porque atrapalha nossa noite. (CONSUMIDOR DO BAR, 2019).

Nenhuma das pessoas da mesa discordou, me fazendo crer que corroboravam com tal fala. Mesmo que o discurso traga um recorte singular, presenciei discussões que envolvem a rejeição parcial ou total dessas pessoas marginalizadas diversas vezes. De modo complementar, pude ver que, embora os ambulantes e pessoas em situação de rua de Jardim da Penha figurem no noticiário como algo a ser combatido, os primeiros são tolerados, enquanto os segundos não.

Esses trabalhadores compõem o quadro das pessoas que não estão em seu momento de lazer, embora compartilhem do mesmo espaço. Pelo contrário: veem no lazer das outras pessoas uma possibilidade vender (no caso dos ambulantes) ou arrecadar (pessoas em situação de rua) qualquer quantia que lhes ajude na subsistência. A pesquisa sobre o lazer noturno na Rua da Lama mostrou uma face que, embora seja muito comum e facilmente verificável, é recorrentemente silenciada em nome de um *status* de ambiente universitário. As contradições provenientes da nossa sociedade se apresentam de maneira visível e se cruzam diariamente com a diversão de grupos, produzindo tensões.

³⁹ Para além da ação narrada, este grupo desvela que os bares também são frequentados por pessoas que já não são consideradas jovens.

Portanto, a Rua da Lama, principalmente nas noites de sexta-feira e sábado, é utilizada como tempo-espaço de lazer privilegiado por um elevado número de jovens. Mas, nessas mesmas noites, mescladas às atividades de lazer e diversão, encontramos outras cenas urbanas que traduzem as tensões vivenciadas no campo do lazer em uma sociedade desigual. Embora essas pessoas (calouros, ambulantes e pessoas em situação de pobreza) presentes no campo de pesquisa não tenham, naquele tempo e espaço, o lazer como finalidade, elas constituem o quadro de relações sociais em que o lazer de alguns aparece. A extensa vivência de campo fez com que eu observasse, de forma mais sistematizada, essa Rua da Lama “conflituosa”, marcada pela diversão, mas também pela desigualdade social e preconceito.

4. ROCKS NA LAMA

O objetivo, neste tópico, é descrever como se organiza o lazer noturno de determinado coletivo urbano, formado por jovens universitários, e qual o papel do consumo de bebidas alcoólicas nesses contextos. Apesar da Rua da Lama ser um local público e aberto, é muito comum que os jovens universitários da UFES promovam festas das suas turmas nesse espaço. Essas festas, que eles chamam de “rock”, são organizadas geralmente no fim de cada semestre, e funcionam na dinâmica do “Open Bar” (uma forma de consumo ilimitado de bebidas alcoólicas). **Aparentemente, esse tipo de organização deve-se, fundamentalmente, à ação do diretório acadêmico de cada curso organizador, embora tenha notado narrativas díspares quanto a isso.**

Nesta reflexão, dou maior ênfase aos *rocks* promovidos pelo bar *Quebra Coco*, administrado pelos cursos das Engenharias (UFES) e o *Bar e Builder*, realizado pelo curso de Educação Física da mesma instituição. Ambos vivenciados no ano de 2019, 2020⁴⁰. Mesmo algumas vezes sendo chamados de *bar*, tais eventos não guardam relação com os bares (no sentido formal do termo) da Rua da Lama.

Embora esses *rocks* aconteçam nas calçadas da Rua da Lama, portanto, lugar público, é cobrada uma espécie de “entrada” (com valores entre 20,00 e 40,00 reais), para o consumo das bebidas. O valor não é referente literalmente à entrada no evento, mas, ao direito de consumir as bebidas ali oferecidas. Ao pagar o valor, o jovem recebe uma pulseira de identificação que lhe dá o direito de consumir, sem limite de quantidade, as bebidas oferecidas. Esse processo acontece antes da realização do evento propriamente dito, geralmente no interior da universidade ou proximidades.

No contexto de estudo, a expressão “ir ao *Rock*” não significa, necessariamente, um encontro de pessoas organizado a partir do gênero musical expresso, como uma primeira impressão pode supor. Seu sentido é muito mais

⁴⁰ A COVID-19 impediu a realização presencial desta atividade no ano de 2021.

amplo: engloba todo tipo de comemorações, festas e encontros com consumo de bebidas alcoólicas, onde a trilha sonora pode ser o rock ou não.

Para compreender com profundidade, vivenciei os *Rocks* propriamente ditos e as reuniões⁴¹ em que são deliberadas as normas, sugestões e críticas por parte dos jovens que são responsáveis pelo funcionamento do evento. A operacionalização dos *Rocks* é meticulosamente pensada nessas reuniões e, por esse motivo, suponho, as atividades costumam ocorrer sem problemas de logística. A partir disso, pude perceber que o *Quebra Coco* e o *Bar e Builder*, apesar das particularidades que lhes constituem, mantêm padrões organizacionais que permitem algumas generalizações explicativas no que concerne suas dinâmicas.

Uma delas diz respeito à divulgação dos eventos, que se dá via redes sociais e no interior dos próprios cursos, feito pelos próprios estudantes. De acordo com Roger, responsável pelo *Quebra Coco*, a divulgação do rock se dá fundamentalmente no boca-a-boca, no interior da universidade. Mas ele não dispensa o papel das redes sociais para consolidação e crescimento do número de pessoas interessadas na prática. Pois “a divulgação pelo *Face* e *Instagram* é importante atualmente, porque chega até mais gente [...]. Cara-a-cara a gente convence mais participantes, mas pela internet divulgamos e vamos mais longe” (ROGER, ENTREVISTADO).

Cada edição dos *Rocks* gera novas imagens de divulgação pela internet, que contêm o *slogan* e/ou o mascote escolhido para representar o curso e as informações referentes ao dia, horário e local de encontro. As imagens abaixo foram utilizadas para divulgar os eventos dos cursos de Educação Física (em duas edições), o *Bar e Builder*, e dos cursos de Administração de Empresas e Engenharia (edição conjunta), chamada de *AlcoolMeia/Quebra coco*.

⁴¹ Estas reuniões acontecem no interior da universidade, geralmente no centro do curso em questão ou em alguma cantina da instituição.

Figura 6: Folders de festas na Rua da Lama.



Fonte: Redes sociais das respectivas atléticas, 2020.

Figura 7: Folder da festa Bar e Builder na Rua da Lama.



Fonte: Redes sociais da atlética (2020).

Outro aspecto que é igual no *Quebra Coco* e *Bar e Builder*, como já mencionado de passagem, é a forma de consumo ilimitado de bebida alcoólica. Para além de notar os tipos de consumo e divertimento desses jovens, busquei compreender o motivo que gera esse formato, que difere profundamente de tudo que pode ser notado nos outros espaços da Rua da Lama. Esta diferença manifesta-se, fundamentalmente, no modo de consumo e forma de divertimento. Não encontrei na leitura acadêmica tal resposta, por isso aprofundei-me na vivência dos *Rocks* e na participação das reuniões de organização.

Quando perguntado sobre o motivo do formato de distribuição de bebidas ser uma espécie de *Open Bar* adaptado, um dos organizadores do *Bar e Builder* alegou ser por conta da fiscalização policial no ambiente. Segundo ele, a venda de bebidas alcoólicas fora dos bares é proibida, logo, seu *rock* seria considerado irregular. Essa forma de *Open Bar* representa uma maneira de subverter a legislação, pois, disponibilizando as pulseiras antecipadamente, evita-se a “comercialização” das bebidas na rua, eliminando a possibilidade de serem interpelados pela polícia.

Desse modo, tal formato de *Rock* junta um aspecto ligado ao contexto concreto do local (subversão da legislação) a uma forma de consumo/diversão popular entre os jovens universitários na atualidade, que é o *Open Bar*, na concepção de Lima (2018). Portanto, a existência dos *Rocks* na Rua da Lama tem ligação com as demandas universitárias de diversão e consumo de bebidas, e mostra a dinamicidade e perspicácia dos organizadores da atividade.

A pulseira vendida como forma de ingresso no *Rock* acaba tendo uma função dupla: por um lado, subverte a fiscalização, pois não configura venda de bebida, mas, também, é um signo que distingue os “de dentro” do bar e os “de fora”. Apesar de misturados com outros jovens, que também ocupam a calçada da rua, os “de dentro” consomem mais bebidas e comportam-se de modo diferente. Pois estar “dentro” significa não se importar com o valor das bebidas, e compartilhar uma forma de lazer em que a ingestão de bebidas tem proeminência. A ideia de “beber sem limites”, portanto, parece estimular o aumento do consumo nesses dias.

Ademais, a ocupação da rua organizada nesses moldes forma um pequeno *pedaço* de lazer (MAGNANI, 1998), onde os mecanismos de identificação (pulseira)

superam os limites físico espaciais e criam um pedaço marcado por uma rede de relações específicas, mediadas pela forma de consumo de bebidas e de diversão. Os “de dentro”, que fazem parte desse pedaço, são um grupo consideravelmente homogêneo, em comparação a Rua da Lama como um todo, pois resumem-se a universitários, quase que exclusivamente do mesmo curso e de faixa etária similar. Contudo, participei dos “de dentro” (portador da pulseira de consumo) várias vezes e nunca percebi nenhum tipo de estranhamento ou rechaço quanto a minha presença, apenas curiosidade para saber a qual curso eu pertencia.

Lima (2018) vê nas Associações Atléticas Acadêmicas o principal grupo organizador das festas *Open Bar* e acrescenta que, para muitos estudantes, essas festas são fundamentais para consolidação de uma identidade universitária. O autor também observa a diversidade de lugares em que são realizadas essas festas, mas não menciona, nas suas análises, em nenhum momento, a existência de *Open Bar* em lugares públicos, como calçadas ou ruas. Esse autor vê preponderância na escolha de locais alugados (privados) para a realização desse tipo de festa, se distanciando da condição da Rua da Lama.

Desse modo, esse *rock* difere dos casos estudados na literatura atual sobre *Open Bar*, no sentido de organização e espaço. No caso da UFES tais *Rocks* são marcados pela precariedade e improvisação, pois não contam com cadeiras, mesas e nem banheiros. Os equipamentos para que atividade ocorra são improvisados e organizados dentro de poucos minutos. Os *Rocks*, em termos de equipamentos, contam apenas com latões de lixo e caixas de isopor em que as bebidas e o gelo são guardados, e caixas de som portáteis para animar o local. Dentro dos latões de lixo e caixas de isopor são armazenados dois tipos de bebidas alcoólicas: a cerveja e “a bebida do curso”. Esta última varia de acordo com o *Rock* organizador, mas, em todos os casos, é misto de bebida alcoólica destilada confeccionada pelos organizadores, que é alçado ao *status* de bebida característica daquele encontro.

Figura 8: Latões de lixos usados como espaço de armazenamento de bebida.



Fonte: Registros do autor, 2019.

Esse tipo de evento proporciona o consumo e a integração entre calouros e veteranos de maneira periódica. Para os recém ingressantes dos cursos, essas festividades configuram-se como um espaço/tempo de consumo de bebidas e sociabilidades que fortalecem os vínculos entre os estudantes e a identidade com o curso. Ao longo das incursões de campo e diálogo com os interlocutores, foi possível perceber que a “bebida do curso”, os mecanismos de cobrança e a dinâmica de organização, fazem parte do *modus operandi* dos organizadores desse tipo de festa há muito tempo. Um deles, do curso de Educação Física, relatou que só deu continuidade ao que havia vivenciado nas edições anteriores, e afirmou que só existiria algum tipo de modificação caso surgisse algum tipo de problema (com a polícia ou participantes). Me fazendo crer que a tradição do curso em festividades é um aspecto central para compreender esses *rocks*.

O *Quebra Coco*, do qual participei mais vezes, é um *Rocks* dos mais antigos. Com mais de uma década de *rock* na Rua da Lama (desde seu primeiro formato), os

organizadores orgulham-se por serem polêmicos e terem tradição festeira. Isso fica explícito em uma de suas postagens no Facebook⁴².

Amado por uns e odiado por outros, viemos para fechar com chave de ouro. Criticado por às vezes falar demais, admirado e elogiado por sempre falar o que pensa, sem meias palavras. Este é o Quebra Coco.

Tudo começou por volta de 2010, com os tradicionais encontros realizados às noites de sextas-feiras, na Rua da Lama – o famoso isoporTime – regado a bastante cerveja e quebra coco, uma combinação de vodka com refrigerante. Com o tempo essa combinação foi aprimorada com o uso de Kriskof e Coca Cola, servindo de inspiração para o BeerTime anos depois. Na calourada do semestre 2012/2 foi criado o bar – ou barraca, como era conhecido na época devido à sua estrutura – e não havia nome melhor para batizá-lo do que Quebra Coco!

Assim, tradicionalmente criado e integrado por alunos do curso da Engenharia”. (QUEBRA COCO, 2021).

Compreensão similar têm os organizadores do *Rock* da Educação Física, embora tenham um histórico de festividades na Rua da Lama menos enraizado. Isso se reflete no número de pessoas participantes, tipo de bebidas e divulgação modestos, se comparado ao *Quebra Coco*. Os organizadores de ambos os eventos têm como responsabilidade principal, durante o *rock*, acompanhar a distribuição das bebidas para que não haja desvio, e averiguar se todos os presentes estão com pulseiras de identificação. Mesmo assim, eles bebem e se divertem como os demais, dificultando, a partir de um olhar “de fora”, a identificação de quem são os organizadores e como funciona a dinâmica da atividade.

Uma face desse *rock* que merece melhor detalhamento é o consumo de bebidas alcoólicas. Mesmo fazendo parte, historicamente, da Rua da Lama, as bebidas, nesse evento, têm maior destaque. A lógica de *Open Bar* faz com que haja um consumo em maior quantidade, se comparado ao que está ocorrendo de maneira simultânea nos bares ao redor. Ocorre que, a partir da abertura dos equipamentos de armazenamento (caixas de isopor e latas de lixos adaptas) das bebidas, os jovens buscam, de maneira acelerada, consumir a cerveja e a “bebida do curso”.

⁴² Veja o Link de onde foi retirada a publicação:

<https://www.facebook.com/CalouradaDaEngenhariaUfes/posts/1522546211096269/>

Segundo os entrevistados o valor pago pela pulseira de participação/consumo no *rock* é menor do que se fossem comprar a quantidade que consomem em um bar convencional. Talvez essas características sejam elementos importantes para compreender o crescimento dessas festas *Open Bar* nos últimos anos, principalmente entre o público universitário (OLIVEIRA; SILVA; MARETO, 2014; BISTAFA; BERTOLO; ROMERA, 2008). No entanto, segundo Romera (2014), o cenário de investigação da interface entre consumo de álcool e outras drogas e o lazer ainda é um tema pouco explorado pela academia. Tal temática acaba atravessando as reflexões sobre a Rua da Lama, em maior ou menor grau de aprofundamento.

O aumento no número de festas *Open Bar*, pelo menos nas últimas duas décadas, mostra como a procura pelo consumo de altos índices de álcool tem sido difundida entre os jovens universitários. Em pesquisa realizada por Oliveira, Silva e Mareto (2014) com estudantes de graduação, quando solicitados sobre suas principais atividades de lazer, as mais citadas foram ir a festas *Open Bar* (22,8%), frequentar academia (15,4%) e frequentar bares (14,2%). Esses autores não estão isolados, pois Souza (2005) e Lima (2018) também chamam atenção para alta frequência dos graduandos de universidades nas festas de tipo *Open Bar*.

A lógica de *Open Bar* (consumir sem limites), não fica apenas na “ideia”, mas se reflete numa dinâmica de consumo das bebidas muito mais elevado. Longe de analisar tal comportamento do ponto de vista moralista, foi possível notar que o consumo excessivo, em alguns casos, acaba por sobrepor a dimensão do encontro e do divertimento. Me parece que o conceito de *Open Bar* mobiliza uma espécie de “disputa” de “quem bebe mais”, comprometendo a participação e aproveitamento dos jovens, por limitar as possibilidades de interação e sociabilidade.

Todas essas dinâmicas de lazer noturno dos *rocks*, aqui tratadas, só podem existir em um espaço onde as juventudes enxergam a cidade como um espaço de possibilidade de apropriação. Assim, não é exagero afirmar que tal forma de diversão, encontro e consumo de bebidas descortina como a Rua da Lama é, para esse público frequentador, um campo de possibilidades múltiplas e criação de novas formas de diversão.

No mesmo local em que existem shows, lanchonetes, bares e restaurantes, as juventudes conseguem se organizar em prol de uma forma de lazer que lhes contemple mais e lhes possibilite fazer parte ativamente deste processo. Isso é muito significativo, pois mostra como o ambiente citadino pode ser vivenciado e (re)criado de muitas formas de lazer. Assim, os *rocks* como manifestação de uma forma de lazer que nasce espontaneamente (sem o desejo primeiro do lucro com a venda dos ingressos) são episódios que merecem ser mais explorados. Ademais, ocorre o mesmo no que tange a forma de consumir bebidas nestes eventos.

5. O LAZER NA RUA DA LAMA: *ESQUENTA, ESPAÇO CENTRAL E A SAIDEIRA*

Nesta parte do texto, discuto os trajetos de lazer da Rua da Lama a partir de algumas categorias antropológicas de apropriação do espaço. Enquanto os trajetos da terça-feira concentram-se em deslocamentos dentro da “mancha”, ou seja, entre os espaços localizados no interior da própria Rua da Lama, os de sexta-feira e sábado estão fortemente vinculados a espaços de fora da mancha. Nesses dias, grande parte dos jovens que estão na Rua da Lama, em algum momento, se deslocam para outros espaços, principalmente relacionados ao *circuito* de boates noturnas de Vitória. Os trajetos dessas pessoas estão, na maioria das vezes, ligados às boates localizadas no bairro de Jardim da Penha, ou nas proximidades.

A partir de conversas com meus interlocutores do campo de pesquisa, pude perceber que as boates mais frequentadas pertencem à Antimofo, uma produtora de eventos que organiza a programação de três casas de shows em Vitória: Stone Pub, Fluente e Bolt⁴³. No site oficial a equipe conta parte de sua história e algumas transformações ocorridas no processo.

Em 2004, a ANTIMOFO era uma produtora de eventos iniciante, uma ideia, um projeto entre amigos que tinham apenas um objetivo em comum: agitar a cena cultural de Vitória. A 'Tum Pou Soc' foi uma de suas primeiras festas! Realizada no Clube Centenário no dia 07 maio 2004!

Depois de muitas reformas o antigo Teacher's Pub passa a pertencer ao Grupo Antimofo e a se chamar STONE! Um símbolo de resistência onde o rock e as baladas tipo "inferninho" são os protagonistas.

Em 2016 inauguramos a mais nova casa de shows pertencente ao Grupo Antimofo, o BOLT! Feiches de luz, lounge bar, música alternativa e autoral na rua da lama (GRUPO ANTIMOFO, 2020).

A Antimofo trabalha nesses três ambientes com músicas de *rock, hip hop, pop, indie, funk, eletrônico, trap* e música brasileira. Mesmo sendo organizadas pela mesma empresa, cada uma dessas três boates tem suas particularidades em

⁴³ O empresário Rike Soares, que era sócio-diretor do Grupo Antimofo, faleceu no dia 15 de outubro de 2020. No fim do ano de 2019 tivemos longas conversas informais sobre a relação dos jovens da Rua da Lama e a frequência em suas casas de shows. Suas informações também compõe o quadro de análise da dissertação.

relação à variedade de bebida, alimentação, estilo musical e público frequentador.

Pude ver que os públicos da Rua da Lama se direcionam para essas boates, principalmente motivados pelo tipo de música tocada e o perfil (de orientação sexual e idade) de frequentadores encontrados em cada uma delas. De acordo com os entrevistados, as boates são diferentes entre si, mas não antagônicas em termos de perfil de público frequentador, pois observa-se preponderância de público jovem com interesse em ambientes que são descritos como mais livres. Entenda-se livres como ambientes em que não ocorrem episódios de discriminação e homofobia, ou mesmo olhares de desconfiança quanto ao tipo roupa e comportamento adotado. Parece, também, que a escolha por tais locais se justifica, em grande medida, pela proximidade com a moradia dos interlocutores, pois todos afirmam que a distância é um aspecto que facilita suas idas recorrentes a essas boates. Repete-se, mesmo que não integralmente, os agentes mobilizadores encontrados no Som de Fogueira.

Obtive essas informações empiricamente, através da inserção nos bares, embora eu já tivesse ouvido comentários nesse sentido nos corredores da UFES, quando me dispunha a falar sobre o objeto de pesquisa. Ocorre que muitos dos conhecidos, que tive contato no interior da universidade, também são frequentares das boates de Jardim da Penha e dos bares, em especial os localizados na Rua da Lama. Embora com outros objetivos de pesquisa, o trabalho de Bertoli (2019), também menciona o deslocamento dos frequentadores da Rua da Lama para essas casas noturnas. Segundo ele, a Rua da Lama:

[...] é conhecida por ter diversos bares e os maiores frequentadores são jovens, que em sua maioria, se encontram por lá com a finalidade de fazerem o “esquentar” – típico ritual de beber antecipadamente para depois ir ao destino final – ou apenas encontrar os amigos para conversar, beber e se distrair (BERTOLI, 2019. p 30).

Durante a pesquisa de campo, eu fiquei em diferentes bares da rua sozinho e, algumas vezes, fui chamado para integrar alguns grupos de pessoas que estavam nesses momentos de “esquentar”. Os convites aconteciam de modo fortuito, mas se davam através de algum contato prévio com alguém do grupo. Percebi que os bares podem propiciar encontros e convites para comensalidades que, dificilmente,

ocorrerem em outros espaços de lazer. Tal lógica não é exclusiva da Rua da Lama, pois também foi observada por Barral (2006), ao estudar a realidade brasiliense e por Meira (2008), ao pesquisar sobre os circuitos de lazer de Londrina.

Notei diálogos entre os jovens sobre a logística de como seria “tomar umas” (expressão utilizada para se referir a beber algumas cervejas) e sair em direção a um evento que aconteceria na Fluente. A esses acontecimentos, os interlocutores da pesquisa dão o nome de *esquenta*. Essa forma de vivenciar a Rua da Lama se constitui como uma categoria de apropriação do espaço.

Almeida e Tracy (2003), ao estudarem jovens da classe média do Rio de Janeiro, também analisaram a questão do *esquenta*, mas se referiram à prática como *pré night*. Elas compreenderam a noite no contexto urbano como sendo detentora de múltiplas oportunidades, que poderiam ser aproveitadas através da reinvenção de espaços de lazer. Por isso, a criação de itinerários⁴⁴ de divertimento que, naquele contexto significa um circuito de *shoppings*, cinemas, festas e boates, é uma forma de lazer nômade. Para as autoras, o itinerário de divertimento é um elemento basilar de lazer para a juventude da atualidade. Essas formas nômades de afeto e sociabilidade, desenvolvidas na noite, são capazes de esvaziar equipamentos de lazer e levar os jovens a seguirem para outros locais que se mostram mais atrativos, conformando novos desafios para refletir sobre um lazer em trânsito (ALMEIDA; TRACY, 2003).

O *esquenta* também pode ser anterior à chegada na Rua da Lama, sendo realizado nos apartamentos dos jovens, por exemplo. Portanto, o *esquenta* não é realizado unicamente na Rua da Lama, já que textos internacionais como de Devaney, Ferris e O’rourke (2016) têm mostrado como ele ganha especificidades em cada lugar. Sérgio e boa parte de seus amigos utilizam a Rua da Lama nas noites de sábado como *esquenta*, objetivando diversão e consumo de bebidas antes de iriem à boate, corroborando com a interpretação de Kenney, Labrie e Hummer (2010) no que concerne a dimensão “móvel” do *esquenta*.

⁴⁴ Termo utilizado no mesmo sentido que tratamos os *Trajetos*.

Para realizar o *esquenta*, os frequentadores precisam combinar previamente um primeiro local de encontro (bar) na Rua da Lama e, também, dialogar sobre a qual boate vão. **Forma-se uma confluência de fatores logísticos para a realização do *esquenta*, que pressupõe arranjos de horários e certo consenso dos locais mais adequados para os encontros. Soma-se a isso o fator financeiro: para fazer o *esquenta* é preciso equalizar a quantidade de dinheiro que se dispõe e dividi-lo entre o primeiro ambiente de lazer/consumo e o segundo.**

Além dessa forma de se apropriar da Rua da Lama, ligados à transitoriedade, vi que um grupo expressivo de jovens utiliza o espaço como *foco central de lazer* e *saideira de lazer*. Essas três categorias (*esquenta*, *espaço central* e *saideira*) produzem formas de diversão noturna diferentes, que se articulam a eventos fora da Rua da Lama (exceto no caso do *espaço central* de lazer) e merecem ser mais aprofundadas.

Ao me referir à categoria de “espaço central”, estou falando dos jovens que utilizam a Rua da Lama como espaço exclusivo de lazer durante a noite. São aqueles jovens que se encontram normalmente em duplas, trios ou grupos maiores que vão para a Rua da Lama e lá permanecem. Talvez essa seja a forma mais comum de se apropriar da Rua da Lama que pudemos observar empiricamente, indo ao encontro do que notou Gripp (2015). Quando pensamos em um ambiente de lazer noturno como a Rua da Lama geralmente pensa-se nela como palco único do ambiente de lazer, talvez por sua longa história de boemia e possibilidades múltiplas de divertimento.

Ao conversar com o interlocutor Marcelo, sobre a percepção da Rua da Lama como *espaço central* de lazer, tive a confirmação de minha análise. Para Marcelo, a Rua da Lama é tão conhecida que se constitui como um “*point*” de diversão. Isso faz com que, para vários grupos, não haja a necessidade de mudança de espaço, pois sentem-se totalmente realizados ali.

A noção de *point* de encontro para designar o local parece adequada, pois exemplifica o motivo de muitos jovens frequentarem a Rua da Lama como *espaço central* de lazer. Segundo Magnani (2005) “o termo *point*, que aparece em várias etnografias”, é uma característica do lazer noturno no ambiente citadino que “é

empregada sempre que se quer referir a um único equipamento, geralmente de grande porte e ocupado por vários grupos, servindo como ‘enlace’ entre eles” (p. 201). Portanto, os *points* de lazer são espaços construídos simbolicamente, que resguardam sociabilidades fundamentalmente jovens (MAGNANI, 2005), assim como ocorre nos bares da Rua da Lama, sobretudo naqueles estabelecimentos com uma identidade bem definida.

O *point* de lazer é a Rua da Lama como um todo, e não especificamente um bar. Embora seja possível ver tal discurso vinculado a bares específicos, do tipo: “O Sofá da Hebe é o *point* jovem”; “o Gaystro Bar é o *point* gay” (por exemplo), é no ambiente como um todo que a terminologia *point* é empregada com mais recorrência e precisão.

A terceira categoria vivenciada no espaço da Rua da Lama é o que denominamos de *saideira*. Trata-se de fazer da Rua da Lama o local final da noite. Ou seja, quando as atividades nas boates, festas ou bares fora do bairro se encerram, os jovens seguem para a Rua da Lama para prolongar sua diversão. Saideira, no jargão popular, significa, também, a última dose de bebida alcoólica que se toma antes de sair de uma festa ou bar. A Rua da Lama, nesse caso, funciona como um tempo e espaço para a “despedida” ou, na linguagem de meus interlocutores, para a *saideira*.

A *saideira* é, portanto, o derradeiro momento de lazer antes do retorno para as casas e é algo acompanhado, geralmente, de alguns comportamentos excessivos retratados na vida boêmia de pessoas que já beberam muito e encontram-se embriagadas. Conversas em tom de voz mais elevado, “cantorias” coletivas e abraços calorosos foram alguns dos comportamentos que observei durante as *saideiras* na Rua da Lama.

Nesse contexto, o bar *Simpsons na Lama*, é aquele que se sobressai, pois é o único a permanecer aberto até o amanhecer e, por isso, acolhe a *saideira* de muitos jovens. Um dos elementos que mais demarcam a prática da *saideira* é, precisamente, o horário de vivência, pois a madrugada permite mais liberdade nas formas de divertimento e dificulta a fiscalização do poder público.

Com a proximidade do amanhecer, começam a chegar inúmeros grupos de jovens vindos de estabelecimentos de fora da Rua da Lama, e até de alguns bares da própria mancha de lazer. Nesse momento, a maioria dos aspectos mobilizadores das escolhas dos jovens parecem ficar de lado, uma vez que o pragmatismo (ligado ao horário) ganha espaço. Não importa tanto o tipo de música que está tocando ou o preço das bebidas: mais importante é encontrar um ambiente que permite o prolongamento da diversão.

Sérgio, em diálogo informal, confirma isso: “Como fica aberto até as sete da manhã, enquanto os outros fecham todos antes das cinco, geral vai para lá. Não tem grandes questões, é bem simples” (SERGIO, FREQUENTADOR, 2019). Ficou bastante claro que a saideira se mostrou uma prática muito recorrente, sobretudo nas noites de sexta-feira e sábado.

Mais do que apresentar categorias antropológicas estanques para pensar o lazer, pretendo, com a exposição do *esquenta*, do *espaço central* e da *saideira*, alargar a discussão das formas de apropriação dos espaços de lazer durante a noite. Em suma, a antropologia urbana deu subsídios para mostrar como a Rua da Lama abarca jovens que buscam divertimentos durante a estadia no lugar (como *espaço central* de lazer e *saideira*) e também abre portas para lazeres posteriores, quando é vivenciada como *esquenta*.

6. VIVÊNCIAS DE LAZER DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS NO “CALOR DA HORA”

Este capítulo é, fundamentalmente, distinto dos anteriores. Ocorre que em 2020, no Brasil, todas as esferas da sociedade foram acometidas pelo imponderável: a COVID-19⁴⁵. Isso mudou a relação que a sociedade trava com o trabalho, estudo e lazeres diversos. Uma dessas mudanças ocorridas diz respeito à virtualização dessas atividades durante etapas mais críticas da pandemia, que, em momentos de menor quantitativo de mortes diárias em decorrência da doença, foram retomadas de maneira paulatina.

Minha inserção no campo de pesquisa, a escrita desta dissertação e algumas características do método, foram consideravelmente modificadas no decorrer do ano de 2020 e 2021, para que fosse possível pesquisar de maneira segura. Esses detalhes fazem com que o produto final do trabalho seja diferente de tudo que pudesse ser projetado, mesmo para o mais experiente dos antropólogos.

Pelo fato de a pesquisa de campo ter sido atravessada pela pandemia, optei por dar continuidade na investigação do lazer nas condições impostas pelo momento histórico. Utilizar somente uma nota de rodapé ou pequeno trecho para mencionar que a pandemia da COVID-19 atingiu minhas visitas ao campo, seria negar o movimento brusco de mudança da sociedade, e conseqüentemente, dos comportamentos nos tempos e espaços de lazer. Por isso, nesse capítulo, busco compreender as vivências de lazer dos frequentadores da Rua da Lama durante a pandemia no ano de 2020. Contudo, alerto que esta investigação não leva em conta o período de maior flexibilização dos protocolos de saúde pública empregada durante (principalmente) o mês de dezembro de 2020, no estado do Espírito Santo, pois trata dos meses anteriores, em que se notou maior restrição de abertura e frequência nos bares da Rua da Lama.

⁴⁵ O coronavírus (Covid-19) teve seu foco inicial na província de Hubei (China) em dezembro de 2019 e se espalhou pelo mundo.

A COVID-19 é uma doença que apresenta um grau de contágio elevado, e tem gerado um grandioso número de mortes. Em decorrência disso, e somado à desarticulação e gerenciamento da crise sanitária, entre o poder federal e os estados no trato da doença (MATTOS; PINHEIRO E CHAAR, 2020) instaurou-se um quadro de crise no setor da saúde pública, que trouxe consequências desastrosas ao setor econômico e, principalmente, no plano humanitário (CLEMENTE; STOPPA, 2020; DINO, 2020).

No Brasil, no dia 05 de setembro de 2020, o Ministério da Saúde registrou 146.352 mortes. É sabido, contudo, que dados os problemas de saúde pública enfrentados por muitas cidades brasileiras e o baixo o número de testes realizados, o quantitativo de mortes pela COVID-19 registrado não é preciso (MATTOS; PINHEIRO E CHAAR, 2020). Um triste exemplo brasileiro é a cidade de Belém, em que um estudo realizado pela Universidade Federal do Pará estima que o número real de infectados seja até vinte vezes maior do que os registros oficiais (UFPA, 2020).

Uma medida concreta tomada pelo poder público (mesmo que tenha sido algo que dividiu a opinião dos governantes), foi a suspensão temporária de diversas atividades, dentre elas o funcionamento dos bares e restaurantes. Apenas aquelas atividades consideradas essenciais, sendo bancos, farmácias e supermercados, tomando as medidas preventivas de combate à pandemia, como lavar as mãos com água e sabão, usar álcool em gel e usar máscaras, puderam funcionar ininterruptamente. A intenção com esse tipo de medida foi promover o máximo de distanciamento social entre as pessoas, já que a aglomeração representa uma das principais formas de disseminação do vírus.

O estudo realizado por Maciel (2020) corrobora com tal percepção, já que, em análise da propagação da pandemia de COVID-19 no estado do Espírito Santo e na Grande Vitória, notou-se que “o aumento de 5% de interação social provoca um aumento de 14,5% no número de mortes, enquanto que um aumento de 10% na

interação social provoca um aumento de 30,6% nos óbitos na conurbação⁴⁶ da Grande Vitória” (MACIEL *et al.*, 2020 p 11).

Dada a situação dramática vivenciada no país, o instrumento mais eficaz para diminuição da circulação do vírus foi a quarentena, que, de maneira gradual, foi sendo flexibilizada. Tal condição imprimiu mudanças no convívio social das pessoas, restringindo muitas vivências de lazer para o ambiente doméstico. Assim, a despeito das barreiras socioeconômicas que um país desigual como o Brasil sustenta, ocorre, durante a pandemia, um aumento exponencial no uso de plataformas digitais como as redes sociais, os canais de notícias e outros como forma de lazer no interior das residências (STOPPA, 2020).

Todas essas mudanças abruptas que a COVID-19 impôs aos estabelecimentos comerciais me impactaram duplamente na pesquisa. Por um lado, suspendeu a possibilidade de investigação de campo na Rua da Lama durante mais de 9 meses, diminuindo as cenas empíricas que realizei, mas, por outro lado, abriu outra possibilidade analítica que não havia sido aventada: apresentar e compreender as vivências de lazer dos jovens durante o período de distanciamento social. Optei por não realizar questionários *online* sobre as formas de lazer durante a pandemia, como foi adotado em muitas pesquisas sobre o tema, como por exemplo: Montenegro e Dias (2020); Bergamo, Antunes, Patreze (2020); Castilho, Ribeiro, Ungher (2020); Teodoro *et al.* (2020); Mayor, Silva, Lopes (2020); Matos, Pinheiro, Bahia (2020); Lins *et al.* (2020) e Ribeiro *et al.* (2020).

O esforço, aqui, é no sentido de compreender as vivências de lazer dos jovens durante período de distanciamento social, a partir de uma interpretação hermenêutica, amparada, de igual modo, nas produções intelectuais da área. Busquei dar certa continuidade ao que já vinha desenvolvendo em termos metodológicos e interpretativos, mas abrindo-me às especificidades no momento histórico. Por isso, optei por reconstituir os contatos com os antigos interlocutores, e

⁴⁶ É um termo técnico que diz respeito a uma extensa área urbana formada por cidades e vilarejos.

contatar-me com pessoas que frequentassem a Rua da Lama antes da pandemia, com as quais eu não havia tido interação presencial⁴⁷.

Escrever sobre um contexto novo e complexo, sem o devido distanciamento temporal dos fatos, pode fazer com que as análises de campo sejam precipitadas ou incipientes. Não analisar esse contexto é, no entanto, negligenciar os desdobramentos do campo, impostos pela pandemia de COVID-19. Assim, as informações aqui apresentadas não são generalizações sobre a Rua da Lama durante a pandemia, mas dos sentidos e significados atribuídos a essa experiência pelos interlocutores da pesquisa. Tal como Geertz (1989) afirma que a análise etnográfica é sempre uma interpretação de segunda (e até de terceira) mão, o que apresento são “interpretações das interpretações” dos sujeitos.

A ausência do contato visual e interação presencial com os frequentadores da Rua da Lama coloca um peso maior na audição e na análise dos diálogos estabelecidos com os sujeitos. Nessas condições, não pude me ancorar em Goffman (2010) para analisar a fineza dos gestos e modos de interação das pessoas no campo. Também não pude me valer – pelo menos não do modo que Cardoso de Oliveira propõe –, da faculdade constituinte do *olhar*. Por isso, investi em outras formas de investigação.

A falta da vivência do campo de pesquisa, no período de isolamento social, exigiu de mim um reposicionamento no plano das estratégias investigativas. Ainda que não fosse de forma presencial, esse processo exigiu um tipo de interação, que foi estabelecida através dos recursos tecnológicos existentes, como mensagens por aplicativos, ligações telefônicas e videochamadas. No entanto, não foi meu olhar sob o lazer dos interlocutores (como no primeiro momento da pesquisa), mas a observação do sujeito social compartilhando suas experiências (e de seus amigos) por meio de chamada. Mudou-se de uma observação participante do fenômeno, para a compreensão do lazer noturno pautado somente na narrativa dos interlocutores e investigações científicas.

⁴⁷ Os interlocutores que foram introduzidos na pesquisa somente em sua fase virtual foram indicados pelo Sérgio.

É oportuno dizer que houve, também, mudança na forma de abordagem dos entrevistados em relação à descrição básica exposta na metodologia. Pela impossibilidade de sair à rua, busquei em meu caderno de campo o número telefônico de pessoas com as quais tive contato prolongado durante os meses anteriores e dialoguei, inicialmente com 3 jovens, com idade de 19, 23 e 28 anos.

Fiz contato explicando-lhes que o distanciamento social imposto pela COVID-19 inviabilizou minhas idas a campo, mas que meu interesse de pesquisa continuava e, por isso, conversar com eles era fundamental para compreender suas rotinas de lazer durante a pandemia. Nesse momento, o Espírito Santo estava vivendo as maiores restrições de circulação nos bares. Reforcei que não haveria nenhum tipo de identificação deles no texto e, portanto, poderiam relatar suas experiências sem receio de serem expostos. Todos foram solícitos em dialogar sobre a situação que estavam vivendo.

Para minha surpresa, um dos jovens, que aqui chamo de Murilo, disse que não teria informações que contribuiriam para meu objetivo, pois sua rotina de lazer noturno não havia sofrido mudanças. Como sabia, a partir de nossas conversas anteriores, que sua concepção de lazer noturno se resume a beber em bares, indaguei-o como isso se dava, já que os bares e restaurantes estavam fechados por determinação do poder público. Assim, passei a inteirar-me do que ele chamou jocosamente de *lazer paralelo*. Isso pode ser compreendido, de modo geral, como formas de lazer que estão proibidas pelas normas de segurança sanitárias municipais e estaduais, mas que são operacionalizadas na clandestinidade e, via de regra, não seguem qualquer distanciamento social.

Foram inúmeros os casos de bares que abriram ilegalmente ou infringiram os protocolos de segurança durante a pandemia no Brasil, o que acarretou – em diferentes graus, a depender de cada estado brasileiro – multas. No Espírito Santo, houve multas e notificações em diversos municípios⁴⁸. Em Vitória, especificamente,

⁴⁸ <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/donos-de-bares-sao-multados-por-desrespeitarem-decreto-em-cariacica-0520>

ocorreu em bares da Praia do Canto e da Rua da Lama⁴⁹, demonstrando que tal mercado de *lazer paralelo*, embora não pareça ter sido investigado ainda pela falta de distanciamento histórico, foi percebido e combatido pelas autoridades públicas capixabas.

O que mais gera inquietação são os motivos que fazem com que as pessoas procurem os bares mesmo sabendo dos riscos que estão suscetíveis. Quando perguntado sobre o perigo de ir a um bar e ser contagiado pelo vírus, Murilo me disse que até conseguia acreditar que o vírus da COVID-19 exista, mas que julga como superdimensionado o número de mortes ocasionado pela pandemia. Na sua análise, frequentar espaços “proibidos” não representa alto risco à saúde, haja vista que “muitas pessoas morrem de outras doenças e eles [autoridades políticas e de saúde favoráveis à quarentena] alegam ser de COVID-19 por conta de rixa política” (MURILO, ENTREVISTADO, 2020).

Com a pandemia, ocorreu que os interesses de lazer de muitas pessoas sofreram mudanças ocasionadas pela situação de saúde pública (MONTENEGRO; DIAS 2020; FALCÃO; GOMES 2020; BERGAMO; ANTUNES; PATREZE 2020). Contudo, parece que uma parcela enorme de pessoas não conseguiu, não quis ou se adaptou parcialmente às formas de lazer doméstico, recorrendo a divertimentos que, naquele momento, representavam perigo. Assim ocorreu com Murilo e pode ser notado empiricamente em nossos círculos de amigos e conhecidos com relativa facilidade.

O lazer é uma necessidade humana, uma dimensão da cultura e da vida social que abarca uma multiplicidade de vivências culturais (GOMES, 2014), mas que, por motivos de sobrevivência de milhares de pessoas, deveriam ter sido vivenciadas sem aglomerações. Esse processo de mudança no modo de diversão não é fácil e parece ser atravessado por diferentes fatores sociais. Ocorre que as condições socioeconômicas objetivas dos brasileiros, muitas vezes, lhes impedem de realizar a

⁴⁹ <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/covid-19-fiscalizacao-da-prefeitura-notifica-dois-bares-de-vitoria-0920>

quarentena de lazer e trabalho nos moldes necessários para a diminuição da curva de contágio do vírus.

Com Murilo não foi diferente. Segundo ele, na primeira semana de quarentena, seguiu rigorosamente os protocolos de distanciamento social em seu momento de lazer, mas acabou adotando outra postura nos dias subsequentes.

Olha, você sabe que meu emprego só parou durante uma semana, né?! Aí eu fiquei esse tempo em casa. No meu lazer eu bebia, assistia TV, séries e jogos, além de ver *lives shows*, mas isso enjoa rápido. Na outra semana eu fui trabalhar novamente⁵⁰, aí parei de ficar em isolamento no lazer. Já estava exposto no trabalho mesmo e não aguentava mais essas coisas, queria beber em bar e ver gente.

Acho que você é *quarentener*, né?! Na boa, o corona pode até ser coisa do partido comunista Chinês. O vírus até existe, mas tem muita política no meio do Corona. Eu preciso trabalhar e não me adaptei a ficar em casa no meu lazer, aí fui logo para um bar escondido, *nipe* daquele do Rio⁵¹. Estava ficando quase maluco preso no apartamento. Mesmo fazendo uma social entre amigos, não dá, fui ao bar escondido mesmo (MURILO, ENTREVISTADO, 2020).

A fala acima expõe como certos trabalhadores ficam expostos e também como nem todos as pessoas aderiram às formas de lazer domésticas. Para Oliveira, Custodio e Húngaro (2020), o que nós temos vivido de maneira intensa na atualidade, e foi acentuado pela pandemia, é a *uberização* do trabalho, resultando na ultra flexibilização das relações trabalhistas⁵². Embora esse processo se dê sob a retórica de ser uma alternativa contra o desemprego e significar a modernização, liberdade de trabalho e empreendedorismo, serve como um acelerador contra o "tempo livre" dos trabalhadores brasileiros (OLIVEIRA; CUSTODIO; HUNGARO, 2020) e precarização do trabalho.

⁵⁰ Como ele estava desempregado, trabalhava como auxiliar em uma borracharia do município de Cariacica –ES.

⁵¹ A alusão diz respeito a uma notícia que viralizou na internet, onde um pet shop do rio de janeiro servia como disfarce para um bar clandestino. Veja a notícia no link: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/06/30/covid-19-bar-disfarcado-de-pet-shop-e-interditado-em-petropolis.htm>.

⁵² Este processo faz com que as pessoas não tenham jornadas pré-determinadas, espaço laboral definido, remuneração fixa ou direitos trabalhistas resguardados.

O entrevistado também ilustra uma preocupação que tem orbitado o debate público, que diz respeito as notícias sem fundamentação científica⁵³. Esse tipo de informação falaciosa tem atravessado os diferentes campos da informação, mas de maneira mais dramática, atingiu as estratégias de combate da pandemia de COVID-19⁵⁴. As notícias falsas, popularmente chamadas de *Fake News*, têm sido um problema tão latente atualmente que o Ministério da Saúde do Brasil disponibilizou um número de WhatsApp para envio de mensagens da população. Tal mecanismo serve como um “espaço exclusivo para receber informações virais, que serão apuradas pelas áreas técnicas e respondidas oficialmente se são verdade ou mentira” (BRASIL, 2020)⁵⁵.

Contudo, agindo de maneira “negacionista” o presidente Jair Messias Bolsonaro se contrapôs às descobertas científicas e as diretrizes de combate à pandemia estabelecidas por órgãos de saúde internacionais (CAMPOS, 2020; SILVA ET AL, 2020; CAPONI, 2020; MASCARENHAS; LAZZAROTTI FILHO; VIANA, 2020). Essa situação parece ter incidido, por exemplo, no retorno presencial das atividades de lazer, uma vez que a pandemia recrudescer diversas vezes ao longo do ano de 2020 e 2021, e impediu a reabertura dos bares e lanchonetes.

Ainda sobre a entrevista com Murilo, é digno de nota o termo *quarentener*. Trata-se de um neologismo utilizado para categorizar aquelas pessoas que estão respeitando severamente a quarentena imposta pelos governos locais, quer sejam municipais ou estaduais. Em outras palavras, são chamados de *quarenteners* aqueles indivíduos que desenvolvem suas atividades de lazer no ambiente doméstico. Ao contrário de Murilo, identificam-se como sendo *Quarenteners* os jovens Joel e Nicolas, que também fiz contato após o encerramento das atividades na Rua da Lama.

⁵³ Veja a reportagem: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2020/03/30/coronavirus-nao-foi-criado-em-laboratorio-pelo-partido-comunista-da-china.htm>.

⁵⁴ Veja o link: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/especiais/coronavirus/2020/03/729986-fake-news-sobre-coronavirus-prejudica-trabalho-de-controle-da-doenca.html.

⁵⁵ Veja a informação completa no link: <https://antigo.saude.gov.br/fakenews/>.

Joel relatou que, nos primeiros dias de quarentena, sua atenção ficou voltada para exercícios físicos, *lives* de músicas, mas, sobretudo, para as varandas de seus vizinhos. Um fenômeno nascido, ou pelo menos propagado, durante a quarentena social – principalmente durante as primeiras semanas e meses do ano de 2020 – foi a apresentação musical ao vivo nas varandas dos prédios. Tal prática pode ser vista em diferentes estados do Brasil (e países ao redor do mundo), e tem como intuito interagir em um momento de tensão, espalhando bons sentimentos⁵⁶.

Com passar do tempo, esse panorama mudou: aquilo que “era uma festa, pois todo dia tinha atração da varanda” (JOEL, ENTREVISTADO, 2020), foi se esvaindo, seja pela diminuição do número de pessoas fazendo shows nas varandas, seja pela sobrecarga psicológica que a profusão de informações causou. Quando se popularizou na mídia nacional esse tipo de atividade, tive a curiosidade científica de observar sinteticamente, uma vez que me defrontava com um vizinho músico. Pude ver e sentir sensações parecidas com aquelas que Joel narrou, pois, semana após semana, foi diminuindo meu interesse por esse tipo de atividade e, de igual modo, pelas *lives* acadêmicas que se popularizaram nesse momento.

Contudo, estudos recentes como de Teodoro *et al.* (2020) apontam que, no contexto de pandemia, as *lives* artísticas se mantiveram como uma estratégia de lazer atrativa para um grande número de telespectadores. No mês de março de 2020, houve um aumento de 70% nas *lives* no *Instagram* (DIONISIO, 2020), sendo boa parte delas realizadas por artistas consagrados no cenário brasileiro, buscando arrecadação de donativos (SOUSA JÚNIOR *et al.*, 2020). Os dados expressos pelos autores supracitados foram também encontrados nas falas dos interlocutores, quando perguntados sobre o tipo de material que assistiam na internet durante a quarentena.

⁵⁶ Veja algumas reportagens que tratam desse fenômeno: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2020/03/22/casal-de-musicos-em-quarentena-canta-na-sacada-e-emociona-vizinhos-de-predios-em-sao-jose.ghtml>; <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/espeticulos-para-ver-da-varanda-sao-aposta-de-moradores-em-quarentena.shtml>; <https://oglobo.globo.com/rio/varandas-de-predios-na-barraviram-palcos-para-entreter-vizinhos-durante-quarentena-24330460>; <https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2020/03/17/dj-italia-quarentena-corona/>.

O tempo que as pessoas utilizam com essas atividades está relacionado diretamente à condição socioeconômica, acesso à internet e aparelhos tecnológicos (MONTENEGRO; DIAS, 2020). Desse modo, fica evidente que a porção de pessoas com as quais mantive contato durante o período de distanciamento social fazem parte de uma parcela da sociedade brasileira consideravelmente privilegiada, se levarmos em conta o padrão socioeconômico médio brasileiro⁵⁷.

Para além dessas limitações, relacionadas mais diretamente ao fator socioeconômico, pude notar nos entrevistados, dificuldade de gerir o tempo de lazer no momento de pandemia. Esse dado é, em si mesmo, importante, tendo em vista a relevância que a questão do tempo teve nas discussões clássicas nos estudos do lazer. Na sociedade contemporânea, marcada pela fugacidade e múltiplos estímulos que a virtualidade proporciona, parece que a relação de interdependência entre o lazer e o trabalho, encontrada em toda a literatura acadêmica, sofreu modificações, ou, pelo menos, tornou-se mais complexa. Antes das sociedades industriais, os tempos de trabalho e lazer se entrelaçavam. Com o advento de um novo modo de produção, ocorreu uma divisão social do trabalho: constituído por um período bem delimitado de tempo destinado ao trabalho e ao tempo livre. O que observei é que, com a pandemia, em muitos casos, parece não ocorrer uma cisão bem definida entre o lazer e o trabalho.

Nas palavras do entrevistado Nicolas, a quarentena “embaralhou o tempo de lazer e de trabalho”, pois não há um limite bem definido entre seus estudos e seus momentos de lazer. Esse tipo de queixa apareceu também nas falas dos outros entrevistados, mesmo que sob outra roupagem, pois a dificuldade de gestão ou autogestão do tempo acomete muitas pessoas na sociedade atual, e parece ter sido acirrada pelo trabalho domiciliar imposto pela pandemia. Para Teodoro *et al.* (2020), a desenvoltura que a pessoa tem para autogerir seu momento de lazer durante a quarentena depende, em grande medida, de como ela foi “educada” para tal.

⁵⁷ O Murilo não se enquadra nesse esquema, que trabalha em uma borracharia. Ele está inserido em um grupo de classe social distinta da sua por um vínculo familiar: Sérgio é seu primo de segundo grau.

Em outras palavras, como a pessoa lida com seu tempo de trabalho e seu tempo disponível é condicionado e aprendido socialmente, pois sofre influência direta das condições objetivas de vida.

Teodoro *et al.* (2020), ao analisar a dimensão do tempo na organização das experiências de lazer durante o distanciamento social, por conta da pandemia COVID-19, constataram que os participantes demonstraram grandes dificuldades em dimensionar o tempo conquistado para as experiências de lazer. Aquilo que Nicolas deu nome de *embaralhamento* entre o tempo de lazer e tempo de trabalho, aparece na pesquisa científica como sendo algo marcado e aumentado pela “permeabilidade das funções configuradas na vida cotidiana dentro de casa” (TEODORO *et al.*, 2020, p. 156).

Sendo assim, é correta a percepção de que o lazer no período de pandemia sofreu mudanças não só de interesses, como a substituição de lazeres turísticos e/ou físico-esportivos por virtuais, mas, também, uma espécie de “hiper permeabilidade” entre o trabalho e lazer no interior das residências. Couto e Medina (2020), ao discutirem esses dois fenômenos, apontam que a ideia de Marcelino (2008)⁵⁸, que compreende o lazer como uma cultura vivenciada no tempo disponível das obrigações, se reconfigurou durante a pandemia, pois misturou-se comportamentos sociais que, para uma grande parcela da população, eram anteriormente separados.

É preciso frisar que esse tipo de situação se manifesta com maior ou menor grau de permeabilidade, a depender, dentre outras coisas, da classe social a qual essas pessoas pertencem. Uma família com maior poder aquisitivo viveu o lazer durante a pandemia de modo distinto daqueles com menor poder, que tende a ter menos tempo disponível e dinheiro para divertir-se. Além disso, a discrepância socioeconômica incide de maneira mais acentuada nas mulheres, como

⁵⁸ Marcelino (2008) escreveu seu trabalho antes da situação pandêmica, mas o que se discutiu na reflexão em questão foi como a sua categorização do tempo disponível para o lazer foi afetada durante o período de quarentena.

demonstram as pesquisas desenvolvidas por Marques *et al.* (2020); Gonçalves *et al.* (2020); Vieira; Garcia e Maciel, (2020); Macêdo (2020); Falcão e Gomes (2020); e Oliveira (2020) no momento de pandemia.

6.1 A QUESTÃO DO *EMBARALHAMENTO* DO TEMPO DE TRABALHO E TEMPO DE LAZER NOTURNO

Num primeiro momento, como apresentado, fiz um esforço mais amplo para compreender o lazer durante o período de distanciamento social, sem pensar nas distinções existentes entre o lazer diurno e noturno. É preciso um quadro mais geral do lazer nesses tempos, já que os debates mais antigos, travados sobre o lazer doméstico e virtualização, por exemplo, ganharam contornos inéditos, tendo em vista o aumento exponencial dessas atividades. Um panorama empírico sobre a pandemia nos ajuda sobremaneira na compreensão da complexidade de questões que se colocam na vida das pessoas e as fazem terem (ou não) tempo disponível para atividades de lazer.

Também retomo alguns argumentos apresentados anteriormente, já que, aqui neste capítulo, trato especificamente do lazer noturno em tempos de pandemia, suas faces e, também, dilemas. Em termos didáticos, é possível dizer que o lazer tratado na primeira parte do capítulo diz respeito a um panorama mais genérico, que permite diversas chaves de compreensão, sendo uma delas o lazer noturno.

A maior diferença que pude notar no lazer noturno entre os tempos passados e durante a pandemia diz respeito à expectativa dos jovens para com a diversão à noite ele. Aquelas interpretações que compreendem o lazer noturno como a ruptura com as coisas “comuns”, das obrigações do trabalho e da escola (RODRÍGUEZ SUÁREZ; AGULLÓ TOMÁS, 2003; BARRAL, 2006; BERTHET *et al.*, 2016; MARGULIS, 1997; BLÁZQUEZ; TILOCA, 2018), parecem ter se modificado substancialmente, ao menos nas vivências relatadas pela maior parte dos interlocutores.

Tal condição mostra ser fruto da pandemia, objetivamente por conta das mudanças impostas. O que parece é que, ao contrário das análises pré-pandemia,

onde o tempo de lazer significava o rompimento com a vida ordinária, agora, o lazer noturno não representa necessariamente a descontinuidade dessas atividades. O elemento central que desencadeou esse processo foi a mudança do trabalho e do estudo presencial para a modalidade virtual, modificando substancialmente a distribuição de tempo. Para Gondim e Borges (2020), os trabalhadores que já tiveram alguma intimidade com o trabalho virtual, sofreram menos no processo adaptativo à realidade da pandemia, conseguindo estruturar de maneira mais equilibrada os horários destinados à alimentação, ao estudo, lazer noturno e outros compromissos sociais.

Diferente foi o processo daquelas pessoas que nunca tiveram contato com esse tipo de trabalho, e, de repente, passaram a realizá-lo. Essa condição se configurou, na maior parte dos casos, como um grande desafio ligado à distribuição do tempo e execução de metas, que acabam concorrendo com o convívio social, tarefas domésticas e escolares (LOSEKANN; MOURÃO, 2020). No lazer, como demonstra Couto e Cruz (2020), entre os impeditivos mais comuns, também está a falta de espaço físico, conexão de internet e a renda baixa, que influencia todos os outros aspectos.

Teodoro (2020) nota que a média diária de horas disponíveis para o lazer durante o período de isolamento era de 3 horas e 22 minutos, de segunda a sexta-feira, em média, e, nos finais de semanas, esse número aumentava para 5 e 8 horas. Mesmo que saibamos que esses números dizem respeito a uma média, portando, não sendo um dado individualizado, servem para mostrar que se mantinha a dinâmica existente anteriormente, que diz respeito ao maior tempo disponível durante os fins de semana e também apontam para a noite como o momento de maior tempo de lazer. Embora o período de pandemia tenha alterado os modos de diversão, colocando o interesse cultural do lazer mediado pela internet como sendo a principal forma de distração (TOLEDO, 2020), o final de semana ainda se mantém como o momento de maior tempo livre, quebra de rotina e vivências múltiplas de lazer noturno.

Mesmo com a dificuldade de estabelecer uma nítida divisão entre as obrigações profissionais e o lazer, também é consenso que a noite ainda se

apresenta como o momento em que os interlocutores tem mais tempo disponível. A fluidez temporal, colocada pelo isolamento social, parece não ter diluído por inteiro os antigos postulados de trabalho e lazer. Portanto, o lazer noturno, diferentemente do tempo de lazer diurno, sofreu menos com o *embaralhamento*, possivelmente por conta da dinâmica dos trabalhos, que são realizados majoritariamente durante o dia.

No caso das mulheres, ocorre um agravamento da tensão entre o lazer e o trabalho. De acordo com Oliveira (2020), atualmente, as mulheres ainda são as principais responsáveis pelas atividades relacionadas aos cuidados de casa e familiares, dispendo 73% a mais de horas com atividades domésticas do que os homens, refletindo, assim, no tempo e na qualidade do lazer noturno. Gabriela, uma de nossas interlocutoras, percebe que essa condição foi agravada consideravelmente durante a quarentena⁵⁹. Isso reforça os dados que apontam para a diminuição do lazer (diurno) das mulheres, sua sobrecarga de trabalho e a supressão do lazer noturno, que é comumente substituído por afazeres domésticos ou a rotina de estudos. Usa-se o tempo que seria voltado a alguma atividade de lazer noturno para “colocar as coisas em dia”, na terminologia observada.

A questão do tempo de lazer de homens e mulheres me fez pensar, num esforço teórico não linear, sobre o consumo de bebida durante a noite no momento de quarentena. Antes da pandemia, a Rua da Lama significava, para muitos jovens, um tipo de sociabilidade mediada pelo consumo de bebidas, culminando em associações diretas entre lazer e bebida alcoólica, como se fossem sinônimos. Tal tipo de comportamento gerava falas como: “meu lazer é beber”, “quando estou no lazer, só saio para beber na Rua da Lama”. Nesse sentido, passei a me questionar se os jovens diminuíram ou aumentaram o consumo durante seu lazer noturno. Houve mudança significativa? Por isso, levei essas questões a meus interlocutores, durante os diálogos virtuais.

⁵⁹ Gabriela fazia estudos de pós-graduação no estado de São Paulo, mas com a chegada da pandemia retornou ao Espírito Santo, seu estado natal. Só a conheci virtualmente, mas pude dialogar sobre o lazer e pandemia desde seu ponto de vista.

Todos os entrevistados foram unânimes em apontar para o aumento do consumo de bebidas alcoólicas e uma mudança da “forma” de consumir, que está intimamente ligada ao consumo individual ou compartilhado por um número baixo de amigos. Essas informações acabam encontrando paralelo em Malta *et al.* (2020), com os dados de seu estudo (com participação de 45.161 indivíduos maiores de 18 anos), que mostra um aumento do consumo de bebidas alcoólicas entre os brasileiros, dinâmica que se repetiu pelo menos em países como China, Reino Unido e Alemanha, de acordo com Garcia e Sanchez (2020).

Garcia e Sanchez (2020) apresentam essa situação como sendo fruto de uma gama de consequências sociais que a pandemia causou, além da restrição do funcionamento de bares e espaços públicos. O comportamento que era realizado fora de casa passou a ser realizado em domicílio, mas com diversas peculiaridades em termos de sociabilidade. Nicolas, um dos entrevistados que afirma estar bebendo mais durante a pandemia, atribuí tal feito à “falta de contato cara-a-cara” com os amigos, e à saudade de sua rotina agitada.

Não é possível elaborar uma grande reflexão a respeito dos motivos que levam ao aumento do consumo de bebidas no momento de lazer, por conta da extensão do tema e os caminhos que a investigação de campo me conduziu. Mas é possível mencionar, em uma explanação de caráter inicial, com base nos diálogos com os interlocutores, que tal fenômeno pode estar relacionado, em grande medida, à situação de estresse e ansiedade que foram desencadeados e/ou aprofundados pela pandemia. Esse é um tema de investigação que se mostra fundamental, e deve ser tratado em pesquisas futuras.

7. O RETORNO PRESENCIAL À RUA DA LAMA

Nas primeiras semanas do ano de 2021, boa parte dos municípios do estado do Espírito Santo estavam no índice médio de risco em relação ao grau de contaminação da COVID-19. Em Vitória, nesse período, flexibilizaram-se regras de abertura de bares e outros espaços de lazer, fazendo com que a Rua da Lama tivesse um novo fluxo de diversão noturna. Pude acompanhar todo esse processo de perto. Enquanto as orientações do governo estadual foram de permanecer exclusivamente em casa, observei a Rua da Lama e seu entorno através da janela do apartamento onde morei e por meio de jornais. No momento em que os bares reabriram suas portas, munido de máscara, álcool gel e um grande ímpeto investigativo, retornei *in loco*. Queria observar, conversar e realizar mais entrevistas, embora tivesse a plena consciência de que a experiência não seria a mesma de antes da pandemia.

Esse campo de estudo que guarda reminiscências do período anterior à pandemia e também das questões do período de quarentena. Ocorreram, portanto, mudanças significativas na Rua da Lama. Os jovens passam a frequentar o espaço na busca da retomada do lazer noturno, e são impactados diretamente pelas marcas deixadas diretamente pela pandemia: fechamento de estabelecimentos, mudanças de horário de atendimento dos bares e restaurantes, entre outras.

Isso me fez repensar se houve mudança na constituição dos trajetos de lazer dos frequentadores da Rua da Lama durante a noite. Afinal, será que essa nova condição imposta ainda permite esse tipo de atividade de lazer? A condição de não superação total da COVID-19 mudou as formas de sociabilidades da Rua da Lama? Esses são alguns pontos de discussão que serão abordados o longo desta seção, além de retomar algumas reflexões elaboradas anteriormente que merecem maior ênfase. Alerto, ainda, que, fazendo isso, não tenho pretensão de esgotar o assunto, nem o generalizar em grande escala, haja vista que a situação da COVID-19 criou desafios e maneiras de enfrentamentos diversos em cada estado e, até mesmo, municípios.

As reflexões sobre o lazer noturno durante a pandemia passaram por diferentes estágios. Desde as primeiras detecções do vírus no Brasil, passando pelo período de quarentena, até chegar à gradativa reabertura dos espaços de lazer do Espírito Santo nos meses de Janeiro e Fevereiro, foi preciso adaptar o método e os instrumentos de pesquisa à realidade vivida. Portanto, em cada uma dessas etapas, foi possível notar especificidades e desafios relacionados ao lazer noturno.

Nesta seção, eu retomo parte das atividades de campo de maneira presencial, mas mantendo algumas estratégias de pesquisa virtual, como a utilização de vídeo chamada e mensagens de texto. Mesclei instrumentos de pesquisas tradicionais nas investigações do ambiente citadino a uma realidade contemporânea, em que as interações sociais são mediadas, muitas vezes, por estratégias digitais, sobretudo em um momento onde a pandemia fez muitas vítimas diariamente.

As análises apresentadas aqui acabam incorrendo em um tipo de comparativo ou aproximações (mesmo não sendo precisamente esse o objetivo) entre a Rua da Lama antes, durante e “depois” da pandemia. O objetivo não foi focar tanto nas dinâmicas específicas de cada bar, mas nas interações sociais que estruturam o lazer nesses lugares, nessa etapa de reabertura gradual dos bares da Rua da Lama. Para isso, recorri mais uma vez aos antigos interlocutores, principalmente ao Sérgio, que foi o agente responsável pela expansão da minha rede investigativa e fez com que eu interagisse com vários outros frequentadores. Sérgio foi, durante a pesquisa, um frequentador da Rua da Lama que me possibilitou uma agência privilegiada, e me auxiliou para que eu conseguisse conhecer e interpretar a realidade social de maneira mais íntima e densa, tal qual Doc a William Foote Whyte, em *Sociedade de Esquina* (2005).

A investigação de Whyte (2005) é fruto de sua vivência na cidade de Chicago, e serviu como requisito para titulação de doutoramento em economia. Nesses anos de trabalho, o autor conheceu um morador – com pseudônimo de Doc – que tinha bom trânsito local, tal qual Sergio, e se dispôs a ajudá-lo na investigação. Doc servia como um intermediário que ajudava a compreender os códigos locais, fazendo com que Whyte conseguisse realizar um trabalho extremamente inovador que se tornou um clássico da antropologia urbana.

Não é o caso de fazer qualquer comparação entre o conteúdo das produções, mas de notar que Sergio foi um interlocutor fundamental na Rua da Lama, da mesma maneira de Doc para Whyte (2005). No entanto, é preciso assinalar que as percepções do campo são cruzadas por visões (muitas vezes) díspares da realidade: aquilo que o antropólogo vê, anota e reflete pode ser, em muitos casos, analisado de maneira radicalmente distinta pelos interlocutores.

Analisando a literatura referente à antropologia urbana, é possível ver controvérsias a respeito do conteúdo do manuscrito publicado e a forma com que os episódios foram narrados, sendo chamadas de distorções ou, em alguns casos, até mesmo, de falseamento da realidade. Um dos exemplos muito conhecido nesse sentido é o próprio trabalho de Whyte (2005), que teve sua interpretação contestada por Doc posteriormente, demonstrando como pode ser instável e delicada a elaboração de um trabalho etnográfico no contexto citadino contemporâneo.

Mais do que perceber paralelos de conteúdo presentes na obra *Sociedade de Esquina* com a realidade da Rua da Lama, o trabalho de Whyte (2005) é fecundo, pois explica (ou pelo menos dá grande ênfase) na importância de um interlocutor central para a pesquisa antropológica. Por isso, no caso desta pesquisa, Sérgio teve papel fundamental.

Me valendo dessa condição de interlocução privilegiada com um profundo conhecedor da Rua da Lama, nos primeiros meses de 2021, mesmo com o grande número de mortes diárias, retornei com Sérgio e seus amigos aos bares. Nesse momento, para minha alegria, fui recebido com pompas de alguém que retoma seu lugar depois de longa ausência. Me senti parte integrante desse círculo de amigos e pude dar continuidade na investigação empírica.

7.1 NOTAS SOBRE OS “NOVOS” TRAJETOS DE LAZER

Neste tópico, retomo a análise sobre os trajetos de lazer noturnos da Rua da Lama. Contudo, agora, o exercício que emprego aqui é no sentido de analisar quais foram as transformações desses trajetos de lazer após o longo período de distanciamento. Esse panorama permite refletir sobre os (re) arranjos das experiências de lazer noturno em uma Rua da Lama que passou por um processo

de transformação. Dentre tantas questões envolvidas, percebo mudanças no campo de pesquisa em relação a antes da pandemia em dois sentidos, fundamentalmente: um deles é a existência de um trajeto de lazer noturno que se insere no *circuito derivado* noturno; e outra mudança, que diz respeito à inexistência dos trajetos de lazer nos moldes antes analisados, por assim dizer, tradicionais.

O trajeto que se insere em um *circuito derivado* foi analisado após a retomada presencial ao campo de pesquisa e acontece em todos os estabelecimentos, mas com maior frequência no *Caldeirão*, *Abertura* e *Sofá da Hebe*, que são os três bares que parecem reunir mais frequentadores dispostos a se inserirem nessa forma de diversão. Por *circuito derivado*, embasado na categoria de Magnani (1999), compreende-se uma reformulação do circuito de lazer local, passando de um *circuito principal* (pautado fundamentalmente nas boates da Antimofo, como já mencionado) para um circuito de divertimento mais fragmentado, pautado nas chamadas *sociais*. Essas *sociais* são festas realizadas somente entre amigos, em que alguns compram e levam bebidas e comidas e se divertem no ambiente doméstico, durante as noites.

A existência de um *circuito de lazer derivado* foi notada em campo e aparece recorrentemente nas entrevistas, como sendo a “quebra” do circuito convencional do lazer noturno da cidade de Vitória. Com a ausência desse circuito tradicional de lazer, os frequentadores da Rua da Lama, após a reabertura do bares, passam a criar isso que tratamos como *circuitos derivados*, indo dos bares para as *sociais*, formando assim outras formas de diversão.

Segundo Magnani “[...] é possível distinguir os circuitos em muitos planos: desde um mais abrangente, que reúne as mesmas modalidades de uma mesma prática – é o *circuito principal* – até os segmentos mais particularizados, congregando setores específicos [...] são os circuitos derivados”. (MAGNANI, 1999, P. 68, grifos do autor). Utilizando a linguagem de Valter, um dos donos de bar entrevistados, o que chamamos de circuito derivado de lazer é visto como:

[...] a saída dos meninos dos bares da lama para festa em casas de amigos ou alguns poucos eventos. Como não tem mais essas boates gays⁶⁰ funcionando (por conta da pandemia) o pessoal vai para os bares e vão para coisas menores. Acho que é assim: com o conronga acabou esses lugares manjados, já famosos de lazer depois da lama, isso levou o povo a lugares noturnos que não são badalados, mas servem como alegria e bebedeira. (VALTER, ENTREVISTADO, 2021)

O trajeto de lazer que, antes da pandemia, podia ser percebido pelo deslocamento dos jovens dos bares da Rua da Lama para as boates, agora é definido por outros deslocamentos. Em sua pesquisa, Meira (2008) observa a formação de diversos circuitos derivados⁶¹ como o “circuito LGBT”; “circuito do rock”; “circuito da MPB”; “circuito dos ‘manos’”; “circuito das artes”, entre outros. Esse trabalho demonstra, entre outras coisas, como esses circuitos derivados são numerosos, se comparados aos circuitos principais, e como se constituem no ambiente citadino. Vale lembrar que o trabalho de Meira (2008), foi realizado há mais de uma década antes da existência da pandemia de COVID-19, sendo referente a um momento em que o lazer não passava por restrições. Por isso, o autor trabalha com os *trajetos de circuitos principais e derivados*. Na Rua da Lama, dada a inexistência desse *circuito principal* de lazer nos primeiros meses de 2021, se sobressaem e multiplicam as possibilidades *derivadas* pautadas nas chamadas *sociais*.

Junto às *sociais*, fazem parte de um quadro de recorrentes possibilidades de trajetos que se inserem nos *circuitos derivados* de lazer, as festas clandestinas. As *sociais* congregam amigos próximos e, portanto, um número relativamente baixo de pessoas. Já as festas clandestinas são uma prática flagrada em diferentes

⁶⁰ Aparentemente Joel faz menção às boates organizadas pelo grupo Antimofo, que embora não sejam todas “gays” como mostra Bertoli (2019), comumente lhes colocam esse rótulo.

⁶¹ Isto não é uma exclusividade do período pandêmico, pois anteriormente já havia notado esse movimento. No entanto, com a chegada da COVID-19 esse fenômeno se aprofundou prodigiosamente.

municípios e estados do Brasil⁶², e podem contar com um número muito elevado de frequentadores. Essas festas também acontecem na região da grande Vitória e parecem responder ao anseio de uma fração dos frequentadores dos bares da Rua da Lama. Como a situação de saúde pública não permite frequentar as boates tradicionais que estavam fechadas, essas pessoas se utilizam desses subterfúgios para divertirem-se em um espaço com pessoas desconhecidas e formas de sociabilidades que resguardam características da “normalidade”. Por isso, ouvi várias vezes falas que evidenciam que “nas festas clandestinas a gente mata a saudade da normalidade” (SÉRGIO, ENTREVISTADO, 2021).

O outro eixo recorrente nas falas dos interlocutores é a inexistência de um trajeto de lazer noturno propriamente dito. Essa é uma percepção já averiguada em momentos anteriores, sobretudo nos primeiros meses de isolamento social do ano de 2020, quando o lazer foi um fenômeno vivenciado no interior das residências (FALCÃO; GOMES 2020). Contudo, imaginei inicialmente que com a abertura dos bares isso invariavelmente mudaria.

Do ponto de vista jurídico, os bares e lanchonetes poderiam funcionar, ainda que sob algumas regras que variavam de acordo com a situação da pandemia no ano de 2021. Fato que implicou direta ou indiretamente no fechamento de diversos estabelecimentos e debilitou economicamente outros que seguiam tentando se reorganizar nesse novo contexto. Mesmo assim, a condição de complexo informal de lazer noturno permite que, quando algum estabelecimento se feche, mude-se somente os proprietários, mas mantenha-se o mesmo tipo de comércio. Um espaço de lazer tradicional como a Rua da Lama faz com que os comércios se adequem sempre ao tipo de atividade hegemônica.

⁶² Algumas reportagens que ilustram esse fenômeno: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/prefeitura-interdita-marina-por-festa-clandestina-em-vitoria-0221>; <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/02/18/prefeitura-interrompe-festa-clandestina-em-hotel-na-orla-de-copacabana.ghtml>; <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/02/17/nao-carnaval-2021-no-rio-aglomeracoes-festas-clandestinas-e-desrespeito-as-determinacoes-sanitarias.ghtml>.

Exemplo desse dramático momento dos estabelecimentos da Rua da Lama foi o fechamento do Cleópatra Gaystro Bar. Situação complicada também viveu a *sfiheria* Jardim da Penha, que há quinze anos está aberta no local e chegou ao ponto de “pedir socorro” em suas redes sociais, devido à ausência de clientes. Esse tipo de dificuldade financeira havia sido apontado por Rodrigo Vervloet, presidente do Sindicato dos Bares e Restaurantes do Espírito Santo, durante entrevista no ano de 2020⁶³.

Para Edy, funcionário há mais de vinte e cinco anos do Cochicho da Penha, a Rua da Lama está, de fato, “mais vazia”, e isso não é fruto, necessariamente, do zelo com relação ao contágio da COVID-19, mas da “falta de aula na UFES”. A colocação feita por Edy também pode ser vista em diálogos com outros interlocutores e está alinhada, de maneira geral, com a percepção de que o grande contingente de frequentadores dos bares da Rua da Lama são estudantes e professores (principalmente da UFES). Soma-se a isso o fato de que a utilização do modelo de educação EART pela UFES, acabou culminando no retorno dos estudantes às suas cidades de origem.

Outro aspecto, que pode contribuir para inexistência do trajeto de lazer e/ou frequência de jovens nos bares, pode estar ligado à dramática situação financeira em que muitas famílias se encontravam e ainda se encontram. Sem o dinheiro necessário para a diversão e o consumo, “muitos jovens deixam de ir aos bares, porque se sentem inferiorizados, já que consumo é sinônimo de gastar dinheiro” (JEFERSON⁶⁴, ENTREVISTADO, 2021). Por isso, o momento de crise econômica parece ser um aspecto que tem influenciado da ausência de um trajeto de lazer na Rua da Lama.

Como então, dadas essas condições da Rua da Lama, explicar os recorrentes episódios de aglomerações que aconteceram no ambiente? Tal pergunta parece ter íntima relação com a inexistência de um trajeto de lazer noturno que ingresse no

⁶³Veja a reportagem: <https://es360.com.br/sindbares-preve-fechamento-de-4-mil-bares-e-restaurantes-no-espírito-santo/>.

⁶⁴ Proprietário de um bar na Rua da Lama.

circuito de festas da Antimofo. Para melhor compreender isso, é preciso notar que, com a retomada do lazer noturno, parece haver uma potencialização do sábado como noite da “aglomeração”.

Figura 9: Aglomeração de jovens na Rua da Lama na noite de 20/02/2021.



Fonte: Tv Gazeta (2021).

A figura 9 foi tirada em um sábado do mês de fevereiro de 2021, e ilustra, exatamente, o que veio a ser a noite da “aglomeração”. Chama atenção que, mesmo havendo pequenas aglomerações em outras noites, o sábado, nesse período do ano de 2021, foi se convertendo na principal noite de lazer. **A diluição que havia nas noites de quinta e sexta-feira parece ter se concentrado no sábado.** Para Jeferson, esse movimento “salva os bares” com a venda de bebidas, tendo em vista a diminuição do número de pessoas nos outros dias.

Além de uma certa irresponsabilidade social de aglomerar-se sem máscara, o que parece é que os jovens que utilizam a Rua da Lama para fazer “esquenta” se viram sem a possibilidade de cumprir o trajeto posterior. A interrupção desse movimento fez com que o sábado na Rua da Lama, noite tradicionalmente utilizada para ida às boates, se tornasse o espaço-tempo principal de lazer. De todo modo, independente do período pandêmico, a Rua da Lama continua sendo palco do

consumo elevado de bebidas alcoólicas, e de pessoas jovens em busca de divertimento.

7.2 DEMOCRACIA E VIOLÊNCIA: DUAS FACES DA MESMA RUA

A condição de retorno à Rua da Lama criou a possibilidade de investigar, com mais profundidade, questões que emergiram anteriormente e foram amadurecidas no momento de ausência presencial do campo. Por isso, retomei algumas questões que aparecem nos capítulos anteriores para uma análise complementar, além de, é claro, analisar fenômenos distintos dos já tratados. Um desses temas que foi preciso retomar com os amigos de Sérgio é o grau de democratização da Rua da Lama entre os diferentes grupos jovens, antes da pandemia e no início de 2021, quando retornei ao campo. Para Sérgio e seus amigos, a Rua da Lama é, de fato, um local democrático, e é compreendida, a grosso modo, como um ambiente em que podem ser vistos grupos jovens com muita diversidade socioeconômica reunidos, sem exclusão.

Essa noção também sustentei subjetivamente durante algum tempo, talvez, penso eu, pelo impacto inicial da diversidade dos frequentadores locais e pela fala dos interlocutores, que sempre apontam para um tipo de harmonia difusa e grau de diversão que são, genericamente, concebidos como “democratização”. Soma-se a isso a ampla difusão do *slogan* que afirma a vocação democrática da Rua da Lama, jargão utilizado sempre no sentido de elevar as qualidades do Som de Fogueira.

Analisando criticamente os diálogos que estabeleci com interlocutores e minha prolongada inserção no campo, percebi que a noção de Rua da Lama “democrática” – nas condições supracitadas – existe mais no plano enunciativo, do que prático. O elemento central para essa percepção é o foco nas interações sociais (práticas) existentes no campo de pesquisa, e não o discurso sobre o espaço. É possível dizer que fiz um confronto entre a fala hegemônica e as ações que observei.

Pensar o nível de democratização da Rua da Lama exige analisar a interação das “micro” ações (GOFFMAN, 2011) que ocorrem no campo de pesquisa como um

interstício social (FELDMAN-BIANCO, 2010). Em outras palavras, para notar o descompasso da fala dos frequentadores e a prática concreta, recorri à análise da forma como era vivenciado concretamente o lazer noturno no ambiente. A visão idílica da Rua da Lama sobre democratização não contempla, por exemplo, a dificuldade de acesso ao transporte público para o lazer daquelas pessoas da periferia e o valor elevado de alguns produtos encontrados em bares e lanchonetes, sobretudo aqueles considerados elitizados.

Esses são alguns mecanismos que podem ser facilmente notados. Basta prestar um pouco de atenção à chegada e saída das pessoas na Rua da Lama, para notar que muitos chegam de ônibus vindos de regiões periféricas, fato que faz com que o lazer de tal população seja dificultado, tendo em vista o longo tempo gasto até a chegada nessa região boêmia. Em relação aos preços, minha comparação foi realizada com valores praticados em regiões vizinhas, consideradas mais populares.

Contudo, existem mecanismos menos explícitos que depõem contra essa “democratização”, que somente a observação cuidadosa e prolongada pode apreender. São as *expressões indiretas*, como gestos e posturas corporais, que mostram comportamentos que representam o *modus operandi* local (GOFFMAN, 2011) e compõem as regras que nos ajudam a ver esse aspecto.

Na Rua da Lama, a antítese da democratização pode ser compreendida a partir de ações de caráter repressivo ou discriminatório. Exemplo disso é quando alguma pessoa em situação de rua, circulando no ambiente utilizado para o lazer, é interpelada negativamente por algum policial ou dono/funcionário de estabelecimentos que solicita (ou ordena) a saída do indivíduo estigmatizado do local. Presenciei algumas vezes, donos e funcionários dos bares usando termos como “vá para o seu lugar” e “pare de espantar os clientes”.

Essa parcela invisibilizada da sociedade é um exemplo mais extremado, que não pode ser tomado como uma caricatura da discriminação sob a concepção (verdadeira) de que pessoas em situação de rua recebem tratamentos intolerantes em todas as partes do país. Pois, discriminação menos explícita, mas igualmente abjeta, sofre boa parte dos vendedores ambulantes. Também uma parcela dos jovens que está na Rua da Lama, durante seu momento de lazer, sofre algum grau

de exclusão, ainda que velada. Ela pode ser notada principalmente no plano socioeconômico, quando os jovens advindos de classes socioeconômicas mais abastadas têm posturas estigmatizantes em relação àqueles que usam roupas e adereços tidos como próprios do ambiente periférico, de baixo poder aquisitivo.

Os frequentadores criam uma sofisticada análise das características que podem ter o caráter elucidativo de identificar, através das vestimentas, grupos de jovens interessados em *rock* ou *reggae*, por exemplo, ou um aspecto discriminatório, portando, negativo, como ocorre com aqueles de classes socioeconômicas menos favorecidas. Isso pode ser percebido com algum grau de condescendência (aparentemente involuntária) na fala de Sérgio durante um encontro de campo:

[...] eles (os grupos de jovens) não são excluídos, podem usar a rua sem problemas e ninguém vai impedir ou expulsar eles. [...] tá, tem uma galera mais burguesa que olha eles torto⁶⁵, mas nada demais. No máximo vão para outra parte da rua ou entram nos bares, porque os cordões, o gosto pelo RAP, boné aba reta e as tatuagens mostram que eles são da quebrada⁶⁶ e isso faz a galera não querer se misturar muito. Você sabe como é, tem gente que é metida e só quer ficar entre a galera com grana (SERGIO, ENTREVISTADO, 2019).

Esse comentário é elucidativo, pois ilustra como os frequentadores criam determinados símbolos que correspondem a cada grupo. Na fala de Sérgio, são os da *quebrada*, mas existe a *galera do futebol*, os *calouros* da UFES e outros mais. Embora as características que compreendem o enquadramento de cada um desses grupos não são objetivas e rígidas, parece passar por uma análise visual, socioeconômica e de como a pessoa ou grupo se comporta. Por esse motivo, os jovens que frequentam assiduamente a Rua da Lama, conseguem identificar, com certa precisão, quem corresponde a cada grupo e, genericamente, como agem e consomem no seu momento de lazer.

⁶⁵ Quer dizer que a presença deles acaba gerando incômodos, fato que faz com que olhem negativamente a presença de outros grupos jovens.

⁶⁶ São os moradores de área periférica, distante do bairro Jardim da Penha.

Ademais, embora o entrevistado não enxergue como discriminatório, narra como alguns jovens são “olhados tortos” por suas características, relativizando, assim, o real sentido da expressão. Mesmo não existindo uma ação que exclua (pelo menos visivelmente) uns dos outros, o movimento de distanciamento voluntário demonstra como a suposta democratização da Rua da Lama é algo que não existe de maneira plena para quem é da *quebrada*, como Sérgio e outros tantos parecem desejar e idealizar. Mas nem todos os frequentadores passam por tal situação: aqueles que pertencem a grupos formados majoritariamente por estudantes universitários, adultos moradores do bairro de Jardim da Penha (classe média) não sofrem com esse tipo de discriminação. A situação de discriminação se dá, precisamente, pois uma fração dos habitantes do bairro que se sente incomodada com a presença daqueles que julgam atrapalhar ou “baixar o nível” da Rua da Lama. **Por isso, a ideia de Rua da Lama democrática parece ser imprecisa, ao menos no plano acadêmico. Talvez tratá-la como ambiente tolerante seja mais coerente com a realidade corrente.**

Outra questão no campo de pesquisa é a violência e a “bagunça” que é proveniente da Rua da Lama. O mesmo ambiente, que representa a democratização do espaço para uns, significa, para outros, algo negativo ligado à arruaça e desconforto. Como surgiram essas narrativas? Quais são os motivos para essas percepções? No caso do ambiente democrático, reside em um tipo ideal formado no plano anunciativo e idílico, que está ligado à “face positiva” da Rua da Lama. E como se dá o movimento inverso? Ou seja: aqueles que enxergam a face negativa o fazem a partir de quais elementos?

Existe, como apontei anteriormente, uma enorme polêmica nos jornais e redes sociais, que aponta o local como um caos potencializador de violências, e propiciador de uso de drogas ilícitas, arruaça e som elevado. A situação narrada pelos jovens é inversa: a Rua da Lama é um ambiente onde o que sobressai é a diversão, o encontro e o bem estar. Configura-se, assim, um contrassenso. A visão do noticiário hegemônico e a interpretação da associação de moradores são radicalmente distintos do que a dos frequentadores da boemia da Rua da Lama, no que concerne os conflitos e a bagunça. Essa contradição dialógica do processo de

vivência/divulgação se mostrou fecunda para compreender mais profundamente as camadas de significação presentes em cada uma das narrativas e seus objetivos.

A discussão sobre violência e “bagunça” é central não apenas nas entrevistas sobre a Rua da Lama e nos jornais locais, pois circunda grandes polêmicas sobre o lazer noturno em cidades brasileiras. Notei que a categoria discursiva local de “violência” se assemelha àquela usada em Curi (2017), e a *teoria das acusações*, elaborada por Velho (2004) para explicar o conflito entre o *drogado* e o *subversivo*. Pois, embora em ambientes com características muito distintas, as reflexões dos autores apontam para a violência como uma categoria de acusação operacionalizada socialmente para imputação de aspectos negativos.

No caso da Rua da Lama, a discussão sobre a violência também funciona como categoria de acusação. Tal movimento só é feito por parte daqueles que advogavam a favor da extinção das atividades musicais, diminuição do horário de abertura dos bares ou o endurecimento do policiamento no local. Essas pessoas são, em sua grande maioria, moradores vizinhos da Rua da Lama e, geralmente, mais velhos do que a média de idade dos jovens que frequentam os bares.

Em contrapartida, os entrevistados, quando perguntados sobre os rótulos da violência local e uso de drogas ilícitas, costumam retrucar, argumentando que esse tipo de percepção é equivocado ou exagerado, e parte da premissa de que os encontros entre os jovens no ambiente seriam necessariamente prejudiciais à ordem pública. Mesmo admitindo em muitos casos que existe o uso de drogas ilícitas, fato que também identifiquei a partir de incursões no campo, advogam que essa não é a característica principal do ambiente. Esses jovens sempre apontam para a dimensão da diversão e o encontro de grupos de amigos mediado pelo uso de bebidas alcoólicas. As drogas ilícitas raramente são mencionadas, e seus usuários só admitem quando existe um grau de intimidade grande com quem questiona.

A pesquisa etnográfica e seus instrumentos, a partir de uma teoria vivida (PEIRANO, 2008), permitiu que eu notasse elementos que parecem mobilizar esses discursos. Um deles diz respeito ao caso de frequentadores que negam o uso de drogas ilícitas na Rua da Lama por parte das juventudes, pois parecem não o fazer com intuito único de apagar a existência do fenômeno em si, que pode ser,

facilmente, notado nos arredores dos bares. Esses jovens fazem isso, muitas vezes, como uma estratégia de defesa para não corroborar com uma visão que estigmatizasse a juventude. Esse discurso funciona como um instrumento contra a tese moralista de que todos ali usam drogas, pois parece mais eficaz negar a existência do uso, do que explicar que os usuários de maconha são uma fração pequena dos jovens.

No entanto, um número considerável de moradores de Jardim da Penha acaba reduzindo a diversão dos jovens num potencial gerador de barulho, violência e consumo de drogas (ilícitas). Isso se converte em algo que deve ser combatido. Essa situação gera confronto de interesses entre quem quer a Rua da Lama para diversão (e todas suas consequências/possibilidades) e os moradores locais e não frequentadores, que primam pelo silêncio e segurança. Vive-se um conflito que é muito próprio da condição do lazer noturno nos bares, em que a tênue relação entre a “ordem” e a “desordem” é constantemente questionada, pois “por ação de determinados moradores [...] o lugar de produção e execução do lúdico sempre encontra conflito com a ordem” (BARRAL, 2012. p 96).

O que chama atenção não é, precisamente, a relação conflitiva no ambiente urbano, como apontado em diversos trabalhos (VELHO, 2012), mas como a diminuição do tempo de evento de lazer e profunda modificação da dinâmica local que isso resultou, não foi capaz de acabar com os conflitos entre os jovens frequentadores e aqueles moradores que se sentem prejudicados. Ocorre, na realidade, que esse segundo momento passou a criar novas reivindicações de diminuição de ruído e maneiras de desqualificação dos frequentadores da Rua da Lama.

Isso parece criar uma associação direta do lazer noturno à desordem, e, para combatê-la, sem a necessidade de extinção da boemia noturna, um caminho seria a “arrumação” do lazer. Esse termo não é proferido por nenhuma das pessoas contrárias à “desordem” da Rua da Lama, mas talvez seja o termo que melhor traduza o sentimento que me expuseram. Uma dessas pessoas que foi, segundo

ela, determinante para o cancelamento do *Som de Fogueira* me disse⁶⁷, em conversa informal, que o ambiente é “a melhor coisa para os jovens de fora do bairro que vão aos bares”, mas é “um inferno para quem mora na Lama e ao redor”. Dentro da sua visão, um caminho que ameniza esse problema é “acabar com a bagunça e violência e deixar somente a diversão, sem som alto, gritaria e lixo jogado no chão: somente diversão saudável pode ter lugar”.

Embora reducionista, se analisada à luz das teorias do lazer, tal percepção é observada empiricamente também por Barral (2014), que afirma que muitas vezes são criadas “representações dos bares como lugar perigoso, violento” (BARRAL, 2014 p. 3, grifo nosso), sobretudo pela presença de pessoas advindas de regiões periféricas da cidade (ANDRADE, 2008). Existe, portanto, uma suposta ligação entre a presença de pessoas de menor poder socioeconômico, que no Brasil, tradicionalmente, habitam regiões periféricas, e os atos de violência e bagunça que são realizados nos bares de regiões universitárias, de acordo com os entrevistados de Barral (2014), Meira (2008) e Andrade (2008). A situação que transforma a Rua da Lama em um “inferno” está ligada intimamente à presença massiva de jovens nas noites de lazer (sobretudo aqueles da *quebrada*), que são os verdadeiros responsáveis pelo caos, enquanto os *do bairro* tem menos responsabilidade.

Nessa forma de perturbação da ordem pública, os jovens advindos da periferia têm mais culpa do que outros. Situação análoga a encontrada por Abreu (2008), onde os *cybermanos* foram “responsáveis” por acabar com a *vibe* de diversão do ambiente, ou mesmo em Meira (2008), que notou em suas entrevistas como os grandes causadores de violência nos bares seriam os *manos*. As terminologias locais até divergem, mas os jovens *da quebrada*, *cybermanos* ou os *manos* são, nesses casos, moradores de bairros periféricos que acabam por descaracterizar a “verdadeira” forma de se divertir.

Em muitas entrevistas realizadas, os jovens *da quebrada* foram mencionados como os “responsáveis” pela desordem, enquanto os frequentadores que moram em

⁶⁷ Não pude identifica-la (nem com pseudônimo ou idade) por exigência do interlocutor.

Jardim da Penha são tidos como legítimos boêmios. Isso se observa a seguir, em diálogo travado com Suelen, residente do bairro há 5 anos:

Suelen: Olha, é um problema, a galera sai dos outros bairros para bagunçarem aqui. Porque não fazem isso no lugar deles? Aqui na Lama tinha um bar que era cheio de adolescentes, você chegou a conhecer?

Pesquisador: sim, sei bem qual era. Ele foi fechado em 2020, se não me engano.

Suelen: Então, aquilo era um inferno. Os moleques ficavam bebendo e gritando, usando drogas na rua e dentro do bar até de madrugada. Eu observava muito eles, porque morei do lado, todos eram da Serra, de Cariacica ou essas cidades assim [periféricas, segundo sua análise] e não nos respeitavam. Aqui é um lugar de gente séria, mesmo que tenha alguns arruaceiros perdidos, o problema é essa galera de fora.

Pesquisador: Suelen, tenho a impressão que a maior parte dos “bagunceiros” são moradores daqui no bairro; universitários de classe média que bebem e perdem um pouco o controle. Estou errado?

Suelen: Esta sim. Você não deve saber como eles são. São pessoas que não respeitam nosso lugar. Estão no lugar errado. Os bares são para a galera do bairro, que é mais ordeira.

Muitos moradores dos bairros mais centralizados, sobretudo os mais antigos, creem que os jovens de bairros periféricos agem como “invasores” e, por isso, lhes imputam rótulos negativos. **Essa era, também, a análise realizada por meio de entrevistas e imersão de campo de Fantin (2016) e Meira (2008)**, ao pesquisarem o carnaval em Florianópolis e um bar em Londrina, respectivamente. Para Meira (2008), isso pode se dar por uma espécie de saudosismo, fato que pode se transformar em algum tipo de hostilidade a certas formas de lazer. Soma-se a isso o fato de que, tradicionalmente, as classes econômicas favorecidas veem como moradores “da” cidade seus pares, enquanto os moradores da periferia apenas “estão” na cidade (FANTIN, 2016).

Apesar dos apontamentos das entrevistas realizadas, é precipitado imputar somente aos jovens da *quebrada* ou aos moradores de Jardim da Penha qualquer um dos rótulos associados à violência e/ou bagunça. Esse tipo de comportamento perpassa as classes menos favorecidas, as elites e até mesmo os representantes do poder público (CALDEIRA, 2003). De modo que eventuais episódios de violência e/ou bagunça não podem ser tomados parcialmente, como culpa exclusiva de um ou outro grupo de jovens. Deve-se compreendê-los como um dos fenômenos que

esporadicamente podem ocorrer no ambiente citadino, e devem ser averiguados cuidadosamente, sem moralismos ou preconceitos.

7.3 SOBRE AS FIGURAS CARIMBADAS

As categorias *circuito*, *mancha*, *trajeto* e *pedaço* conformam um arcabouço amplo, criado a partir de pesquisas realizadas na periferia de São Paulo. Essas formulações sugerem “escapar do plano de uma totalidade inabarcável, mas sem cair numa fragmentação sem fim” (MAGNANI, 2013 p. 4). Não há uma reprodutibilidade automática e irrestrita de categorias analíticas para pensar a cidade (VELHO, 2012), mas isso não quer dizer que os esforços de categorização elaborados por outros autores não sejam fundamentais (e reproduzíveis, em certos momentos) para compreender realidades citadinas diferentes.

Pensar o campo nesses moldes que proponho, aprofunda a importância da confiança e alteridade com os interlocutores que estavam, há tempos, em contato quase ininterrupto comigo, seja presencial ou virtualmente. Portanto, mantinham-me atento às mudanças mais sutis do campo de pesquisa. Os jovens amigos de Sérgio são o que chamam de *figuras carimbadas* da Rua da Lama há anos, fato que lhes confere certa legitimidade de narração de anedotas e causos ante frequentadores esporádicos. É sobre essa noção de *figuras carimbadas* e suas implicações no campo do lazer que farei uma reflexão.

Um dos aspectos centrais para ser um “ilustre frequentador⁶⁸” ou uma *figura carimbada* (na terminologia local da Rua da Lama) é o trato pessoalizado que os donos dos bares e seus funcionários dão a certos frequentadores. Essas expressões dizem respeito a tipos de frequentadores que são comumente vistos nos bares e desenvolvem algum tipo de estreitamento de laços com os donos e funcionários e, “num certo sentido, apresentam-se como os “donos do pedaço”” (BARRAL, 2012

⁶⁸ Categoria extraída de Barral e que tem um sentido um pouco diferente, marcada pela frequência diurna nos bares e elevada faixa etária de usuários. Aqui faço uso do termo em um sentido alargado, sem grande relação com aspetos etários.

p.158) ou “donos do bar” (idem p.160). Isso acontece principalmente nos casos dos bares onde as *figuras carimbadas* compartilham hábitos de lazer esportivo (torcida pelo mesmo time de futebol), ou musical (como afinidade por algum gênero musical) com o dono bar. Tal contato parece propiciar o sentimento de pertencimento, e faz com que regras internas dos estabelecimentos sejam relativizadas em nome da amizade.

Mesmo com tabuletas contendo informações mínimas para os frequentadores, como: “se for beber não dirija”, “é proibido fumar”, “não vendo fiado”, “é proibido som automotivo”, “é proibido entrar sem camisa” nas paredes dos bares, as *figuras carimbadas* nem sempre as cumprem. Inclusive, a relação de proximidade com os donos e funcionários –sobretudo aqueles que trabalham há muitos anos no mesmo estabelecimento – funciona como chancela para que esses frequentadores não cumpram regras. Sejam elas internas, como comprar fiado e frequentar a cozinha do bar, ou externas (acordos jurídicos), como fumar dentro do estabelecimento comercial (prática proibida por lei) e comprar bebidas alcoólicas para algum menor de idade que eventualmente queira consumir.

O contrário desse processo de relativização das regras vivenciado pelas *figuras carimbadas* é a impessoalidade no trato com os frequentadores. Isto aparece, em alguma medida, num conhecido texto do antropólogo Roberto Damatta (1994), quando discute as particularidades da casa da rua e as possibilidades de apropriação que cada um desses espaços possibilita. Isso se materializa, na Rua da Lama, em advertências ou, em casos mais extremos, expulsões dos frequentadores que infringem as normativas. Pude ver esse processo em diferentes estabelecimentos quando, por exemplo, algum frequentador que consume muita bebida alcoólica e fica exaltado é “convidado” a se retirar ou a se comportar “direito”. O mesmo mecanismo de impessoalidade pode ser visto quando algum desconhecido ou frequentador esporádico do ambiente pede bebida alcoólica ou algum cigarro fiado e é imediatamente negado, informando que se trata de uma regra interna que não pode ser violada. Esses acontecimentos podem ser ilustrados na famosa frase de autoria incerta: “aos amigos tudo, aos inimigos (ou melhor, desconhecidos) a lei”.

Esse tipo de relação pessoalizada com os “amigos” é profícuo para pensar o lazer noturno e seus trajetos, uma vez que os funcionários e donos dos bares compreendem parcialmente o fluxo de lazer das *figuras carimbadas*. Essa proximidade entre os frequentadores (ilustres) e os proprietários cria certa cumplicidade entre os grupos e conhecimento sobre os principais hábitos de divertimento dos jovens. Surgem daí respostas que dão conta de explicar os principais interesses dos grupos jovens como: “saindo daqui a galera vai para a boate”; “nessa noite, quando saírem, a galera vai para o Simpsons Bar”.

A minha inserção nos bares, nesse momento, fazia com que eu não gozasse mais do “valor forasteiro” (FELDMAN-BIANCO, 2010), que me permitiria fazer perguntas tidas como elementares na lógica dos bares. Contudo, minha condição de jovem frequentador assíduo, que criou algum grau de intimidade com os proprietários e garçons de alguns bares, permitiu analisar com mais precisão a questão do trajeto de lazer na Rua da Lama a partir da relação estabelecida entre trabalhadores dos bares e frequentadores, questão que é complexa, fértil e parece ser pouco explorada na literatura nacional.

Alguns estabelecimentos têm *figuras carimbadas* há várias décadas, como o Cochicho das Penha. Nesses casos, é observável uma preponderância de pessoas de mais idade e uma relação pessoal (de conhecimento) entre boa parte dos frequentadores, ligados pelo tipo de música e/ou comida, principalmente. São *figuras carimbadas* mesmo não indo ao estabelecimento todas as noites: sua história com aquele espaço lhe permite a manutenção desse *status*, adquirido ao longo do tempo.

As *figuras carimbadas* também são jovens na Rua da Lama, indo no sentido oposto dos *ilustres frequentadores* de Barral (2012). Esse *status* é alcançado a partir da frequência sistemática, mesmo não sendo longa do ponto de vista histórico. Com alguns meses de frequência exaustiva no bar, é possível se tornar uma *figura carimbada* jovem, embora cada estabelecimento tenha uma relação diferente com o trato pessoalizado com os clientes. Contudo, mesmo alguns lugares mantendo mais formalidade com os clientes, a frequência sistêmica até o fechamento das portas do estabelecimento costuma fazer com que haja maior flexibilização da relação estabelecida entre os trabalhadores e aqueles jovens que estão se divertindo.

Esse conjunto de regras que são estabelecidas no interior dos bares diz muito sobre o lazer noturno. Talvez não tenha o poder de formar um trajeto de lazer a partir desses mobilizadores, mas o estreitamento dos laços entre proprietários e frequentadores dos estabelecimentos se manifesta como um elemento de conhecimento do trajeto de lazer noturno dos frequentadores. De modo que o lazer noturno, nesse contexto, cria formas de sociabilidade distintas entre as *figuras carimbadas* e os “outros”.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo sobre o que registrei ao longo da pesquisa, chego nas considerações finais com alguns pontos que marcaram minha trajetória acadêmica e são relevantes para a discussão do lazer noturno no ambiente citadino. Considerando a Rua da Lama como campo empírico e o lazer como objeto da pesquisa, realizei uma etnografia para aprofundar questões referentes ao lazer noturno e as juventudes no contexto da cidade. O objetivo do trabalho foi compreender como se constituíam os trajetos de lazer noturno dos frequentadores da Rua da Lama.

A Rua da Lama, que mesmo em estado de “normalidade” costuma ser dinâmica e se transforma todos os dias, durante o período da pesquisa, sofreu transformações substanciais, especialmente por causa da pandemia, instalada no país no início de 2020. Em meio a minha investigação, entre o ano de 2019 e 2021, assisti de perto e sistematicamente as modificações nas formas de lazer de seus frequentadores. Isso me obrigou a “olhar” para Rua da Lama através de metodologias distintas (presencialmente, virtualmente, e de maneira “híbrida”). Ao retomar essas etapas, classifico minha inserção na Rua da Lama em três momentos distintos: 1) O convencional, sem nenhuma restrição de saúde pública; 2) O virtual, quando interpretei o lazer noturno dos interlocutores da Rua da Lama pelos meios digitais, durante o período de maior recrudescimento da pandemia; 3) O “híbrido”, quando vivenciei a Rua da Lama no momento em que as atividades de lazer noturno presenciais retomavam, aos poucos.

Esses momentos foram determinantes para a elaboração das reflexões expostas ao longo deste texto, pois modificaram as formas de vivenciar o campo de pesquisa e ainda o seguem fazendo. Nesse momento em que escrevo estas considerações finais, a pandemia de COVID-19 ainda não acabou. Segue matando, em média, mais de mil pessoas por dia, a despeito do retorno da maior parte dos estabelecimentos de lazer da Rua da Lama. Por esse motivo, é preciso ter em conta que as reflexões que estão contidas neste trabalho são circunscritas a esse

momento histórico específico e devem ser encaradas e submetidas a críticas como tal.

A partir dos dados empíricos citados ao longo do texto, foi possível perceber que a Rua da Lama é um espaço múltiplo. Durante o dia, a rua é um ambiente repleto de lojas, papelarias e restaurantes que criam um tipo apropriação do espaço diferente da noturna. Com a chegada da noite, a Rua da Lama se modifica substancialmente: ganham centralidade os bares e lanchonetes. Tal faceta noturna cria e amplia espaços-tempos destinados fundamentalmente ao lazer, como os bares, shows que acontecem na rua, ou outras formas de diversão que são organizadas pelos jovens.

Os frequentadores desse ambiente são, em sua maioria, jovens universitários residentes do bairro Jardim da Penha e moradores de bairros e cidades próximas. A noite de lazer, nesse ambiente, funciona de maneira disruptiva, pois é vivida em significativa oposição às obrigações sociais da vida ordinária, indo ao encontro de resultados de outras pesquisas do mesmo campo de estudos. Na Rua da Lama, esse momento é marcado pela dimensão do encontro, descontração e frequência através dos pares (duplas, trios ou grupos maiores) que têm no consumo de bebidas alcoólicas um aspecto importante.

Essa dinâmica de lazer noturno cria movimentações dentro do complexo informal de diversão, que é a Rua da Lama. Assim, ocorre que os frequentadores do local se mudam entre os espaços de lazer presentes ali durante as noites, sejam eles bares ou shows, a partir de alguns mobilizadores. A inserção extensa no campo permite dizer que a Rua da Lama é apropriada de diferentes formas por seus frequentadores: existem aqueles que realizam um *esquentar*, para partir para outro ambiente de lazer; aqueles que utilizam o local como *ponto central do lazer* (nesse caso existe maior sentimento de pertencimento com o local); e aqueles que vão até a Rua da Lama para fazer a *saideira*. Essas são maneiras de vivenciar a noite que formam lazeres noturnos diferentes no que diz respeito a apropriação do espaço, consumo de bebidas alcoólicas e mobilidade.

Talvez tais categorias se constituam como reflexões que possam ser utilizadas e/ou problematizadas para pensar o lazer noturno em contextos jovens, em que a

transitoriedade é uma marca que se faz presente. Pois pensar o lazer, nos contextos citadinos, impele o pesquisador a compreender também os trânsitos e trajetos que conformam as sociabilidades. A dimensão dinâmica do lazer noturno é um elemento importante e que deve ser mais estudado na Rua da Lama.

Essa dinamicidade foi notada quando analisei o Som de Fogueira (realizado nas terças-feiras) e percebi que existe um trajeto de lazer no interior da Rua da Lama, que diz respeito à saída dos jovens do Som de Fogueira (com o término da atividade) e o deslocamento para o Shots Bar. O trajeto tem como finalidade central a busca pela continuidade da diversão iniciada no primeiro ambiente e é constituído/mobilizado por aspectos ligados à compatibilidade de gostos musicais e de perfil do público presente, além de ter relação com o poder aquisitivo, fundamentalmente o dinheiro que dispõem para comprar bebida.

As noites de sexta-feira e sábado são as mais esperadas. Parece que a proximidade com o fim de semana aumenta o desejo de frequentar os bares da Rua da Lama, bem como boates localizadas em outros locais da capital do Espírito Santo. Essa condição faz com que existam formas de trajetos díspares em comparação ao Som de Fogueira. A ampla gama de possibilidades de divertimento noturno, existente em Vitória na sexta-feira e no sábado à noite, faz com que os frequentadores da Rua da Lama, comumente façam deslocamentos até boates e outros estabelecimentos que fazem parte do *circuito* de lazer noturno Capixaba. Esse movimento se deve, também, ao fato da sexta e do sábado serem dias considerados como de maior liberdade: a ausência de obrigações no dia seguinte (como trabalho, e estudo) faz com que os jovens construam formas de divertimento mais ousadas, que passam por mais de um espaço de lazer e têm menos responsabilidade com o horário de término.

Também durante as sextas-feiras e sábado, percebi que muitos jovens frequentam alguns bares da Rua da Lama (principalmente o Simpsons) após terem encerrado sua experiência principal de lazer daquela noite. Após o fechamento do bar e/ou boates onde estão se divertindo, se deslocam para a Rua da Lama, buscando alguns espaços. Isso acontece em alguns bares, especificamente

naqueles que permanecem abertos até tarde, e possibilitam o prolongamento de sua diversão e consumo até o amanhecer.

Outro aspecto sobre a noite na Rua da Lama que notei, diz respeito a presença de outras maneiras de apropriação do espaço, não ligadas ao consumo. A saber, a frequência massiva de pessoas em situação de rua, vendedores ambulantes e calouros universitários. Esse último grupo, ainda que não sofra com discriminação como os anteriores, frequentam a Rua da Lama com o intuito de arrecadar dinheiro em uma modalidade de trote universitário, logo, não como lazer. O local, conhecido por muitos capixabas como sinônimo de diversão e boemia, resguarda um grande contingente de pessoas que comumente são marginalizadas, ou que não necessariamente vão até lá para se divertir.

Quando passei a estudar o lazer dos frequentadores da Rua da Lama durante a pandemia, discuti aspectos diferentes, compelido pela condição histórica imposta. Primeiro, a partir dos antigos frequentadores da Rua da Lama durante a pandemia, percebi que a condição de quarentena não suprimiu o lazer nos jovens, mas o modificou substancialmente. As atividades de lazer realizadas anteriormente de maneira presencial, durante a pandemia, foram reorganizadas, passando a ser realizadas virtualmente e no âmbito doméstico. Ou, no caso daqueles jovens que não se adequaram (por diferentes motivos) ao fazer doméstico, recorreram a lazers noturnos *paralelos*. Esse último formato mencionado parece ser um aspecto que deve ser melhor explorado em pesquisas futuras, dado sua recorrência e criação recente, vinculada as mediadas de segurança pública.

A partir dos dados de campo, notei que o tempo disponível no ambiente doméstico constitui um tensionamento na divisão das obrigações sociais e do lazer, gerando um *embaralhamento* desses fenômenos. O caráter inédito e recente da pandemia fez com que minhas análises sobre o lazer noturno fossem feitas “no calor da hora”. Assim, algumas discussões não puderam ser melhor desenvolvidas, mas me parecem férteis para alargar as discussões da área. Como, por exemplo, discutir a relação do uso de drogas (lícitas e ilícitas) no lazer noturno realizado dentro das residências, bem como a questão dos trajetos de lazer noturno no momento que a pandemia for superada por completo.

Também postulo que o lazer noturno no ambiente citadino é complexo e tem um caráter muitas vezes conflituoso. A apropriação da Rua da Lama, sobretudo no caso dos shows, cria um ambiente em que propicia narrativas diversas sobre o prolongamento da diversão na rua e nos bares. Para aqueles que frequentam bares e festas na cidade, tal manifestação de lazer noturno é detentora de legitimidade, e configura-se como uma face democratizada da cidade. Os moradores do local e parte daqueles que deliberam sobre o funcionamento das atividades noturnas da capital, veem a apropriação jovem das ruas e dos bares de Jardim da Penha como algo potencialmente perigoso e gerador de caos. Portanto, o lazer noturno apresenta camadas de discussões e entendimentos distintos sobre cidade e a legitimidade do uso do espaço. Por isso, a diversão noturna de algumas pessoas é, para outras, o caos.

A pesquisa enfrentou algumas limitações, principalmente advindas da situação relacionada à pandemia de COVID-19. A situação de saúde fez com que os rumos da dissertação fossem reorganizados e urgisse a necessidade de compreender, com os elementos possíveis no momento, o lazer noturno durante a quarentena e o período de breve reabertura dos espaços. A possibilidade de ter vivenciado e analisado três momentos ímpares da história me permitiu notar o quanto a diversão noturna é fundamental no momento contemporâneo e ainda carece de investigações a contingência atual.

No momento de finalização desta investigação, noto como o lazer noturno na Rua da Lama tem retomado a sua rotina sem que a situação de saúde pública tenha melhorado substancialmente. Com quase seiscentos mil brasileiros mortos pela COVID-19, os jovens aglomeram-se nos bares, com poucas ou nenhuma norma de segurança sanitária. Os *quarentemers* são cada vez um número menor, enquanto o país mantém médias de mortes que assustam o mundo. Longe de emitir parecer condenatório sobre o não isolamento social dos jovens, tendo consciência da realidade socioeconômica delicada de uma enorme fração do povo brasileiro, percebo como o lazer e, especialmente o lazer noturno vivenciado na Rua da Lama é uma experiência importante. Se mesmo numa situação nunca antes vivenciada por esta geração, o lazer parece não ter perdido espaço e nem força, fica evidente o

quanto tal fenômeno humano é significativo, produz sociabilidades e mobiliza os jovens para diversas experiências cidadinas.

9. REFERÊNCIAS

ABREU, C. C. **Raves-encontros e disputas**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2005.

ALMEIDA, M.I. M; TRACY, K. M. **Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro, Rocco, 2003.

ALCÂNTARA, J. L. **Sociabilidades e hedonismos: etnografia entre jovens usuários de substâncias psicoativas sintéticas** Fortaleza Ceará. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2009.

ANDRADE, C. C. **Entre gangues e galeras: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal**. Tese de Doutorado, Universidade 2008.

ANTIMOFO. **Grupo ANTIMOFO**, 2019. Disponível em: < www.grupoantimofo.com.br/grupo-antimofo >. Acesso em 5 nov. 2019.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARBOSA, L. **Sociedade de consumo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

BARRAL, G. L. L. **Espaços de lazer e culturas jovens em Brasília: o caso de bares**. Dissertação de mestrado, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, 2006.

BARRAL, G. L. L. **Nos bares da cidade: lazer e sociabilidade em Brasília**. Tese de Doutorado, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, 2012.

BARRAL, G. L. L. "Brigas de bar em Brasília: sociabilidade e socialização". **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 13, n. 37, pp. 19-27, Abril de 2014. ISSN 1676-8965

BISTAFA, R; BERTOLO, M. A; ROMERA, L. A. Lazer noturno e juventude: as Festas *Open Bar*. In: **1º Congresso da ABRAMD sobre drogas e dependências**, 2008, São Paulo. Drogas e Dependências, 2008

BECKER, H. S. **Outsiders**. Estudos da sociologia do desvio. 1. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

BERTOLI. E. O. **O consumo de entretenimento LGBTI+ na grande vitória: eventos e espaços para expressões das identidades gay**. 230 p. Dissertação de mestrado - Centro De Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

BERTOLO, J. F. **Crônicas sobre diversidades: construindo diálogos sobre multiplicidades através do cinema e da produção textual**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2018.

BERGERON, H. **Sociologia da droga**. Aparecida, SP: Ideias e Letras. 2012.

BERTHET, *et al.* Estudios de caso: Nightlife in Switzerland. In: **La marcha nocturna: ¿Un rito exclusivamente español?** . Centro Reina Sofía sobre Adolescencia y Juventud. Fundación de Ayuda contra la Drogadicción (FAD), 2016.

BLAZQUEZ, G; TILOCA, A. L. Sobre saídas e derivas. Anthropological Groove e 'a noite' como espaço etnográfico. **Íconos: Revista de Ciências Sociais**, Ecuador, n. 60, p. 193-216, 2018.

Brazão P. **O diário de um diário etnográfico electrónico**. A escola sob suspeita. Porto: Asa Editores; 2007. p. 289-307.

PINA CABRAL, J. Sem palavras: etnografia, hegemonias e quantificação. **MANA – Estudos de Antropologia Social**, v. 14, n. 1, p. 61- 86, 2008.

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo** – SP. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CAMPOS, G. W. S. O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020.

CAPONI, S. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. **Estudos Avançados**. Volume 34, número 99, 2020. P.209-223.

CASTAÑEDA, C. **A erva do diabo, os ensinamentos de dom Juan**. 34^a Ed. RJ, Nova Era, 2009. p.82.

CASTILHO, C. T; RIBEIRO, S. P; UNGHERI, B. O Distanciamento Social e Tempo Livre. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 93-125, 2020.

CLEMENTE, A. C. F; STOPPA, E. A. Lazer Doméstico em Tempos de Pandemia da Covid-19. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 460-484, 2020.

COUTO, A. C. P; MEDINA, A. C. R. Os Impactos Causados pelos Decretos da Prefeitura de Belo Horizonte no Lazer da População em Tempos de Pandemia. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 190-215, 2020.

COUTO, E. S.; COUTO, E. S.; CRUZ, I. M. P. #Fiqueemcasa: educação na pandemia da COVID-19. **Interfaces Científicas**, Aracajú, v.8, n.3, p.200-217, 2020.

COSTA, M. C. S; CASTILLO, C. O. Consumo de álcool em uma comunidade venezuelana: pesquisa etnográfica. **SMAD, Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas**, v. 6, p. 514-536, 2010.

CURI, M. Violência como categoria de acusação nos discursos de torcedores de futebol no Rio de Janeiro. **Policromias-Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**, v. 2, n. 1, p. 28-52, 2017.

DAMATTA, R. **O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues**. In: NUDES, E. O. (org.) *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 23-35.

DEVANEY, M.; FERRIS, J.; O'ROURKE, S. Beyond pre-loading: Understanding the associations between pre-, side- and back-loading drinking behavior and risky drinking. **Addictive Behaviors**, v. 53, p. 146-154, 2016.

DINO, F. Coronavírus e fascismo: patologias que desafiam o brasil. In: TOSTES, A.; FILHO, H. M. (Orgs.) **Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois**. Bauru: Editora Canal 6, 2020.

DOMINGUES, F. F.; GRIPP, E. C. M. B.; FANTINEL, L. D. Apropriações simbólicas e espaciais em organizações: o “jeitinho brasileiro” no bar “Sofá da Hebe”. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, 2017, v. 4, n.9, p. 205-255.

FALCÃO, D; GOMES, C. L. Estratégia e Táticas do Projeto “Cine Luce” no Contexto Pandêmico da Covid-19. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 27-56, 2020.

FANTIN, M. **Cidade dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis**. Florianópolis: Cidade Futura, 2016.

FELDMAN-BIANCO, B. **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: UNESP, 2010.

FERNANDEZ, O. F. R. L. **Coca-light? usos do corpo, rituais de consumo e carreiras de “cheiradores” de cocaína em São Paulo**. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia, 2007.

FRANGELLA, S.M **Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo**. Tese de doutorado em ciências sociais, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

GARCIA, L. P; SANCHEZ, Z. M. Consumo de álcool durante a pandemia da COVID-19: uma reflexão necessária para o enfrentamento da situação. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, 2020.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1989.

GONDIM, S.; BORGES, L. O. Meaningfulness and meanings of home office work: challenges for emotional regulation. In: QUEIROGA F. **Home office guidelines in the COVID-19 pandemic**. Brasília: SBPOT, Associação Brasileira de Psicologia Organizacional e do Trabalho, 2020, p. 30-36.

GOFFMAN, E. **Comportamento em lugares públicos**: notas sobre a organização social dos ajuntamentos. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar Editores.1978.

GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. In: **A representação do eu na vida cotidiana**. 2011. p. 231-231.

GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v1, n.1, p. 3-20, 2014.

GONÇALVES, S. *et al.* Percepção de Segurança e Risco de Contágio por Covid-19 Durante as Vivências de Lazer do Residente do Rio Grande do Norte. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 309-340, 2020.

GRIPP, E. C. M. B. **Simbolismos, memórias e narrativas**: redescobrimo a rua da lama da década de 1980. 2015. Dissertação de mestrado - Centro De Ciências Jurídicas E Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

KENNEY, S. R., LABRIE, J. W., HUMMER, J. F. An Examination of Prepartying and Drinking Game Playing During High School and Their Impact on Alcohol-Related Risk Upon Entrance into College. **J Youth Adolesc**, v. 39, nº 9, p. 999-1011, 2010.

LINS, C. F. M. *et al.* Ócio, Lazer e Tempo Livre das Velhices em Quarentena. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 341-368, 2020

LIMA, M. G. **Espaços de lazer e territórios juvenis em Três Lagoas/MS**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Três Lagoas, 2018.

LOSEKANN, R. G. C. B.; MOURÃO, H. C. Desafios do teletrabalho na pandemia COVID-19: quando o home vira office. **Caderno de Administração**, Maringá, v.28, ed. especial, p.71-75, 2020. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/53637/751375150139>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

MACÊDO, S. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia Covid-19: tecendo sentidos. **Revista do NUFEN**, v. 12, n. 2, p. 187-204, 2020.

MACIEL, E. *et al.* **Núcleo Interinstitucional de Estudos Epidemiológicos (NIEE)**. 2020.

MACRAE, E. J. B. N; SIMÕES, J. A. **Rodas de fumo: o uso da maconha entre camadas médias**. Edufba, 2000.

MAGNANI, J. G. C. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. In: NAU – Núcleo de Antropologia Urbana da USP. Disponível em: <<http://www.n-a-u.org>>. Acesso em: 04 mai. 2019.

MAGNANI, J. C. O circuito dos jovens urbanos. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173 - 205, Nov. 2005.

MAGNANI, J. G. C; TORRES, L. L (Orgs.) **Na Metrópole** - Textos de Antropologia Urbana. EDUSP, São Paulo, 1996.

MAGNANI, J. C. C. **Quando o campo é a cidade**: fazendo antropologia na metrópole. In: Magnani, J. G. C. & Torres, L. L. (orgs.). **Na Metrópole**, SP: EDUSP, 1996.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, Unesp, 1998.

MAGNANI, J. G. C. O velho e bom caderno de campo. **Revista Sexta-Feira**, v. 1, n. 1, p. 8-12, 1997.

MAGNANI, J. G. C. Tribos urbanas: metáfora ou categoria?. **Cadernos de Campo** (São Paulo, 1991, v.2, n.2, p. 48-51.

MAGNANI, J. G. C. Da periferia ao centro, cá e lá: seguindo trajetos, construindo circuitos. **Anuário antropológico**, n. II, p. 53-72, 2013.

MALTA, D. C. *et al.* A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, 2020.

MONTENEGRO, G. M; DIAS, M. C. Lazer em Tempos de Distanciamento Social. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 1-26, 2020.

MARIN, J. C; ARAÚJO, D. C. S; ESPIN NETO, J. O trote em uma faculdade de medicina: uma análise de seus excessos e influências socioeconômicas. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 32, n. 4, p. 474-481, 2008.

MARGULIS, M. **La cultura de la noche**: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires, cap. I, Biblos, Argentina, 1997. P. 11-30.

MARQUES, R. Quem "se garante" no forró eletrônico?: produzindo diferenças em contextos de fronteira e ebulição social. **Cadernos Pagu**, Campinas , n. 43, p,

2014. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332014000200347&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 jan. 2019.

MARQUES, E. S. *et al.* A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, 2020.

MASCARENHAS, F; LAZZAROTTI FILHO, A; VIANNA, L. C. A ciência e a RBCE em tempos de pandemia. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Porto Alegre, v. 42, 2020. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132892020000100100&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 jul. 2020.

MAYOR, S. T. S; SILVA, M; LOPES, C. G. Perspectivas sobre o Lazer das Mulheres com a Pandemia do Novo Coronavírus. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 163-189, 2020.

MEIRA, T. A. B. (2008). “**Da força da grana que ergue e destrói coisas belas**”: uma etnografia dos circuitos de lazer noturno em Londrina- PR a partir do Bar do Valentino. Dissertação de Mestrado - Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo- SP.

MERCADO, L. P. Pesquisa qualitativa online utilizando a etnografia virtual. **Revista Teias**, v. 13, n. 30, p. 15, 2012.

OLIVEIRA, A. L. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia da covid-19. **Revista Tamoios**, v. 16, n. 1, 2020.

OLIVEIRA, B. A; CUSTODIO, M. L; HUNGARO, E. M. Disputas em Torno do Tempo e da Vida (ou Morte) do Trabalhador Brasileiro. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 216-250, 2020.

OLIVEIRA, C. S. **Avaliação da aprendizagem na educação on-line: aproximações e distanciamentos para uma avaliação formativa-reguladora.** Recife: Edufpe, 2010.

OLIVEIRA, P.S. **Memória social do bairro de Jardim da Penha do município de Vitória-ES.** Tese de doutorado em Psicologia. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

OLIVEIRA, M. B; SILVA, N. M; MARETO, Renato. Lazer e consumo na percepção dos estudantes universitários. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 50, n. 1, p. 86-96, 2014.

PEIRANO, M. **A favor da etnografia.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEIRANO, M. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 2, 2008.

PIMENTA, D. Pandemia é coisa de mulher: Breve ensaio sobre o enfrentamento de uma doença a partir das vozes e silenciamentos femininos dentro das casas, hospitais e na produção acadêmica. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, v. 8, p. 8- 19.2020.

RIBEIRO, O. C. F. et al. Os Impactos da Pandemia da Covid-19 no Lazer de Adultos e Idosos. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 391-428, 2020.

RECKZIEGEL, D. **Lazer noturno: aspectos configuracionais e formais e sua relação com a satisfação e preferência dos usuários.** Dissertação (mestrado)-Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

RODRÍGUEZ SUÁREZ, J; AGULLÓ TOMÁS, E; AGULLÓ TOMÁS, M. S. Jóvenes, fin de semana y uso recreativo de drogas: evolución y tendencias del ocio juvenil. **Adicciones**, v. 15, n. 5, p. 7, 2003.

SANTOS, F. C. **“Pode queimar, tá legalize!” Uma antropologia sobre o uso recreativo de drogas na cidade**. Tese de Doutorado em Antropologia - Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador. 2017.

SECULT. Uma Volta na Lama, de Ursula Dart / Documentário 28’03”; 10 ANOS. **Secretaria de Cultura do Espírito Santo**, 2017. Disponível em: <<https://secult.es.gov.br/x-mostra-producao-independente-tem-inicio-nes>>. Acesso em 5 nov. 2019.

SILVA, L. A. M. O Significado do Botequim. **Enfoques - revista dos alunos do PPGSA-UFRJ**, v.10(1), maio 2011. Online. pp. 115-136. Disponível em: <<http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/~enfoques/>>. Acesso em 5 nov. 2019.

SILVA MATOS, L; DA COSTA PINHEIRO, W; BAHIA, M. C. Vivências do Lazer para Discentes do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Pará no Contexto de Pandemia da Covid-19. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 251-288, 2020.

SILVA, M. R. *et al.* Bolsonaro e a COVID-19: e daí?“o Brazil tá matando o Brasil”,“do Brasil, SOS ao Brasil”,“chora a nossa pátria, mãe gentil...”. **Motrivivência**, v. 32, n. 62, p. 01-19, 2020.

SILVA, W. M; LAZZAROTTI FILHO, A. Influências da Covid-19 na Propagação de Memes em Páginas Futebolísticas do Instagram. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 429-459, 2020.

SILVA, S. Mp quer fim de festa na Rua da Lama devido a interdição da rua e barulho. **A Gazeta**, 2019. Disponível em: <www.agazeta.com.br/es/gv/mp-quer-fim-de-festa-na-rua-da-lama-devido-a-interdicao-de-rua-e-barulho-1019>. Acesso em 5 nov. 2019.

SOUSA JÚNIOR, J. H. *et al.* “#Fiqueemcasa E Cante Comigo”: Estratégia De Entretenimento Musical Durante A Pandemia De Covid-19 No Brasil. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 2, n. 4, p. 72-85, 2020

SOUZA, D.H. 2005. **O lazer, a cidade de Viçosa/MG e a festa da república “Os Largados”**: algumas relações. In: Seminário o Lazer em Debate, Belo Horizonte, 2005. Coletânea. Belo Horizonte, UFMG, p. 210-218.

SOUZA, F. C. de. **Determinantes de Escolha de Localidade e de Modo nos deslocamentos a Lazer**. 2006. Tese de Doutorado. PET/COPPE/UFRJ. Rio de Janeiro, RJ.

TEODORO, A. P. E. G. *et al.* A Dimensão Tempo na Gestão das Experiências de Lazer em Período de Pandemia da Covid-19 no Brasil. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 126-162, 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Análise da evolução da pandemia de COVID-19 no Brasil – O Estado do Pará** (nota técnica 02/2020). Disponível em: <https://portal.ufpa.br/images/docs/nota_tecnica_COVID19_RMB_01052020_VFinal.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2020.

VELHO, G. Estilo de vida urbano e modernidade. **Revista Estudos Históricos**, v. 8, n. 16, p. 227-234, 1995.

VELHO, G. **Nobres & anjos**: um estudo de tóxicos e hierarquia. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1998.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Zahar, 2004.

VELHO, G. **O Desafio da Cidade – Novas perspectivas da Antropologia Brasileira**. 2012

VIEIRA, P. R; GARCIA, L. P.; MACIEL, E. L. N. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela?. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, p. e200033, 2020.

Whyte W. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2005.

ZUIN, A. Á. S. O trote no curso de pedagogia e a prazerosa integração sadomasoquista. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 79, p. 243-254, 2002.

APÊNDICE

APENDICE 1 – Roteiro de entrevista semiestruturada



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

1. Quantos anos você tem? O que você faz? (Estuda, trabalha)
2. Como foi seu contato com a Rua da Lama? Quando e por que você passou a frequentar este espaço?
3. Você mora perto ou estuda perto da Rua da Lama?
4. Com qual frequência você vai à Rua da Lama durante a noite?
5. Como você se desloca até a Rua da Lama?
6. O que você procura na Rua da Lama?
7. Porque você frequenta a Rua da Lama e não outro lugar?
8. Quando você vai para a rua da Lama você costuma ficar em apenas um local/bar ou costuma mudar? Quantos locais você costuma frequentar em uma noite? Por que?
9. Como você escolhe os locais e a ordem dos espaços que frequenta?
10. O que você acha da Rua da lama? Quais são suas percepções sobre ela? Conte um pouco o que você acha deste local.
11. Existe algum tipo de dificuldade para sua ida à Rua da Lama?
12. Quais os pontos positivos e negativos da Rua da Lama?

ANEXOS

ANEXO 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Educação Física e Desportos
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O Sr/ Sr^a está sendo convidado a fazer parte da Pesquisa intitulada: “lazer noturno e trajetos da rua da lama”. Sua participação é voluntária, sendo realizada por meio de questionário semiestruturado. Esta pesquisa, coordenada pela Dra Liana Abrão Romera e o Mestrando Saulo Kuster, tem por objetivo analisar e compreender os trajetos de lazer noturno produzidos na Rua da Lama, visando sistematizar conhecimentos que possam subsidiar e potencializar as políticas de lazer.

O participante deste estudo não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração podendo buscar, a qualquer momento, junto ao Pesquisador Responsável, esclarecimentos quanto ao objetivo da pesquisa e/ou relativos ao método e/ou quaisquer outras dúvidas que surgirem durante as entrevistas. Eventuais gastos necessários para viabilizar a participação, sejam eles de transporte ou outros quaisquer, serão ressarcidos pelos coordenadores.

Os dados serão coletados por meio de questionário semi estruturado, registrados e posteriormente citados no corpo do trabalho científico, guardando-se total anonimato dos participantes. A aplicação do questionário ocorrerá em uma sala de aula do Centro de Educação Física/UFES, de acordo com a disponibilidade de salas. Os áudios serão captados, os dados coletados serão mantidos em sigilo, sendo os mesmos utilizados somente para o desenvolvimento da pesquisa. Os resultados serão utilizados apenas para fins científicos mantendo-se a confiabilidade e a privacidade dos participantes.

Os participantes da pesquisa poderão, caso seja de sua vontade, se desligar do estudo em qualquer de suas fases.

Embora mínimos, os riscos podem ser perspectivados como a possibilidade de uma avaliação e/ou exposição negativa das informações prestadas pelo informante, constrangimento e, fadiga, pela duração das entrevistas. Para evitar os danos que tais riscos podem causar, disponibilizaremos água e acesso aos banheiros durante as entrevistas, garantiremos o anonimato dos participantes, bem como compartilharemos e validaremos todos os dados e análises com os participantes da pesquisa antes de publicá-los. Essas medidas visam minimizar o cansaço e garantem que o participante tenha clareza de que não serão realizadas exposições negativas das suas informações. Todavia, explicitamos a garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, conforme Resolução nº 466 do Conselho Nacional de Saúde. Já os benefícios relacionados com a sua participação estão relacionados à possibilidade da abertura de debates entre os participantes envolvidos, bem como, a ampliação da produção teórica com possíveis reflexões no campo acadêmico e da política pública de lazer.

Em caso de denúncias e/ ou intercorrências na pesquisa o participante poderá contatar o Comitê de Ética e Pesquisa da UFES por meio do telefone: (27) 3145-9820, pelo e-mail: cep.goiabeiras@gmail.com, pessoalmente ou pelo correio, através do endereço: Av. Fernando Ferrari, 514; Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.090-075.

Este documento será impresso em duas vias que serão rubricadas em todas as páginas pelo participante e pelo pesquisador, sendo que cada um receberá uma via. O participante poderá entrar em contato com os coordenadores da pesquisa quando houver qualquer dúvida ou julgar necessário algum esclarecimento.

Prof. Dra. Liana A Romera - Fone contato: (27) 99953-5334

Saulo Kuster - Fone contato: (27) 996243661

Universidade Federal do Espírito Santo - Centro de Educação Física e Desportos –Grupo de Pesquisa Andaluz. Av. Fernando Ferrari, 514 Campus Universitário Goiabeiras Vitória – ES. Cep: 29075-810 Tel: / (27) 4009 2636

Pesquisador**Responsável:**

.....

Local**e****data:**

.....

Assinatura:.....

.....

Consentimento do participante

Eu, abaixo assinado, concordo voluntariamente em participar do estudo: lazer noturno e trajetos da rua da lama, declaro ainda que fui devidamente informado e esclarecido pelo Pesquisador Responsável sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Assinatura

.....

Local

e

data

.....

⁶⁹Obrigada pela sua atenção.

Rubrica do pesquisador:_____ Rubrica do responsável legal:_____

ANEXO 2 – Parecer Consubstanciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – UFES

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: LAZER NOTURNO E TRAJETOS DA RUA DA LAMA

Pesquisador: SAULO KUSTER

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 17570419.0.0000.5542

Instituição Proponente: Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.733.173

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de mestrado que tem por objetivo analisar e compreender os trajetos de lazer noturno produzidos na Rua da Lama, visando sistematizar conhecimentos que possam subsidiar e potencializar as políticas de lazer. Propõe a realização de observação etnográfica (com registro em diário de campo) e entrevistas semi-estruturadas com 20 pessoas que frequentam regularmente (ao menos 2 vezes ao mês) a rua da lama no bairro de Jardim da Penha, Vitória.

Objetivo da Pesquisa:

Como objetivo primário indica analisar e compreender os trajetos de lazer noturno nela produzidos. Como objetivo Secundário: descrever a conformação dos trajetos e os sentidos e significados atribuídos aos seus espaços, através das pessoas que a frequentam.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Considera presença de riscos mínimos, que podem ser perspectivados como a possibilidade de uma avaliação e/ou exposição negativa das informações prestadas

pelo informante, constrangimento diante de alguma pergunta ou assunto abordado e, fadiga, pela duração das entrevistas. Garante ao participante direito de buscar indenização diante de eventuais danos comprovadamente decorrentes da pesquisa e de desistir de participar da pesquisa a qualquer tempo. Indica que os benefícios advindos da participação estão relacionados à possibilidade da abertura de debates entre os participantes envolvidos, bem como, a ampliação da

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

Bairro: Goiabeiras

CEP: 29.075-910

UF: ES

Município: VITÓRIA

Telefone: (27)3145-9820

E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com

produção teórica com possíveis reflexões no campo acadêmico e da política pública de lazer.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa atende aos preceitos éticos de pesquisas com seres humanos conforme resolução 510/2010 CNS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentou termos obrigatórios, tendo atendido às solicitações feitas por este CEP em parecer anterior.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|--------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROJETO_1380426.pdf | 18/11/2019 14:31:53 | | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | Projeto_envio_Plataforma_brasil.doc | 09/10/2019 15:28:44 | SAULO KUSTER | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | tcle.docx | 09/10/2019 15:23:38 | SAULO KUSTER | Aceito |
| Folha de Rosto | folhaderosto.pdf | 11/07/2019 07:54:49 | SAULO KUSTER | Aceito |
| Outros | roteiroentrevistas.docx | 19/06/2019 13:12:14 | SAULO KUSTER | Aceito |

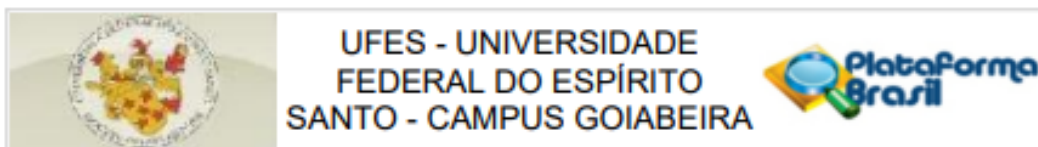
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Fernando Ferrari,514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN
Bairro: Goiabeiras **CEP:** 29.075-910
UF: ES **Município:** VITORIA
Telefone: (27)3145-9820 **E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com



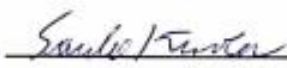


Continuação do Parecer: 3.733.173

VITORIA, 28 de Novembro de 2019

Assinado por:
KALLINE PEREIRA AROEIRA
(Coordenador(a))

ANEXO 3 – Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP
FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

| | | | |
|--|---|---|---|
| 1. Projeto de Pesquisa: LAZER NOTURNO E TRAJETOS DA RUA DA LAMA | | | |
| 2. Número de Participantes da Pesquisa: 20 | | | |
| 3. Área Temática: | | | |
| 4. Área do Conhecimento: Grande Área 4. Ciências da Saúde, Grande Área 6. Ciências Sociais Aplicadas, Grande Área 7. Ciências Humanas | | | |
| PESQUISADOR RESPONSÁVEL | | | |
| 5. Nome: SAULO KUSTER | | | |
| 6. CPF: 153.898.077-07 | 7. Endereço (Rua, n.º): ES-146 SANTA MARIA DE MARECHAL MARECHAL FLORIANO ESPIRITO SANTO 29255000 | | |
| 8. Nacionalidade: BRASILEIRO | 9. Telefone: (27) 3288-1405 | 10. Outro Telefone: | 11. Email: saulokust@hotmail.com |
| <p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do paramProjeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao paramProjeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p> | | | |
| Data: 18 / 06 / 2019 | |  Assinatura | |
| INSTITUIÇÃO PROPONENTE | | | |
| 12. Nome: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO | | 13. CNPJ: 32.179.103/0001-93 | 14. Unidade/Orgão: Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo |
| 15. Telefone: (27) 4009-2636 | | 16. Outro Telefone: | |
| <p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p> | | | |
| Responsável: Prof. Otávio Guimarães T. da Silva | | CPF: 847.176.457-15 | |
| Cargo/Função: Diretor / Cef.d | | | |
| Data: 18 / 06 / 2019 | |  Assinatura | |
| PATROCINADOR PRINCIPAL | | | |
| Não se aplica. | |  Prof. Dr. Otávio Guimarães T. da Silva Diretor do CETD/UFES INSC. 245602 | |